



Andreia de Jesus Dias Barbas

CRESCER A MEIAS

Uma análise sociológica do impacto dos estilos educativos parentais nas relações entre irmã/os.

Dissertação de Mestrado em Sociologia, sob orientação da Professora Doutora Sílvia Portugal, apresentada à Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

Setembro de 2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FEUC FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Andreia de Jesus Dias Barbas

Crescer a Meias

Uma análise sociológica do impacto dos estilos educativos parentais nas
relações entre irmã/os

Dissertação de Mestrado em Sociologia apresentada à Faculdade de Economia da
Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre

Orientadora: Professora Doutora Sílvia Portugal

Coimbra, 2014

ÍNDICE

ÍNDICE DE QUADROS

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	I
1. A(s) família(s) e a(s) Criança(s)	7
1.1 O lugar da/os filha/os	11
“Nós (não) somos tudo para eles”	14
“Uma ajuda extra”	16
“Têm muito orgulho em nós”	20
“São o melhor de nós”	21
2. Os Estilos Educativos Parentais	27
2.1 O Modelo Tradicional.....	30
2.1.1 “Mãos de Trabalho”	33
2.1.2 “Uns são filhos, outros são enteados!”	40
2.1.3 “Bastava abrir os olhos”	45
2.2 O Modelo Modernista.....	49
2.2.1 “Estão sempre presentes na minha vida”	52
2.2.2 “Chega para toda/os”	54
2.2.3 “Sentar e conversar”	56
3. As relações entre irmã/os	59
3.1 O que é um/a irmã/o?	59
3.2 Os Modelos	67
3.2.1 As relações fraternais	67
3.2.2 O Modelo Vinculativo.....	69
“Não há divórcios entre irmã/os”	70

<i>Uma partilha (in)evitável</i>	72
<i>Uma vivência “cerimonial”</i>	73
3.2.3 O Modelo Companheirista.....	75
<i>“Somos a/os melhores amiga/os”</i>	76
<i>“Partilhamos tudo”</i>	78
<i>“Sempre foi fácil”</i>	79
3.2.4 O Modelo de Aliança.....	82
<i>“À prova de tudo”</i>	83
<i>Nunca calha a toda/os</i>	83
<i>“Sempre estive presente”</i>	84
Conclusão	87
Referências bibliográficas	92

ANEXOS

Anexo I - Guião de entrevista a irmã/os em famílias nucleares

Anexo II - Caracterização das profissões e da escolaridade das mães e dos pais das pessoas entrevistadas

Anexo III - Caracterização das pessoas entrevistadas e das situações de entrevista

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Caraterísticas do Modelo Educativo Parental Tradicional	32
Quadro 2 – Caraterísticas do Modelo Educativo Parental Modernista	51
Quadro 3 – Caraterísticas do Modelo Vinculativo	69
Quadro 4 – Caraterísticas do Modelo Companheirista	75
Quadro 5 – Caraterísticas do Modelo de Aliança	82

AGRADECIMENTOS

Esta(s) página(s) pretende(m) espelhar todo o meu reconhecimento, embora saiba de antemão que nunca traduzirá cabalmente o esforço despendido nesta dissertação. Eventualmente, ocuparei mais espaço do que seria expetável, mas sempre me ensinaram a agradecer com sinceridade e humildade todas as dádivas recebidas.

Importa referir que não considero esta dissertação fruto de um mero trabalho individual, mas de um trabalho colaborativo. De facto, usufruí de um visível apoio por parte de uma equipa fantástica que me ajudou a dar forma a este projeto. Importa salientar que a dissertação não foi financiada por uma determinada entidade, mas é resultado de uma faceta altruísta por parte das pessoas que nela colaboraram, sem qualquer retorno financeiro. Encontram-se nestas páginas horas investidas por elas e que, inevitavelmente, foram subtraídas às respetivas vidas privadas – horas dadas por um profissionalismo exemplar, por amor, por amizade, por dedicação, por interesse pela temática abordada, por... Dizem que “Tempo é dinheiro”, eu prefiro a seguinte versão “Tempo é arte, criatividade”.

Desta forma, passo aos agradecimentos propriamente ditos. Assim, obrigada à minha (Des)Orientadora Professora Doutora Sílvia Portugal. Este trocadilho remete para o nosso percurso que foi sempre pautado neste sentido: de me desinquietar, de me desorientar, de destacar o indubitável e até de desfazer para construir melhor. Reuniões atrás de reuniões, cafés atrás de chás, cartolinas atrás de cartolinas, milhares de palavras trocadas (muitas mais pertencentes à linguagem verbal oral do que à escrita, ao contrário do que ela verdadeiramente gostaria!). Obrigada, por um lado, por me acompanhar ao longo deste percurso, que foi muito além da dissertação; por outro, por se interessar, por *estar sempre lá* - como diz a canção «há gente que fica na história da história da gente». Acredite que é verdade.

Um grande e sentido reconhecimento a todas as pessoas que entrevistei. Hoje em dia, a azáfama da vida atual não permite uma rentabilização profícua do tempo. No entanto, trinta e duas pessoas disponibilizaram-no para partilhar comigo as suas próprias histórias de vida. Entrei em muitas casas, vi vários álbuns de família, lanchei com muitas delas, tomei chás e cafés, aqueci-me em algumas lareiras, presenciei sorrisos, lágrimas, gargalhadas, enfim, uma sinestesia de sensações/emoções. O vosso contributo é, realmente, inestimável.

À minha mãe e ao meu pai pelo papel crucial que desempenharam - aliás, como sempre - ainda que não seja claramente perceptível nesta dissertação. Cabe-me mencionar que grande parte do trabalho de bastidores foi realizado por eles. Obrigada, uma vez mais, pelo apoio incondicional concedido. Sou uma sortuda em ter-vos nas várias vertentes da minha vida.

Ao Duarte poderia agradecer várias coisas, mas destaco o mais importante: o seu grande exemplo em termos académicos e profissionais. Ele empenha-se, de facto, naquilo que faz. Estar com ele ao longo destes anos e vê-lo lutar, diariamente, para atingir os objetivos dele, faz-me acreditar que não posso desistir dos meus e que tenho de me superar continuamente.

Às mulheres da minha família, na medida em que são um exemplo de luta e de resiliência.

Às minhas grandes amigas e amigos por persistirem no incentivo, na sequência das minhas inúmeras lamentações ao longo deste ano (que não foram nada poucas, diga-se em abono da verdade!) – Inês Esteves, Cláudia Sabença, Filipa Bernardo, Cláudia Capitão, Sílvia Silva, Paula Santos, Luís Miguel, Pedro Carrapiço, Carla Cardoso, Elvira Leites, Rute Marques e Kali.

Às minhas colegas pelo contributo dado, ao longo deste ano, sob a forma de uma troca informal de palavras - Merielly Pereira, Jennifer Jesus e, em especial, à Rita São Marcos.

Ao Professor Doutor Paulo Peixoto pela solidariedade manifestada e à Professora Doutora Paula Abreu pelas suas palavras de alento nas idas ao 410.

À Doutora Margarida Barroso - embora não nos conheçamos pessoalmente – que, desde o início da nossa troca de *emails*, me facultou recursos imprescindíveis na minha pesquisa. Também, pelas palavras de incentivo e de apoio dadas ao longo destes meses.

À Professora Doutora Maria das Dores Guerreiro pelo convite endereçado e pela oportunidade que me deu no ISCTE.

À Fatinha pelo enorme e incansável apoio linguístico e ao *designer* Márcio Dias pela representação gráfica da capa.

Por fim, à Dr.^a Sofia Matos por tornar estes últimos meses muito mais confortáveis para mim. Só eu sei o quanto isso significou.

RESUMO

Os estilos educativos parentais têm vindo a ser analisados e caracterizados à luz de diversos critérios, dando conta do impacto que têm na/os filha/os. No entanto, não existem estudos específicos sobre a influência das práticas educativas nas relações entre irmã/os. Esta dissertação pretende contribuir para essa problemática.

A/os irmã/os, ao contrário das restantes relações familiares, têm sido esquecidos pela análise sociológica pela suposta inalterabilidade que as fratrias assumem. Assumindo-se como um estudo exploratório acerca da relação entre estilos educativos parentais e relações fraternais, esta dissertação revela por um lado, a existência de diferentes modelos relacionais entre irmã/os e, por outro, os impactos das práticas educativas das mães e dos pais.

O estudo construiu-se a partir de uma abordagem micro, com base numa metodologia qualitativa, recorrendo a entrevistas semi-diretivas, realizadas a irmã/os inseridos em fratrias. A análise realizada foi, essencialmente, construída a partir das histórias de vida das pessoas entrevistadas.

Com base no material empírico, foram identificados dois modelos tipos ideais respeitantes às práticas educativas, designadamente, um modelo mais tradicional e, por oposição, um modelo de carácter modernista. Se é possível remetê-los para tempos históricos diferenciados, a análise revela que tradicional e moderno se cruzam nas diferentes gerações.

Nas fratrias foi possível identificar três modelos relacionais. Também eles tipos ideais. O modelo vincutivo assente na força do laço de sangue; o modelo companheirista que se baseia nos afetos e na solidariedade entre irmã/os; e, o modelo de aliança em que sangue e afeto têm o mesmo peso na definição das relações.

A investigação revela a importância da relação com os ascendentes na configuração dos laços entre irmã/os, mostrando a relevância dos modelos educativos na definição do modelo de relações fraternais. O modelo educativo parental modernista promove relações fraternais companheiristas, enquanto o modelo tradicional favorece modelo de aliança. O modelo parental híbrido origina o modelo vincutivo entre irmã/os.

ABSTRACT

Parental education styles have been analysing and characterizing from various starting points and they succeed in showing the effects on child. Nevertheless, specific studies about the effects of education practices on siblings' relationships have not been done until now. For that reason, this research dissertation intends to bring new facts and data to feed this complex issue.

Siblings, in contrast to the rest of family links, have not been targeted for a sociological analysis considering that the inalterability of phratrias is fully accepted. As such, the present dissertation wishes to give its strongly contribution to show how relevant this matter is. An exploratory study was carried out to understand the relationships between parental education styles and fraternal ties. It reveals on the one hand the existence of different relational models among siblings and on the other hand the effects of parental education practices.

The study was done based on a micro approach, relying on a qualitative methodology and using semi-structured interviews. Brothers and sisters, inserted into phratrias, agreed to be interviewed and their life stories allowed the accomplishment of a remarkable analysis.

Looking at the empirical material two standard-ideal models were identified related to education practices. One is a more traditional model and the other, completely different, is a modernist model. If one looks at such models through different time lines, the analysis indicates that traditional and modern cross each other in different generations.

Going back to phratrias three relational models could be identified and faced as standard-ideal models too. The first is called the binding model where blood ties are viewed as the most important feature; the second is called the companionship model where affections and fraternal solidarity are highlighted; the third is called the covenant model where blood ties and affections have the same weight when defining relationships.

The research plays a crucial role in the configuration of siblings' ties from the relationship with ascendants. It also draws attention to education models when defining the model of fraternal ties. The modernist model promotes fraternal relationships of a companionship nature, the traditional model favors the covenant, the hybrid model foments the binding relationship.

INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas décadas a família em Portugal tem sofrido diversas transformações. As alterações familiares que têm merecido maior atenção situam-se, sobretudo, ao nível da conjugalidade e da parentalidade. Estas duas temáticas centram questões como o aumento da taxa de divórcio, a diminuição da taxa de nupcialidade, o aumento do número de famílias recompostas ou monoparentais, a diminuição da taxa de natalidade, o adiamento do casamento e da maternidade e da paternidade, entre outras. Contudo, a análise destas mudanças de carácter quantitativo e relacional nunca discutem o seu impacto na dimensão e nas características das fratrias.

A/os irmã/os têm ficado à margem da análise sociológica, relativamente aos estudos sobre o parentesco (Portugal, 2014). Pouco se conhece sobre as funções deles/as ou sobre as formas como gerem as suas relações. Buisson justifica-o, uma vez que, a/os irmã/os têm sido considerados como “acessórios” familiares das mães e dos pais, desmerecendo a atenção devida, pois ao longo dos tempos, as fratrias têm sido desvalorizadas sob o falso desígnio da sua intocabilidade (Buisson, 2003; Barroso, 2006).

Este trabalho pretende ser um contributo para suprir essa lacuna, articulando o conhecimento disponível sobre as relações familiares na contemporaneidade, e, mais especificamente, sobre as formas e os modos de exercer a parentalidade, e o lugar das crianças na família.

Os estilos educativos parentais têm sido analisados na Sociologia a partir de diversas dimensões e Kellerhals *et al.* (1989) têm feito escola. Os autores apontam que as práticas educativas são equacionadas a partir de cinco critérios: o modo de controlo das mães e dos pais; o grau de autoritarismo; a amplitude do suporte emocional; o grau de permissividade; e, por fim, a forma de comunicação (Kellerhals *et al.* 1989, p. 108).

Widmer (1995) demonstra que as práticas educativas dos ascendentes podem distinguir-se em diversos domínios, a saber: diferentes dinâmicas relacionais e emocionais entre os pais e mães e cada um/a dos/as filhos/as; (in)diferente distribuição de bens e recursos; ao nível dos comportamentos e da concessão de privilégios (demonstração de maior confiança ou pela concessão de maior liberdade a um/a dos/as filhos/as); e, por fim,

pela imposição de tarefas ou serviços (por exemplo, as tarefas domésticas e as obrigações escolares) a cada filha/o (Widmer, 1995).

Em Portugal verifica-se que é recorrente a literatura dar conta do impacto dos estilos educativos parentais nas relações pais, mães e filha/os. No entanto, o esforço de articular essa análise com as relações fraternas não tem sido feito. Por isso, esta investigação visa olhar para a forma como os estilos educativos parentais influenciam as relações entre irmã/os.

O modelo analítico pretendeu abordar uma série de dimensões: procurou-se conhecer as relações que cada irmã/o tem com cada membro da família; as (possíveis) mudanças relacionais existentes ao longo da vida e, de uma forma mais específica, após o nascimento de cada irmã/o; o quotidiano da família, quem faz o quê, e com quem, a distribuição das tarefas, descrição das rotinas familiares; como se caracterizam as práticas educativas das mães e dos pais a partir das suas dimensões; e, por fim, as formas de lidar com a prestação dos cuidados na família.

O carácter essencialmente exploratório do trabalho orientou a investigação para uma abordagem qualitativa. Como estratégia de pesquisa e técnica principal foram realizadas entrevistas semi-diretivas. Estas entrevistas tiveram como objetivo obter factos, práticas, comportamentos, opiniões e atitudes. Ouvir a/os entrevistada/os e, a partir dos seus discursos, reconstituir trajetórias, sentidos e significados, de forma a explicar e interpretar as relações entre irmã/os à luz dos estilos educativos parentais¹. Esta técnica distingue-se, primeiramente, pela comunicação existente entre a/o entrevistador/a e a/o entrevistada/o, privilegiando a interação. Encontra-se, aqui, um elevado grau de profundidade, que permite às pessoas entrevistadas pronunciarem-se nos seus próprios quadros de referência, na sua própria linguagem e segundo as suas categorias mentais (Quivy & Campenhoudt, 2008).

O grupo-alvo da dissertação foram dois grupos etários de irmã/os, designadamente, dos dezasseis aos trinta anos, e a partir dos quarenta e cinco, em famílias nucleares e inseridos em fratrias. A escolha dos dois grupos etários fez-se por referência à data

¹ O guião de entrevista pretende dar uma grande margem de liberdade às entrevistadas e aos entrevistados contendo apenas questões gerais e linhas orientadoras. O guião de entrevista encontra-se no Anexo I.

histórica do 25 de abril de 1974. Pretendeu-se identificar as práticas educativas e os modelos familiares quer num período anterior à revolução, quer num período posterior, de forma a identificar o peso da democratização nas práticas e representações familiares.

Foram realizadas trinta e duas entrevistas, respondendo a diversos critérios: etário, a partir dos intervalos mencionados anteriormente; geográfico, sendo as cidades de Coimbra, Lisboa e Portalegre privilegiadas devido ao acesso a contatos pessoais; contexto do local de residência das famílias de origem (rural ou urbano); condição socioprofissional das famílias de origem; dimensão numérica das fratrias, binárias, tríades ou alargadas; e, por fim, o tipo de fratria, masculina, feminina ou mista.

As entrevistas realizaram-se sempre a dois elementos da fratria, sem exceção, isto é, pretendeu-se sempre ouvir dois/duas irmã/os de cada fratria. Esta opção metodológica não foi feita de forma a comparar os discursos da cada irmã/o mas sim, de forma a trazer maior riqueza e diversidade de informação. Entrevistar todas as pessoas de cada fratria seria, uma opção claramente inviável, não só pela dificuldade em agendar entrevistas com toda/os a/os irmã/os, como também resultaria numa amostra muito diminuta. Assim, foram escolhidas duas pessoas por fratria de forma a diminuir as fragilidades que a análise do discurso apenas de um membro comporta².

Ao nível da dimensão das fratrias foram entrevistadas sete fratrias binárias (compostas por duas pessoas), quatro fratrias tríades (compostas por três pessoas) e cinco fratrias alargadas (isto é, fratrias compostas por quatro ou mais elementos). Em relação ao tipo de fratrias contempladas na amostra: nove mistas, especificamente, constituídas por irmãos e irmãs; três femininas, compostas apenas por irmãs; e, por fim, três masculinas, formadas apenas por irmãos.

As pessoas com quem conversei surgiram, inicialmente, dos meus contatos pessoais e da minha orientadora, seguindo, depois a estratégia em bola de neve. O número de horas total de entrevistas foram trinta e uma horas, sendo, o tempo médio de duração de entrevista cerca de uma hora.

A situação de entrevista exprime uma clara relação de poder, pois a pessoa entrevistada parece estar a ser “posta à prova” e preocupa-se em dar “as respostas certas”.

² Margarida Barroso (2006) aponta a complexidade desta questão.

Se nas temáticas com um carácter mais geral e consensual esta questão é decisiva, quando se fala na família, adquire um significado peculiar. O que é que é suposto dizer sobre a família? Esta discussão assume contornos mais marcantes, especialmente, nas classes sociais mais baixas e com menor escolarização. Em vários momentos, aquando do pedido de entrevista, ouvi expressões como “mas eu não percebo nada dessas coisas, eu não tenho grandes estudos”, ou questionavam-se “vamos lá a ver se eu a posso ajudar”. As pessoas desconsideravam o seu conhecimento de vida, uma vez que, o resultado seria um trabalho académico. Para além disso, o receio das pessoas entrevistadas sobre o que é dito ao longo da conversa, também deve ser mencionado. Embora, a questão do anonimato seja assegurada, falar sobre “os seus” assume um carácter preponderante, na medida em que as pessoas se preocupam em conter as palavras. Por tudo isto, as situações de entrevista nem sempre foram fáceis de gerir. Se na maioria dos casos foi fácil estabelecer uma grande relação de empatia, em outros, tornou-se mais complexo³.

A escolha do local das trinta e duas entrevistas foi sempre realizada pelas pessoas entrevistadas, para que se sentissem mais confortáveis. Identificam-se, maioritariamente, a casa das/os entrevistadas/os, e os cafés como locais privilegiados. As entrevistas realizadas em casa da/os entrevistadas/os permitiram conversas mais longas do que as que foram feitas em locais públicos. As pessoas que tive a oportunidade de entrevistar nas suas casas contaram-me as suas histórias, sem receios, e com um detalhe muito mais profundo. Há que salientar que a entrevista possui um carácter muito pessoal e, nem sempre, as pessoas estão dispostas a abrir-se, completamente. As entrevistas mais difíceis de realizar foram, claramente, as das gerações mais novas (o intervalo etário dos dezasseis aos trinta anos). Já com o grupo etário dos quarenta e cinco anos, inclusive, foi mais fácil dialogar. Vi, muitas vezes, nas suas expressões, que a entrevista a/os fez recordar “velhos tempos” e quer fossem boas memórias, ou não, alguém a/os estava a ouvir, a ouvir a sua história de vida que era relevante, o que a/os contentava duplamente.

Esta investigação foi desde o início um desafio, principalmente, pela escassa bibliografia sobre a temática em Portugal. Assim, as entrevistas revelaram-se, absolutamente, essenciais, na construção da investigação e foi através delas que consegui responder a este desafio. Foi um grande prazer ouvir todas as histórias, desde as mais felizes

³ As situações de entrevista encontram-se descritas no Anexo III.

às mais conturbadas, pois as pessoas, na sua maioria, abriram-se sem reticências, acolheram-me nas suas casas e contaram-me a história da sua família. À primeira vista parece fácil, mas não o é. Prova disso, foram os sorrisos, os impasses e as lágrimas ao longo das nossas conversas, e a empatia que se criou entre mim e a/os entrevistada/os. Sem dúvida, uma experiência de e para a vida. A maior dificuldade que tive foi distanciar-me das suas vidas, individuais, e analisar sociologicamente as suas histórias, trazendo para o texto desta dissertação um pouco de cada um/a.

O presente trabalho estrutura-se em três capítulos: A(s) família(s) e a(s) criança(s); Os estilos educativos parentais; e, as relações entre irmã/os. O primeiro capítulo diz respeito às transformações ocorridas na família, ao longo das últimas décadas, na sociedade portuguesa contemporânea. A análise articula conhecimento de carácter primário e secundário, recorrendo a fontes documentais e ao discurso dos/as entrevistados/as. Analisa-se a evolução dos indicadores demográficos que permitiram uma retrospectiva da vida familiar em Portugal nos últimos anos, como também, as alterações ocorridas ao nível qualitativo, através das quais são compreendidas as principais alterações relacionais nas famílias portuguesas. Olha-se, com mais detalhe, para as funções da criança, a partir das propostas de Cunha (2005), e para a imagem e o lugar da criança, seguindo Kellerhals *et al.* (1989).

O segundo capítulo refere-se às práticas educativas parentais. A partir das dimensões analíticas apresentadas por Kellerhals *et al.* (1989) e Widmer (1995) sobre as práticas educativas identificaram-se dois modelos tipos ideais nas fratrias entrevistadas, sublinhando-se que estes modelos são construídos a partir dos discursos dos/as filhos/as sobre as práticas das suas mães e dos seus pais, sem que a versão destas/es tenha sido ouvida. O primeiro modelo identificado – tradicional – distingue-se por práticas educativas desiguais, hierárquicas e patriarcais. A criança neste modelo educativo assume um papel, consideravelmente, irrelevante do ponto de vista emocional, e consideraram-se essencialmente as funções instrumentais da/os filha/os. A desigualdade sexual é marcante neste modelo e a forma de comunicação predominante é não-verbal. Por oposição, reconhece-se a existência de um segundo modelo educativo parental - modernista. Neste modelo as crianças alcançam um lugar de destaque na vida das mães e dos pais, sendo a dimensão afetiva primordial. O suporte emocional por parte dos ascendentes é elevado.

Este modelo é mais democrático, existe um esbatimento das desigualdades de género e a comunicação implica a verbalização. A negociação e a reciprocidade são, ainda, dimensões relevantes neste modelo educativo. Por fim, no terceiro e último capítulo são analisadas as relações entre irmã/os. Olham-se os laços entre irmã/os, identificando-se três modelos de relações fraternais. O modelo vinculativo, que evidencia a importância do laço de sangue; o modelo companheirista assente no amor fraternal; e, por fim, o modelo de aliança, que é construído sobre o laço biológico, mas desenvolve-se com base na dimensão afetiva ligando indelevelmente sangue e amor fraternal.

Finalmente, na conclusão, a partir da hipótese de trabalho que postula o impacto dos estilos educativos parentais nas relações entre irmã/os, é feita a ligação entre as práticas parentais e as relações fraternais. O modelo educativo parental modernista favorece relações entre irmã/os companheiristas; as práticas parentais tradicionais sugerem relações fraternais de aliança; e por fim, a aplicação de um modelo-híbrido assente quer em práticas tradicionais, como também em práticas modernistas estimula relações entre irmã/os de carácter vinculativo.

I. A(S) FAMÍLIA(S) E A(S) CRIANÇA(S)

Ao longo das últimas décadas, em Portugal, tal como na maioria dos países industrializados, têm ocorrido grandes transformações ao nível da família. Os indicadores demográficos evidenciam as principais mudanças que ocorreram na família nas últimas décadas: a redução do número de casamentos; o aumento do número de divórcios; a diminuição da natalidade e a diminuição do índice sintético de fecundidade; o aumento do número de casais sem filhas/os; o crescimento dos nascimentos fora do casamento; o aumento da taxa de escolarização; e, por fim, o prolongamento das carreiras escolares (Almeida e Wall, 1995; Guerreiro *et al.* 2007; Marques, 2008). Também a entrada no casamento é feita mais tardiamente, tanto para as mulheres, para os homens, e a média de idade para ser mãe pela primeira vez - por vezes, a única experiência materna - aumentou, crescem os agregados de pessoas sós, principalmente, constituídas por idosos (Guerreiro, *et al.*, 2007).

Como refere Karin Wall (2005), se fizermos uma leitura mais geral destacam-se duas transformações nas famílias portuguesas. A primeira transformação diz respeito à privatização da família. Embora, este fenómeno tenha ocorrido mais cedo em outros países, em Portugal só a partir da década de 60 começam a existir os primeiros sinais: maior autonomia residencial do casal; inserção das mulheres no mercado de trabalho; relações mais companheiristas dentro dos núcleos familiares; mas, também, um certo fechamento da família nuclear, associado a um novo quotidiano e a uma nova dinâmica conjugal (Wall, 2005). A segunda transformação prende-se com a «individualização» das pessoas. Esta alteração foi menos marcada que a anterior, e identificou-se apenas em “meios sociais mais favorecidos”. Neste processo várias questões emergem: o casal procura um equilíbrio entre a independência individual e as responsabilidades familiares e sociais; maior investimento na carreira profissional da mulher; práticas autónomas relativamente à gestão financeira e aos tempos de lazer; abertura ao exterior de todos os membros familiares; e, por fim, uma maior centralidade no casal, isto é, privilegia-se a relação entre os elementos que o constituem (Wall, 2005).

As mudanças da família ao nível demográfico quantitativo, e, também, ao nível relacional e comportamental são visíveis. O papel da mulher e a sua entrada no mercado de trabalho,

os objetivos da união conjugal, os quotidianos familiares e o lugar da criança sofreram uma grande mudança, com variações consoante a localização geográfica, a classe socioprofissional, o nível de escolaridade e as práticas religiosas (Almeida e Wall, 1995).

No Relatório “Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança” (2013) podemos verificar que em Portugal a dimensão média das famílias reduziu significativamente ao longo dos últimos cinquenta anos, pois em 1960 o número de pessoas por núcleo familiar era de 3,8 pessoas, já em 2011 verificam-se apenas 2,6 pessoas por família (Instituto Nacional de Estatística, 2013). Relativamente à evolução por tipo de família entre 1960-2011, aumentam: as famílias unipessoais pois, cada vez mais, existem mais pessoas idosas e pessoas jovens a viver sozinhas; as famílias monoparentais, em que por norma a mãe fica com filha/os a cargo (sobretudo devido a ruturas conjugais); as famílias reconstituídas, que correspondem a investimentos em novas relações conjugais; e, por fim, os casais que desenvolvem novas formas de coabitação. Distingue-se, assim, um cenário bem diferente dos das décadas anteriores.

A nupcialidade em Portugal também tem mudado muito nas últimas décadas. Tal como na maioria dos países da Europa ocidental, regista múltiplas variações até 1975 e, a partir dessa data, sofre um declínio até aos dias de hoje, exceto pequenas oscilações. Em 1960 a taxa de nupcialidade era de 7,8%, em 2001 passa para 5,6% e, em 2012 para 3,3% (Pordata, 2014). Diversas variáveis mostram que a diminuição da taxa de nupcialidade não traduz, obrigatoriamente, uma crise na família, são elas: as novas formas de viver a conjugalidade – coabitação e união de facto - sem a formalização; adiamento da idade de entrada no casamento (Almeida e Wall, 1995; Leite, 2003). Como refere Segalen (1999), até à década de 70 não se conhecia outra forma de criar uma família que não fosse o casamento (Segalen, 1999). Desde então os valores associados ao matrimónio sofreram alterações, dado que, a partir de 1960 os casamentos civis têm vindo a aumentar e, cada vez mais, aumenta o número de filha/os fora do casamento (em regime de coabitação, ou não) que se pode aliar à crescente laicização da população portuguesa, tomando, de qualquer forma, diferentes contornos consoante as zonas do país (Almeida e Wall, 1995). Os ciclos de vida alteraram-se e, conseqüentemente, a função do “casamento tradicional” similarmente, nas palavras de Segalen

O casamento «tradicional» servia para as jovens se instalarem na vida. Hoje, já não lhes é útil, visto terem adquirido a sua autonomia na sexualidade, na maternidade, no trabalho. As mulheres conduzem hoje o jogo matrimonial, coabitando e, seguidamente, optando por se casarem e por terem filhos mais tarde que outrora, de modo a protegerem o seu futuro profissional. (Segalen, 1999, p. 158)

E os que casam? Porque o fazem? Não importa conhecer apenas a conjugalidade em números e percentagens, mas sim entender em maior detalhe, numa análise microsociológica dos comportamentos conjugais. A tipologia de famílias apresentada por Sofia Aboim e Karin Wall (2002) é importante para a análise da conjugalidade porque nos esclarece relativamente à dinâmica interna da família. As autoras identificam quatro tipos de família, afirmando haver uma evolução gradual entre elas: a «família de instituição», caracterizada por desígnios de sobrevivência e pela subordinação total ao casamento; a «família de aliança», embora seja igualmente institucionalizada, o amor romântico pauta o início da união; a «família de fusão», onde prevalece o amor romântico e a igualdade entre os cônjuges, e há uma recusa da tradicional instituição; e, por fim, a «família de associação» que se caracteriza pelo individualismo sobre o “nós conjugal” (Aboim e Wall, 2002). Tudo isto nos revela um grande processo de mudança, pois a conjugalidade altera-se na sua forma, mas também as aspirações para viver em conjugalidade mudam, e as razões para enveredar por uma vida a dois são diferentes, comparativamente, com as décadas anteriores.

O divórcio é outro indicador que tem vindo a sofrer claras alterações. Em 1960 os dados apontam apenas para 1,1%, em 2001 passa para os 32,3% e em 2012 para 73,7% (Pordata, 2014). A rutura voluntária do casamento aumenta em grande número e o casamento deixa de ser uma realidade para toda a vida (Almeida e Wall, 1995). A diminuição da mortalidade também contribuiu para este indicador, uma vez que, nas sociedades desenvolvidas, nas quais a esperança média de vida é maior, é possível que um casamento dure cinquenta anos e, por isso, os conflitos inerentes à vida conjugal acresçam (Saraceno e Naldini, 2003). Segalen (1999) também se questiona sobre esta questão “Não estará o divórcio de certa forma presente, implicitamente, desde a constituição do casal?” (Segalen, 1999, p. 163). Como a autora refere, hoje em dia, os valores que, normalmente, estão associados à constituição do casamento prendem-se com a felicidade e o amor, o vínculo matrimonial ser menos opressivo pela facilidade da rutura, e poder ser apenas uma fase temporária na vida de uma pessoa. Assim, pode-se pensar no divórcio como um componente das novas formas matrimoniais, pois o casamento pode ser apenas uma fase

de vida, entre muitas outras. Como afirmam Ana Nunes de Almeida *et al.* pode olhar-se para o divórcio como um “sinal do avanço dos valores individualistas, afetivos e privados que cada vez mais enquadram e reconfiguram a conjugalidade” (Almeida, *et al.*, 2004, p. 29).

U. Beck (1992) a respeito do conflito na família também refere que estes começam a surgir com a possibilidade de as pessoas poderem escolher os seus caminhos futuros, com a liberdade e com a consciência que não existia até então (mobilidade profissional, divisão das tarefas domésticas, cuidados com as crianças, contraceção, sexualidade, etc.). Isto é, tendo as pessoas acesso a diversas tomadas de decisão tornam-se conscientes das diferentes consequências e dos diferentes riscos para homens e mulheres e do contraste entre homens e mulheres.

O (novo) papel das mulheres na sociedade portuguesa contemporânea também teve um grande impacto ao nível familiar. As últimas décadas têm sido marcadas pelo aumento da escolarização e a inserção das mulheres no mercado de trabalho. Se por um lado, começaram a ser mais independentes, e os seus caminhos deixaram de estar estritamente marcados, por outro lado, as desigualdades subsistem. A sua entrada no mercado de trabalho não lhes trouxe uma rutura com o tradicional trabalho doméstico, muito pelo contrário. A sua jornada passou a ser dupla: dentro e fora de casa.

Ao longo das entrevistas que realizei foi notório como era difícil ser mulher nas décadas passadas. Os valores que se lhes impunham eram restritos, marcados e pautados, uma vez que, o homem controlava todas as questões. Não só as normas sociais mas, também, o enquadramento jurídico sustentava desigualdade. Como demonstra Elina Guimarães (1986) na sua análise da mulher portuguesa a partir da legislação civil o seu dia-a-dia era medido pelos homens, maridos, ou pais. Embora as mulheres a partir do código civil de 1966 comessem a ter mais direitos, a base era patriarcal. O pai era como um chefe de família, que geria todas as situações como se pode ver através da legislação que vigorava

Mas a regra principal sobre a questão estava no artigo 1674.º, intitulado PODER MARITAL, o que declarava que «o marido é o CHEFE DA FAMÍLIA, competindo-lhe, nesta qualidade, representá-la e decidirem todos os actos de vida conjugal” (Guimarães, 1986, p. 570).

Valores como a passividade e a obediência eram as palavras de ordem para as mulheres. Passavam das mãos dos pais, para as mãos dos maridos. Poucas ou nenhuma opiniões

tinham dentro e fora de casa, e a sua vontade era muito pouco tida em conta. Embora, a classe social e a escolaridade das mães e dos pais condicionasse largamente as práticas, no passado havia sempre constrangimentos de género. A postura das mães, normalmente, era de concordância com os pais. As filhas estavam obrigadas a uma série de regras e submissas a um controlo exacerbado, em comparação com os seus irmãos. Se existiam várias pessoas em casa, eram elas que tinham de ajudar as suas mães, ao contrário dos filhos, que não tinham qualquer obrigação com as tarefas domésticas. Como evidencia Manuel Azevedo sobre o seu envolvimento nas tarefas domésticas

Eu sei que não fazia nada. Eram mais as minhas irmãs. As minhas irmãs é que faziam. Ainda hoje não sei fazer nada. Eu não faço nada (...) Eram as minhas irmãs... Elas é que faziam tudo. (Manuel Azevedo, 63 anos).

Em muitas situações da vida profissional e familiar houve grandes mudanças. Mas, a partir dos discursos das pessoas entrevistadas, foi possível verificar que, embora, as gerações mais novas apresentem contornos comparativamente distintos, a desigualdade de género persiste no exercício da parentalidade.

1.1 | O lugar da/os filha/os

A fecundidade em Portugal tem sofrido uma grande diminuição nos últimos anos. A partir dos anos 70, na segunda revolução contraceptiva, a pílula anticoncepcional e o dispositivo intrauterino vieram atribuir aos casais o controlo da fecundidade. A maternidade e a paternidade passou a ser uma opção, na vida do casal, e não uma questão forçosa na vida a dois (Segalen, 1999; Cunha, 2005). A segunda revolução facultou também às mulheres a dissociação da sexualidade da procriação e do casamento, isto é, esta deixa de ser uma sequência obrigatória (Segalen, 1999; Saraceno e Naldini, 2003; Almeida, *et al.*, 2004).

No Relatório “Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança” podemos observar, em maior detalhe, a evolução das estruturas familiares e a sua relação com a fecundidade nas últimas décadas. A percentagem de casais sem descendentes aumentou ao longo dos anos, como se pode verificar através dos valores em 1991, 2001 e 2011 foi, respetivamente, 32%, 35% e 41%. Contrariamente, o número de casais com filha/os diminuiu de 68%, 65% e 59% respetivamente, para os anos de 1991, 2001 e 2011. Em maior detalhe, conseguimos

observar que em relação ao número de filha/os há uma tendência para um/a única/o, pois em 1991 os valores apontavam 44%, em 2001 para 51% e em 2011 sobe para 55%. Os casais com dois descendentes evidenciam o mesmo padrão em 1991 e 2001 com 39%, já em 2011 passa para 38%. Os casais com três ou mais filha/os é o valor com uma maior taxa de variação, uma vez que, em 1991 se encontram 17%, em 2001 desce para 11% e, por fim, em 2011 para 8%. A idade média da primeira experiência de maternidade também aumenta de 25 anos em 1960, para 26,5 anos em 2000 e 29,2 anos em 2011 (Pordata, 2014). Isto significa que não só a dimensão média das famílias diminuiu, como também o número de casais sem filha/os aumentou, o que indica, nitidamente, uma diminuição média das fratrias e, igualmente, uma diminuição de fratrias.

Como explicam Ana Nunes de Almeida *et al.*, o 25 de abril não passa despercebido quando se fala na diminuição da fecundidade. Foi através de políticas públicas e no lançamento de programas específicos de implementação ao acesso do planeamento familiar que se configuraram as novas práticas de saúde reprodutiva (Almeida, *et al.*, 2004, p. 31). Estas políticas de promoção e de acesso à contraceção trouxeram, também, outros “serviços de saúde ligados à reprodução que asseguram no terreno uma boa cobertura em matéria de cuidados básicos, no que toca ao acompanhamento da gravidez e assistência no parto” (Almeida, *et al.*, 2004, p. 37). Todo este processo não só surtiu um efeito ao nível da saúde reprodutiva, como também “educou” para uma nova perspetiva da parentalidade.

Vanessa Cunha (2005) refere várias questões que caracterizam a fecundidade na sociedade portuguesa na contemporaneidade. Assistiu-se a uma diminuição do índice sintético de fecundidade e à generalização do número de descendentes - entre um e dois filha/os – padrões de fecundidade muito dissemelhante aos que existiam. Ao nível das aspirações, não há uma recusa da maternidade, ao contrário, do que possa ser pensado à primeira vista, mas passa sim, a existir uma fecundidade planeada, e os motivos da “intenção” de procriar são, claramente, distintos. Ao nível das representações, encontra-se uma maior homogeneidade, na medida em que há uma “normatividade cultural forte” que posiciona a maternidade em dois descendentes, e desde cedo se confirma que as mulheres constroem um ajustamento entre “descendência-modelo” e “descendência-possível”. Ao nível das práticas pro-criativas das mulheres portuguesas, a descendência real, raramente, vai ao encontro das metas traçadas inicialmente por questões económicas, “mau

relacionamento conjugal ou parental e de natureza pessoal, como a idade avançada, a falta de saúde ou a falta de disponibilidade” (Cunha, 2005, p. 457).

Como referem Kellerhals *et. al.* (1989) um conjunto de fatores estão subjacentes à queda da fecundidade. Pode-se pensar no crescimento de oportunidades estruturais que ofereceram às pessoas um conjunto de bens e de trajetos possíveis. A modernização também permitiu a separação entre a organização familiar e as empresas de produção, diminuindo o controlo das pessoas mais velhas, sobre as mais novas, acerca da necessidade de perpetuação da fecundidade, e igualmente, a imagem do papel mulher-mãe. A intenção de ter filha/os passa a desenvolver-se mediante uma análise do “custo-benefício”, na qual as pessoas deliberam os caminhos das suas vidas e conseguem planificar as situações ou os acontecimentos (Kellerhals, *et al.*, 1989, p. 94). Deve tentar-se compreender os critérios que estão subjacentes a essa análise de “custo-risco-benefício”, e daí interrogarmo-nos sobre as funções da criança para as famílias contemporâneas, que papel ou que papéis é que elas assumem nas famílias?

A criança na sociedade contemporânea passa a ser considerada um custo e um bem de consumo afetivo, ao invés, de ser *capital* para as mães e para os pais. Para Hoffman e Hoffman a/os filha/os podem ter oito funções para as mães e para os pais: em primeiro lugar, ter um/a filho/a pode ser uma forma de identidade social e do *status* de adulto; um alargamento do *self* a uma entidade mais ampla; a maternidade e a paternidade podem também ser vistas como uma forma de mudança, do imprevisto, da novidade; podem surgir também da necessidade de criatividade, de autorrealização; a/os filhas/os podem ser olhados também como uma fonte de exercício de poder, ou da influência; uma forma de manifestar prestígio ou *status*; e, por fim, uma utilidade económica direta ou indireta da criança (Hoffman e Hoffman *apud* Kellerhals *et al.*, 1989, p. 98).

Vanessa Cunha (2005) sublinha que na sociedade portuguesa o lugar da criança posiciona-se entre um passado e um presente. O primeiro caracterizava-se por descendências numerosas e necessárias para o “bom funcionamento da vida familiar e doméstica”, o segundo, caracteriza-se por descendências reduzidas de forma a “satisfazerem expectativas afetivas” (Cunha, 2005, p. 1). A questão que coloco nesta dissertação é exatamente a mesma que Vanessa Cunha abordou na sua análise

Será esta ruptura com o passado assim tão profunda? (...) São inegáveis as transformações no domínio da fecundidade, se mais visíveis ao nível das práticas, também marcando presença ao nível das representações. E quanto às funções dos filhos na família? Será que sobre eles apenas recaem expectativas de ordem sentimental? (Cunha, 2005, p. 1).

A partir das funções propostas por Kellerhals *et al.*, Cunha (2005) procurou dar conta das funções que as crianças assumem na família portuguesa. Centrou a sua análise em quatro dimensões distintas, a saber: afetiva, instrumental, estatutária e expressiva. Na análise das entrevistas que realizei, sigo a proposta de Vanessa Cunha (2005), tendo sido possível identificar nos discursos das pessoas entrevistadas estas diferentes dimensões.

“Nós (não) somos tudo para eles”

Na perspetiva da autora, na dimensão afetiva entende-se a criança como uma gratificação para a vida familiar. Esta dimensão é, sem dúvida, a mais pautada pelos tempos, isto é, a maior parte das famílias passaram a configurar os seus quotidianos em torno das crianças, coisa que não acontecia no passado - um passado muito próximo. Segundo Vanessa Cunha, nesta perspetiva, a criança pode ser considerada uma “fonte de alegria”, “um amor para toda a vida”, “uma fonte de alegria para os familiares” ou um “símbolo do amor entre os pais (2005, p.4). Nos discursos das pessoas que entrevistei foi possível identificar, nitidamente, as grandes variações que se encontram ao nível desta dimensão ao longo dos tempos. Se por um lado, as gerações mais novas revelam traços da receção de carinho e de afeto, como podemos ver, através dos testemunhos das pessoas entrevistadas nas gerações mais velhas, raramente, a dimensão afetiva assume um valor significativo. Mas não quer isto dizer, que as mudanças tenham sido lineares. Porque é possível identificar traços de pouca afetividade no passado, tal como no presente e vice-versa.

Beatriz ao longo da entrevista afirma, várias vezes, que a sua relação afetiva com a mãe e o pai era praticamente inexistente. O seu quotidiano era marcado por episódios de grande violência, escassa convivência e os afetos, simplesmente, não tinham espaço para existir. Ilustra-o

Se eu lá fosse, que ia lá [a casa da mãe]... Ela nunca dizia assim, filha, faço-te um cházinho. Não é? Não eram horas, porque eram quase horas de jantar porque eu ia quando saía do serviço, mas nunca teve, nunca, nunca teve aquela... Como as mães têm... venham cá que eu faço-vos o jantarinho ou quando uma filha chega, então, não querem um cházinho? Nem que fosse um cházinho, ou à neta (...) e tinha, o mais engraçado é que ela tinha. (...) Porque ela dizia muitas vezes assim, ah, eu estou sempre a dizer que não me

deem nada, mas deem-me carinho. Eu depois dizia-lhe, mãe, como é que nós lhe podemos dar aquilo que nós nunca recebemos? A minha mãe nunca nos deu carinho. (Beatriz Ferreira, 62 anos)

Também Maria Lima ao falar sobre a relação com a sua mãe, refere que nunca sentiu qualquer apoio ou afetividade por parte desta. Em vários momentos da entrevista refere que não havia manifestação de afetos, que nunca sentiu amor ou suporte, que nas várias etapas da sua vida, não sentiu em algum momento que fosse uma fonte de felicidade para a sua mãe. Revela, no seu discurso, a posição da mãe com ela e com a irmã

A minha mãe sempre mostrou ter uma postura ofensiva. Sempre a denegrir. Não é que ela dissesse mal de nós, filhas, lá para fora. Mas nunca era capaz de nos defender. Está a perceber? (...) Enquanto hoje em dia têm [a/os filha/os] as mães sempre felizes, por trás, e contentes. (Maria Lima, 45 anos)

Aurora é um exemplo do presente das ausências afetivas. Refere a inexistência de qualquer afetividade na sua relação com o pai. Afirma que o pai projeta nela, e no seu irmão, a sua história de vida e o seu passado conturbado. Isto porque o pai de Aurora se sentiu muito injustiçado pela sua mãe e pai, relativamente à sua irmã, uma vez que, considera que esta teve muito mais oportunidades do que ele e que isso, de alguma forma, condiciona aquilo que ele é para ela, enquanto filha, nas suas palavras:

E esse facto de ele ter problemas com a irmã, de a irmã ser favorecida em casa, porque a irmã estudou até ao 9.º ano, e ele ficou com a quarta classe e teve que ir trabalhar ele sente que eu sou a irmã dele e então, se calhar, não quer dar muita confiança, e acha que tem de ser mau comigo porque alguém beneficiou a irmã dele, assim qualquer coisa. (...) Então a relação não é grande coisa. Limita-se ao básico. (Aurora Belém, 22 anos)

Nuno Costa também ao falar da sua relação com o pai afirma que não existe qualquer dimensão afetiva revelando, mais uma vez, as continuidades de um tempo passado,

Com o meu pai, tanto eu como ele [o irmão] temos este distanciamento que não conseguimos ultrapassar. Quando há um distanciamento entre as pessoas, e toda a gente sabe isso, a gente não consegue ultrapassar esse distanciamento porque nunca fomos habituados a estar para lá daquele nível. Eu não consigo chegar ao pé do meu pai e... rir-me muito com ele por causa de uma piada. O meu pai pode contar uma anedota e ela tem muita piada, e se outra pessoa com quem eu estou mais à vontade contar a mesma anedota, eu sou capaz de com o meu pai não me rir tanto como com outra pessoa. Eu não estou habituado... porque ele nunca me habituou a fazer uma gargalhada em conjunto. (Nuno Costa, 30 anos)

“Uma ajuda extra”

A dimensão instrumental, segundo Vanessa Cunha (2005), pode verificar-se em três funções. A função produtiva através da qual a/os filha/os podem assumir uma “ajuda extra” quer em casa, quer no trabalho. A função de solidariedade material, contando as mães e os pais que os seus descendentes sejam uma ajuda na velhice ou em caso de doença. E, também, a solidariedade emocional pois são uma companhia para toda a vida. Esta dimensão desempenha um papel muito importante nas famílias portuguesas, porque remete para a “obrigação” filial, isto é, uma forma de retribuir o que as mães e os pais já fizeram por eles ou por elas. Como refere Pais (2008), os princípios sobre os quais assentam a solidariedade entre gerações não se alteraram muito, e as “ajudas familiares não deixam de continuar a ser reguladas pelos princípios estabelecidos *a priori* (tem-se obrigação ou o dever de)” (Pais, 2008, p. 39). As minhas entrevistas revelaram que a dimensão instrumental da/os filha/os ainda está muito presente nas famílias portuguesas, resultados que vão ao encontro de Vanessa Cunha (2005). Embora, o trabalho dos/as filhos/as adquira uma expressão mais significativa nas gerações mais velhas e, em zona rurais (nas quais as famílias têm fortes ligações ao trabalho agrícola ou a determinados ofícios, como a carpintaria, serralharia, entre outros), apresenta, igualmente, uma expressão significativa nos dias de hoje, quer pela prestação de cuidados, quer pela parentalização da/os irmã/os mais velha/os.

Os relatos mostram que a contribuição para uma bolsa familiar comum era recorrente. A partir do momento em que a/os filha/os começavam a trabalhar - o que acontecia em idades precoces (entre os dez e os onze anos) - a remuneração auferida pertencia, praticamente, na totalidade à casa, isto é, ao gestor da casa que, por norma, era o pai, o chefe de família. Como refere Manuel Azevedo

Eu e o meu irmão estudávamos, entendíamos bem, mas não passámos da quarta classe porque não tínhamos hipóteses para mais. (...) O meu pai não deixou, era preciso trabalhar na oficina. Eu aos dez anos fiz a quarta classe, aprovado com distinção que era o máximo que havia na altura, comecei a levar o almoço ao meu pai, ao trabalho, e às vezes chegava lá e ele [o pai] perguntava-me, o que é que vais fazer agora? E eu dizia, olha vou rachar lenha para o lume, vou ceifar erva para a burra (...) a ver se pegava. Mas o meu pai dizia... Ficas aí... Vais e afias uns ferrinhos e tal, vais connosco logo à tarde [para casa]. Foi o primeiro dia, foi o segundo dia, e por ali fora. (Francisco Correia, 80 anos)

A contribuição para uma bolsa familiar comum era recorrente. A partir do momento em que a/os filha/os começavam a trabalhar - era muito natural isso suceder ainda com uma idade muito diminuta (entre os dez e os onze anos) - a remuneração que lhes era feita pertencia, praticamente, na sua totalidade à casa, isto é, ao gestor da casa - que por norma - era o pai, o chefe de família. Como refere Manuel Azevedo

Na altura a gente acabava a quarta classe e cada um [da/os irmã/os] arranjava logo emprego. Também era diferente da vida de hoje. Íamos logo trabalhar. Pronto, a teoria na altura era essa, acabava a quarta classe e pronto. (...) Era acabar os estudos e... não havia também dinheiro na altura para manter as pessoas a estudar, eramos seis, ainda que os outros viessem mais tarde (...) Era começar a trabalhar e cada um tinha de se desenrascar por si.

E como é que geriam o dinheiro?

Começávamos a trabalhar e tínhamos de dar... a minha mãe dava-me por semana, ora eu comecei a trabalhar [nome do local de trabalho] ganhávamos parece-me que sessenta e sete escudos, na altura, por semana, ganhava eu. E a minha mãe por semana, dava-me vinte e cinco tostões. Que era para o cinema. (...) Às vezes dava-lhe e a meio da semana pedia-me outra vez, tinha de lhe dar mais. (Manuel Azevedo, 63 anos).

A instrumentalidade da descendência é sobretudo penalizadora para as filhas-mulheres que, muitas vezes, acarretavam com todo o trabalho doméstico, em substituição das suas mães, assim como com o trabalho de cuidado da/os irmã/os mais nova/os. Estas atribuições parecem perdurar no(s) tempo(s) isto é, independentemente da geração, as mães tendem a delegar o trabalho doméstico e, sobretudo, dos cuidados dos mais novos, nas filhas mais velhas.. Como refere Mariana Castro, irmã mais velha, a entrada no mercado de trabalho por parte da sua mãe trouxe-lhe responsabilidades acrescidas, pois concentrou em si uma dupla responsabilidade: cuidar da irmã mais nova e assegurar as tarefas domésticas

Acho que me calhou ali um bocado de responsabilidade em cima, eu já tinha sempre responsabilidade pela Mafalda, não é, que é mais miúda, "Olha sempre pela tua irmã", "Está bem...". E depois aí a minha mãe sai de casa e é ainda mais. (...) Começamos a participar mais nas tarefas de casa porque a minha mãe, ainda por cima, não estava. Antes ajudávamos a minha mãe, aí começámos a fazer as coisas pela minha mãe. A ir estender a roupa, a ir fazer as camas, tudo mais... (Mariana Castro, 24 anos)

Beatriz Ferreira a este respeito foi, visivelmente, sacrificada. Como era a irmã mais velha, de uma fratria alargada, a sua mãe entregou-lhe toda a gestão doméstica e não teve oportunidade de prosseguir os estudos, uma vez que, eram oito pessoas em casa e tinha

irmã/os mais nova/os que precisavam de cuidados. Sendo que a sua mãe trabalhava numa fábrica, teve de transpor essa tarefa para alguém, e foi ela que ficou responsável

Como eu era a filha mais velha a minha mãe não me deixava brincar, nem fazer os trabalhos (...) e a minha mãe achava que eu como era a mais velha tinha de ajudar na lida da casa. E então não estudei, ela não me deixou estudar, fui a única que não estudei. Os meus irmãos todos estudaram, uns de dia, outros de noite porque trabalhavam de dia, mas a minha mãe a mim nunca me deixou porque era a mais velha e depois tive sempre irmãos pequenos. E a minha mãe como trabalhava eu tinha de ficar em casa para cuidar dos meus irmãos, para ajudar na lida da casa, porque ela também trabalhava, não é? (...) Nós eramos oito pessoas lá em casa. Como eu estava desempregada eu é que tinha de fazer tudo lá em casa. (...) Lavava à mão, tínhamos que lavar à mão, a minha mãe nunca teve máquina. Tinha que lavar a roupa da fábrica do meu pai à mão, eramos muitos lá em casa, roupa de cama e tudo. (Beatriz Ferreira, 62 anos)

Aurora Belém, pertencente a uma geração mais nova, não está dispensada das tarefas. Não só domésticas, como apoio no trabalho agrícola. Ilustra como são os seus “tempos livres”

“Como é que é o dia-a-dia da vossa família? Fins-de-semana... ao nível da distribuição de tarefas, tempos livres, férias...”

Não há férias. Pronto, há férias da escola mas não há férias de casa. Nós como vivemos numa aldeia os meus pais têm agricultura (...) ou seja, nunca há férias. Aos fins-de-semana eu e o meu irmão vamos para casa, normalmente, ao sábado se não estiver a chover... ou às vezes há coisas que se podem fazer abrigadas, mas nós temos sempre alguma coisa para fazer [descrição das tarefas agrícolas] nós ajudamos lá em casa, porque também comemos, e estudamos, e gastamos dinheiro, ajudamos sempre a fazer tudo o que é preciso fazer. Nas férias da escola também, trabalhar. Há sempre coisas para fazer. Não há na rua, há em casa (...) Em relação à distribuição de tarefas, os homens fazem o que é dos homens, as mulheres fazem o que é das mulheres. O que é das mulheres é limpar a casa, é fazer a comida, é por a mesa, é lavar a loiça (...) é por roupinha lavada ao lado da cama para quando alguém quiser tomar banho porque abrir armários é complicado, e há pessoas que têm fobia (...)

E as dos homens?

Portanto isto é as mulheres em casa. Os homens em casa é sentados à espera que o jantar fique na mesa (...) na rua trabalha toda a gente por igual, tirar estrume não há cá coisas para homens e para mulheres, é tudo para diante.” (Aurora Belém, 22 anos)

A solidariedade material também tem uma expressão muito forte entre pais/mães e filha/os. Quando se falou ao longo das entrevistas nas questões referentes ao cuidado das mães e dos pais, ou na perspetivação desse cuidado, na sua totalidade, todos revelaram que iriam sempre fazer tudo aquilo que pudessem, pois era a sua obrigação. Isto é, toda/os a/os filha/os assumem que o cuidado das suas mães e dos seus pais é da sua responsabilidade, e

que devem garanti-lo da melhor forma. É mais um momento de retorno, em que a/os filha/os podem retribuir tudo o que lhes foi dado.

Se, por um lado, a divisão do cuidado entre irmã/os nem sempre se perspetiva e gere de igual forma, por outro lado, há sempre alguém enquanto filha/o que assegura essas funções. Em muitos momentos as instituições de apoio (lares, centros de dia, etc.) são referidas como a última instância. A ideia de que o cuidado deve ser assegurado pela família permanece. Há que destacar que não é uma questão geracional, pois não são só as gerações mais velhas que encaram como sendo da sua responsabilidade.

A diferença que se sente das gerações mais velhas, para as gerações mais novas é que, se na primeira lhes era, praticamente, imposto pelas mães e pelos pais que deviam apoiá-los na velhice e era este um dos seus papéis. No segundo caso, na maioria das vezes, os discursos das mães e dos pais são distintos dos anteriores, e consideram que não devem ser um encargo e nem querem sê-lo na vida da/os filha/os. Mas as pessoas até aos trinta anos afirmaram, igualmente, que fariam tudo o que estivesse ao seu alcance quando as mães e os pais precisassem de apoio. Portanto, os descendentes continuam sempre a considerar que é a sua obrigação, mesmo quando as mães e os pais não lhes incutem essa responsabilidade. Embora essa gestão de cuidado seja feita de forma um pouco distinta, porque, mais do que nunca, a/os filha/os encontram-se geograficamente distantes, pensam ajustar-se à situação quando esta suceder. Foi possível identificar isso ao longo das conversas com as pessoas entrevistadas. Como refere Matilde Sá ao falar sobre a velhice da mãe e do pai

Eu sou a que leva estas coisas mais a sério, sabes. Eu sou muito... muito racional nestas coisas e sou muito séria. E quando é para alguma coisa, quando uma coisa tem de ser feita, tem de se fazer. A minha mãe está-me sempre a dizer que quer ir para um lar para não nos dar trabalho e tudo mais. Mas, enquanto, eu puder manter a minha mãe em casa, se não puder ser comigo, mas se puder vir cá todos os fins-de-semana mas, pelo menos, com uma empregada de confiança vou fazê-lo. E o meu pai igual, o meu pai igual. Não vou pô-los num lar. (...) Até porque os meus pais já se fartaram de dizer imensas vezes, quando estivermos velhos, vamos mas é para um lar, e não sei quê. E eu digo, oh pai nem pensar, nem pensar nisso. E ele diz, ah, para não vos dar trabalho, depois vocês estão todos em Lisboa e nós estamos cá no Alentejo. E eu digo, não, não se preocupe. (Matilde Sá, 24 anos)

Como refere Nuno Costa sobre a perspetivação dos cuidados referindo-se, especificamente, à mãe pela sua proximidade emocional afirma

Da minha parte tudo o que eu consiga fazer pela minha mãe eu faço. É um objetivo também de vida, não é? Compensá-la... Retribuir o mais que eu puder o que ela nos deu a nós. E, portanto, se ela tiver um problema de saúde eu vou tentar virar o mundo ao contrário se for possível para ajudá-la o mais que eu puder. Incluindo passar o maior tempo possível com ela (Nuno Costa, 30 anos).

Rita Lima ao falar do pós-operatório da mãe, pois necessitava de alguém, permanentemente, para a vigiar e ela fez questão de assegurar esse cuidado

Eu é que trouxe a minha mãe de Lisboa quando foi operada, foi para a minha casa por uma questão de facilidade, porque era uma casa térrea e, portanto, era muito mais prático. E o meu marido também se disponibilizou para isso. (...) Eu assumi esta responsabilidade por livre e espontânea vontade minha (Rita Lima, 45 anos).

Como os discursos ilustram o cuidado é sempre considerado uma questão privada e pessoal, sendo a/os filha/os a/os principais cuidadores. Cuidam porque é a sua obrigação, porque é uma forma de retribuir tudo aquilo que lhes foi dado ao longo das suas vidas e porque querem estar perto das mães e dos pais nos momentos em que precisam. Se ao contrário das gerações anteriores, a/os filha/os se encontram, atualmente, mais distantes geograficamente, quem está próximo assume, ou quando não está ninguém próximo, fazem-se autênticas “maratonas” para garantir o cuidado. A institucionalização é sempre a última opção pois, socialmente, remete para o “abandonar” e ninguém o quer fazer, nem que se exijam esforços inimagináveis.

“Têm muito orgulho em nós”

Ao nível estatutário Vanessa Cunha identifica quatro funções. A questão identitária, que identifica a realização pessoal. A questão da aquisição de autoridade, que identifica a dimensão do poder e do controlo, assim como a mobilidade social, pois a/os filha/os também são, muitas vezes, incumbidos de realizar os sonhos das mães e dos pais. Por fim, a questão da linhagem, através da qual os descendentes podem perpetuar a famílias e os costumes e património familiar (2005, p. 6). Embora esta dimensão não esteja muito presente nos discursos da/os entrevistada/os, ela surge especialmente nas gerações mais novas, pois as mães e os pais tendem a oferecer e a sacrificar-se pela/os filha/os de forma a “dar-lhes aquilo que elas/es não tiveram”. Como refere Mafalda Castro ao falar sobre o que a sua mãe e o seu pai sentem, uma vez que, estão as duas irmãs na Universidade

Mas sempre foram preocupados, e o meu pai acho que tem bué orgulho por nós as duas estarmos na Universidade, e a minha mãe também. Ficam mesmo

felizes. Além do mais, porque eles trabalharam muito para nós podermos chegar aqui. (Mafalda Castro, 21 anos)

Ainda dentro da dimensão estatutária a função de linhagem foi apresentada por Matilde, uma vez que, o seu pai tem um património vasto e as questões da herança são muito importantes, quer para o seu pai, quer para si, pois a gestão dos bens deve ser feita de forma a perpetuar “os lugares da sua família”

Muitas vezes nós falamos, por exemplo, a herdade é uma casa espetacular e que nós todos gostaríamos de ter. Mas neste momento a única pessoa que tem dinheiro para a manter, se acontecesse alguma coisa ao meu pai seria o Diogo. Portanto, como é que isto podia ser gerido? Já pensámos muitas vezes em fazer uma sociedade. (Matilde Sá, 24 anos)

“São o melhor de nós”

Por fim, a dimensão expressiva que é visível a partir de três funções (Cunha, 2005). Cuidar da/os filha/os pode ser uma fonte de prazer e de felicidade. Também a sociabilidade lúdica, pois a/os filha/os podem ser uma companhia. E, por fim, como agentes socializadores, com ela/es pode-se aprender “coisas novas”. Nas entrevistas, apenas se destacou de mãe, ou seja, a/os entrevistada/os associam os seus cuidados a uma fonte de prazer materno

Com divisões de tarefas a minha mãe sempre foi muito protetora. Ainda hoje a gente acaba de comer e se eu quiser ir lavar a loiça, a gente quase tem de andar à porrada, na brincadeira, para ela me deixar lavar a loiça. Ela quer fazer tudo. Ela é muito protetora, então ela faz tudo. Ela por ela faz tudo. Tanto eu como o meu irmão sempre fomos muito beneficiados nesse sentido em que ela nos... Ela sempre fez tudo por nós a nível das tarefas domésticas. E sempre fez isso com o maior dos prazeres. Para ela é assim que ela quer que seja, para que a gente possa dedicar mais tempo à nossa vida. (...) Ela sempre fez com bastante prazer. (Nuno Costa, 30 anos)

Como refere Vanessa Cunha (2005), podemos ver que não há uma dissociação total das funções tradicionais da criança. Embora, a dimensão afetiva tenha adquirido um grande relevo na sociedade contemporânea, e isso é indiscutível, é de salientar que existem continuidades. As variáveis explicativas para o lugar da criança na família, prendem-se sobretudo com o nível de escolaridade da mãe e do pai e com a classe social. Como Vanessa Cunha (2005) mostra na sua análise, o grau de adesão à dimensão tradicional é tanto maior, quanto menor é a escolaridade da mãe. Também a classe social é indiciadora da concordância ao modelo tradicional, pois quanto mais baixa é a classe social maior é a adesão a um modelo tradicional (Cunha, 2005).

Se as funções da/os filha/os se vieram a alterar ao longo dos tempos, o seu lugar também se alterou. E, conseqüentemente, a sua imagem. O olhar das mães e dos pais, e mesmo da sociedade, em geral, é hoje muito diferente de há cinquenta anos atrás, apesar das questões identificadas nos remeterem para questões subjacentes ao antigo regime demográfico, em Portugal, esta mudança foi um passado muito recente. Segalen (1999) aponta na sua obra a mudança da imagem da criança. Como é mostrado por Ariès duas questões marcaram a emergência da infância: as crianças passam a ser amadas como indivíduos e deixaram “de ser tratadas como adultos em ponto pequeno, passando a ser encaradas como indivíduos com necessidades específicas”, isto é, há uma consciencialização de uma personalidade infantil e permitiu-se um prolongamento dessa mesma infância (Ariès *apud* Segalen, 1999:173). A partir dos finais do século XVIII, o Estado começa a manifestar as primeiras preocupações relativamente às crianças, uma vez que, a taxa de mortalidade infantil era elevadíssima. Começou a pensar-se nas crianças como “um bem coletivo” dado que passariam a ser os futuros cidadãos. Assim, o Estado passou a fazer uma abordagem numa perspetiva coletiva (Rollet-Echalier *apud* Segalen, 1999, p. 183). Foram desenvolvidas políticas no sentido da diminuição da taxa de mortalidade e, simultaneamente, houve uma preocupação assente na perspetiva de que as crianças tinham necessidades médicas e psicológicas (Segalen, 1999, p. 184).

Kellerhals *et al.* (1989) identificam cinco características da infância na família tradicional: a criança crescer fora da família, isto é, alguém fora da família assegura o seu “cuidado”; indiferença dos familiares para com a criança, podendo até chegar a questões de negligência; os tempos e os espaços da/os filha/os não se dissociam da vida dos adultos, ou seja, a criança trabalha e dorme com os adultos, a educação é resultado da experiência direta e da prática; não existe qualquer “sentimento de infância” pois a partir de tenra idade, a criança é vista “como um adulto em miniatura”; e, por fim, a preocupação malthusiana é praticamente inexistente (Kellerhals, *et al.*, 1989, p. 103).

Em vários momentos, os discursos das pessoas entrevistadas foram ao encontro da explicitação do que representava a criança na família tradicional, afirmada por Kellerhals *et al.* Também foi possível identificar as grandes mudanças no estatuto da/os filha/os. As gerações mais velhas sublinharam como em crianças eram muito pouco tidas em consideração. Não existia espaço para elas no quotidiano dos adultos. A interação entre

pais, mães e filha/os era praticamente inexistente, do ponto de vista afetivo e emocional, os adultos articulavam-se entre si e as crianças ficavam à margem de qualquer diálogo. Os quotidianos eram orientados individualmente, poucas atividades eram feitas em conjunto e, as que o eram diziam respeito, na maior parte das vezes, a questões que se prendiam com o trabalho. Parte das pessoas entrevistadas, nas gerações mais velhas, começaram a trabalhar aos dez anos, quando terminavam a quarta classe, ou seja, havia muito pouco espaço para a infância, e impunha-se rapidamente um estatuto de adultos. O início das suas profissões datam essa idade e, a partir daí, começavam a ter responsabilidades e a construir-se enquanto adultos. Esta inexistência da infância e este estatuto de adulto eram sublinhados em função da classe social das mães e dos pais, e da sua escolarização, sendo que, quanto mais baixa era a escolaridade e a classe social das mães e dos pais, mais esta tendência se impunha.

Como refere Rita Albuquerque, na sua casa não havia espaço para qualquer diálogo entre mãe e pai e filhas, ela e a sua irmã, conheciam “as regras” e a/os mais nova/os não tinham espaço para opinar ou mesmo dirigir uma conversa

Se hoje vejo, por exemplo, desde sempre... Os meus sobrinhos, as minhas filhas, não sei quê... Se estamos a falar todos à mesa, o que é normal, toda a gente tem direito a dar a sua opinião, não é verdade? Naquela altura jamais. Eu lembro-me que se tentava, e eu sou um bocado interventiva, eu gosto de me meter. Lembro-me de ter levado tanta vez esta resposta: A procissão ainda não chegou aí. A procissão não mete anjinhos. O que é que isto queria dizer? Que a conversa não era para crianças, portanto, eu devia calar-me. Portanto, não... Ou então, se calhar, se via a minha mãe a falar com a minha tia eu também tentava meter conversa e, imediatamente, a minha mãe me dizia, pchui, caluda, e eu calava-me. Pronto. Já sabia que não valia a pena falar mais, ou então era mesmo isso, não é conversa para miúdos, ou não sei quê. E pronto. Não havia... (Rita Albuquerque, 53 anos)

Em relação ao dia-a-dia familiar e sobre a (falta de) interação entre as mães, pais e filhas Maria Lima diz

Eles também tinham uma vida, estavam tão ocupados com o trabalho que não havia muito esse cuidado... Agora vamos brincar aqui um bocadinho. Não! Não me lembro. Lembro-me de muita vez de estar a brincar sempre sozinha, e com jogos. (...) mas assim atividades com eles [mãe e pai] não. Não me lembro de nada disso, não tenho memória. (Maria Lima, 45 anos)

Também a este respeito, Pedro Carvalho fala sobre a comunicação na sua casa, entre a sua mãe, pai e irmã/os, e menciona que não havia qualquer hipótese de partilha.

E ao nível da comunicação?

Não, não existia. A questão do 25 de abril foi... foi paradigmática. Porque tudo o que estava a acontecer nas nossas escolas, e que nós queríamos partilhar, contar, e trocar impressões, obviamente, havia ali uma forte forma de olhar para aquilo que era... que era do domínio do certo e do errado. Portanto, sempre que tentávamos expressar uma opinião, obviamente, que nos era dito de forma muito clara que estava tudo errado. Até que nós desistimos, portanto, eu fui o último a desistir porque era o mais novo e o mais tontinho, digamos assim. Aquele que se apercebeu mais tarde de que aquilo até incomodava o meu pai. Aquela tentativa de partilha, digamos assim. E portanto, não. (Pedro Carvalho, 49 anos)

As gerações mais novas apresentam uma maior interação com as mães e com os pais, há uma maior abertura, uma maior partilha de momentos e de diálogos. A sentimentalização da criança é preponderante porque esta passa a ter um lugar de destaque nos quotidianos e nas vidas das mães e dos pais e, de certa forma, o dia-a-dia é gerido em função deles. Existem, também, inúmeros momentos de partilha de histórias, de lazer e de diálogo entre a família. As silenciosas refeições passam a ser grandes momentos de confraternização, os fins-de-semana e férias são marcados por momentos entre família e, se possível, com a companhia de toda/os: passeios em família, ver filmes, idas à praia, viagens, entre outras atividades. Machado Pais refere que o que mudou ao nível dos valores, comparativamente às gerações mais velhas foi

É claro que os jovens sempre partilharam valores que são próprios dos jovens – os chamados valores juvenis. Mas a novidade é a capacidade que os jovens revelam em influenciarem o mundo dos adultos; é a permeabilidade que as velhas gerações dão mostra de se deixarem influenciar ou mesmo seduzir por alguns valores juvenis; é, enfim, a tolerância com que outros valores juvenis são encarados pelas gerações mais velhas. (Pais, 2008, p. 40)

Pode afirmar-se que nos discursos das gerações mais novas, definido por Kellerhals *et al.* (1989) pelas seguintes características: o aumento da afetividade entre os membros da família, especialmente, em relação às filhas e aos filhos; o quotidiano das crianças passa a ser separado dos adultos, e há uma preocupação com a educação e com a formação da criança; e, existe uma limitação nos nascimentos, pois há uma preocupação relativamente aos recursos e ao bem-estar de cada filha/o (Kellerhals, *et al.*, 1989, p. 103).

Mais do que nunca a/os filha/os estão próxima/os das suas mães e dos seus pais e a imagem da criança é central. As mães e os pais querem que a/os filha/os estejam presentes e façam parte nas suas vidas, sendo muitas vezes, essa presença uma fonte de felicidade. E essa centralidade vê-se nas práticas, nas vivências e nos quotidianos, que se pautam, na maioria – não podemos afirmar que seja total – pela/os filha/os e pelo seu bem-estar.

Como refere Rodrigo Cunha sobre as férias da sua família

A condição para me deixarem ir de férias com os meus amigos era ir passar uma semana com eles. Ainda hoje, insistem para isso, se não der mesmo, pronto não vai haver grande problema com isso, mas preferem mesmo que pelo menos uma semana de férias num ano vá passar com eles. (Rodrigo Cunha, 23 anos)

Como afirma Mafalda Castro sobre os seus fins-de-semana

Ir a [local] que é onde a minha mãe nasceu, ou ir a um jantar de família, ou ir dar uma volta... Por aí. E voltar para casa. Programas que a gente faça juntos é ir ao café. (...) Ou ir a uma festa, a um arraial. (Mafalda Castro, 21 anos)

Como menciona Matilde Sá sobre as atividades em família

Organizamos imenso tipo almoçaradas na herdade, nos anos... no Natal também estamos sempre todos juntos, e nos fins-de-semana também costumamos juntar-nos. Sim. (Matilde Sá, 24 anos)

2. OS ESTILOS EDUCATIVOS PARENTAIS

As primeiras investigações sobre os estilos educativos parentais couberam à psicologia. A análise de diferentes práticas educativas permitiu construir tipologias de modelos parentais, baseadas em aspetos emocionais e comportamentais na relação das mães e dos pais com a/o dos filha/os. Baumrind (1971) propôs quatro estilos distintos (*apud* Montandon, 2005): o autoritário, que se caracteriza pela fraca comunicação e pelo forte controlo da criança; o permissivo, no qual a criança tem um forte apoio emocional e um fraco controlo, sendo as exigências relativamente a ela baixas; o *authoritative* que se destaca por algum controlo e algum apoio, mas o principal é que as crianças sejam independentes; e, por último, o *uninvolved* quando as mães e os pais têm uma atitude de indiferença para com a/os filha/os, de negligência e até de rejeição (Baumrind *apud* Montandon, 2005).

Na sociologia, Kellerhals *et al.* (1989) mostram que os estilos educativos parentais têm sido analisados a partir do modo de controlo dos pais e das mães sobre o comportamento das crianças, o grau de autoritarismo, a amplitude do suporte expressivo ou emocional, o grau de permissividade e o modo de comunicação entre as mães, os pais e a/os filha/os (Kellerhals, *et al.*, 1989, p. 108). As práticas educativas das mães e dos pais têm sido relacionadas com a classe socioprofissional da família de origem.

Os autores referenciam vários estudos, segundo a análise da relação das práticas educativas com as classes socioprofissionais das famílias. Elucidam, que diferentes estudos em diferentes épocas temporais apresentam resultados dissemelhantes. No entanto, a divergência não é determinante para resultados de carácter mais geral. Kellerhals *et al.* (1989) destacam as generalizações do estudo de Gecas: o modo de controlo nos meios populares é, principalmente, baseada na orientação direta e imediata sendo as punições físicas recorrentes, ao invés, nas camadas superiores, que ostentam uma maior preocupação ao nível das motivações, intenções e finalidades, as punições possuem um carácter simbólico; o autoritarismo encontra-se mais sublinhado nos meios mais desfavorecidos, em detrimento, das classes médias que realçam a igualdade e a negociação; a amplitude do suporte afetivo está, correlativamente, ligado à classe socioprofissional dos ascendentes; o grau de controlo é superior nas classes mais baixas, contrariamente, à autonomia e à independência, que se esperam da criança nas classes mais altas; também, as

expetativas escolares são tanto mais elevadas, quanto mais elevada a classe social das mães e dos pais; por fim, a forma de comunicar é, visivelmente, distinta conforme a hierarquia social, sendo mais personalizada nas classes superiores (Gecas *apud* Kellerhals *et al.*, 1989, p. 109).

Widmer (1995) afirma que as diferenças nas práticas educativas parentais contribuem para as situações de conflito nas fratrias. O autor justifica que o tratamento desigual por parte dos ascendentes pode variar em quatro domínios: ao nível dos afetos, pela existência de dinâmicas relacionais e emocionais entre os pais e cada um/a dos/as filhos/as; ao nível da distribuição de bens e recursos; ao nível dos comportamentos e da concessão de privilégios (demonstração de maior confiança ou pela concessão de maior liberdade a um/a dos/as filhos/as); e, por fim, ao nível da imposição de tarefas ou serviços (por exemplo, as tarefas domésticas e as obrigações escolares) a cada filha/o (Widmer, 1995, p. 61).

Partindo da literatura existente, este trabalho analisa as práticas educativas parentais a partir de quatro dimensões. A primeira, concerne à dimensão instrumental e expressiva, na qual são incluídas as questões relativas à concessão de privilégios, às dádivas – materiais e afetivas –, à (in)existência de afetos, à presença ou ausência de um suporte emocional e as questões ligadas às exigências (escolares, profissionais, etc.) por parte das mães e dos pais. A segunda dimensão prende-se com os modos de controlo, que se podem traduzir em sanções físicas, simbólicas, etc., e aos graus de controlo - maior ou menor. A terceira dimensão, ao nível da comunicação, analisa como ela se constrói entre as mães e os pais e filha/os. E, por último, ao nível das práticas e das representações, dimensão transversal às anteriores, prestando especial atenção às divergências entre o enunciado e o praticado.

Partindo destas quatro dimensões e dos discursos da/os entrevistada/os identifiquei dois modelos tipos ideais no que diz respeito aos estilos educativos parentais: um modelo tradicional, no qual, se identificam práticas ligadas ao antigo regime demográfico, assente numa imagem instrumental da criança e num modelo familiar hierárquico e patriarcal; e um modelo modernista, que sugere uma nova imagem da criança, assente numa dimensão mais afetiva e num modelo familiar mais igualitário.

Estes modelos são tipos ideais que se caracterizam pelo seu antagonismo. Mas, através dos discursos das pessoas com quem conversei foi possível verificar que eles não se excluem entre si. Muito pelo contrário, completam-se, revelando que não há uma referência temporal nos dois modelos parentais, ao invés, cruzam-se ambos nas vidas das pessoas. Como referem Guerreiro *et al.* (2008) que chegaram a conclusões idênticas sobre os modelos parentais, hoje em dia, assiste-se a visões diferenciadas e contraditórias

A vários níveis: desde imagens contrastantes de “pais à antiga” e de “novos pais” à morte anunciada do papel do chefe de família que tem a seu cargo o sustento económico de esposa e filhos, ou desde a existência aplaudida de famílias mais “democráticas”, onde o pai e a mãe partilham equitativamente as alegrias e os problemas da parentalidade e as tarefas domésticas, à persistente e largamente difundida ideia de que a “Família está em crise”, entre outras imagens mais ou menos pessimistas ou optimistas acerca das famílias contemporâneas (Guerreiro, *et al.*, 2008, p. 3).

O que se verifica é a existência de dois modelos dicotómicos, que se fazem representar, diariamente, nos diferentes domínios da vida pessoal da/os entrevistada/os. Não existe um antes e um agora – existem sincronias num tempo presente, de um passado contemporâneo.

2.1 | O Modelo Tradicional

O modelo tradicional configura-se como um modelo educativo parental hierárquico, patriarcal e desigual. A postura das mães e dos pais em relação à infância das crianças é caracterizada pelos critérios associados à família tradicional identificados por Kellerhals *et al.* (1989) e que foram referidos anteriormente. Os ideais familiares neste modelo são de índole conservadora e, invariavelmente, as questões de género fortemente aliadas às práticas e às representações.

Este modelo revela a família parsoniana, mostrando a família tradicional nuclear como um pequeno grupo que cumpre tarefas diferenciadas. No modelo parental tradicional cada membro assume uma função e a separação dos papéis de género surge como uma questão primordial para o “bom funcionamento” da unidade familiar: o pai faculta os recursos económicos através do seu trabalho remunerado, sendo o “líder instrumental” do grupo; a mãe assume os papéis mais ligados à expressividade, vive para o interior da família nas suas tarefas domésticas e nos cuidados com a/os filha/os, suportando as questões mais ligadas aos afetos, para que os papéis se completem ao nível instrumental e expressivo (Bruschini, 1989; Guerreiro *et al.* 2008).

Os valores subjacentes a este modelo assentam numa base tradicional e enquadram-se numa hierarquia familiar e no respeito pelo chefe de família, que nos remete para o modelo ideológico do Estado Novo. Mas este modelo não se confina a uma época temporal específica, antes perdura no(s) tempo(s). Ao contrário do que seria expectável, o fim da ditadura não impôs uma rutura com as práticas educativas convencionais e as suas representações, embora, se tenha caracterizado como um “período de abertura às ideias de igualdade entre homens e mulheres, tendo também sido reformuladas leis obsoletas e patriarcais” (Guerreiro, *et al.*, 2007, p. 16).

Os pais no modelo tradicional representam-se como figuras de poder, autoritárias, e hierarquicamente superiores e, praticamente, inatingíveis do ponto de vista emocional e relacional. Nos discursos das filhas e dos filhos, foi possível identificar em vários momentos o medo da figura paternal, e esse medo é quase temerário. A discórdia ou o desvio são questões problemáticas, uma vez que as balizas de controlo estão claramente definidas, e não existe grande espaço para contornar as regras que estão fortemente inculcadas.

Neste modelo, embora, a dimensão expressiva esteja, sistematicamente, ligada à figura maternal, a afetividade feminina assume contornos muito distintos do que vamos encontrar no modelo modernista. As mães representam-se pela frieza e pela distância que têm com as suas filhas e com os seus filhos. Raras vezes são demonstradas manifestações de afeto e de carinho. Em vários momentos, as entrevistas relevaram uma ausência “do toque” com a figura materna - não se dá as mãos, não se agarra, não se abraça. A relação com a/os filha/os limita-se às questões básicas diárias, existindo uma distância relacional, também muito grande. Os diálogos pertencem às questões corriqueiras e as questões pessoais e sentimentais são postas de lado, não existindo preocupações nesse sentido.

Ao longo das entrevistas, foi possível identificar traços deste modelo educativo parental tradicional. Um modelo, considerado “obsoleto”, continua a persistir. Apesar de, ao nível das representações, prevalecer uma ideia de modernização dos estilos educativos, baseados na afetividade, subsistem práticas contrárias, tradicionais, nas quais a dimensão instrumental da criança detém um grande peso. Duas variáveis associam-se à persistência deste modelo: a geração e a classe social. Foi possível identificar uma maior presença tanto nas classes mais baixas, como nas gerações mais velhas.

O modelo tradicional foi analisado a partir das quatro dimensões de análise acima identificadas, sendo, a dimensão das práticas e das representações integrada transversalmente. Através dos discursos das pessoas entrevistadas foi possível reconhecer os elementos caracterizadores destas dimensões. As características do modelo tradicional encontram-se esquematizadas no Quadro I. Seguidamente, cada dimensão de análise é explorada, em maior detalhe, e olhada a partir de três perspetivas: a importância das funções instrumentais da/os filha/os e os modos como se estrutura o apoio familiar; a circulação da dívida e as implicações nas relações fraternais; e, por fim, a questão da comunicação e dos afetos e os papéis que os ascendentes assumem perante os descendentes.

Quadro I – Características do Modelo Educativo Parental Tradicional

Relacional	Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> • Dádiva desigual, despersonalizada e compensatória; • Exigências mínimas em termos de escolaridade; • Elevada importância da função instrumental; • Parentalização da/os mais velha/os.
	Expressivo	<ul style="list-style-type: none"> • Desigualdade sexual; • Valores de autoridade, medo e respeito; • As crianças/jovens são secundárias na vida familiar; • Mães como elos de ligação e retaguarda familiar; • Pais como chefes de família; • Ausência de Suporte emocional.
Processual	Modo de Controlo	<ul style="list-style-type: none"> • Sanções físicas; • Orientações diretas e imediatas; • Balizas de controlo claramente definidas.
	Grau de Controlo	<ul style="list-style-type: none"> • Elevado grau de controlo ao nível das sociabilidades; • Desigualdade sexual preponderante.
Comunicacional	Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Hierarquia estatutária; • Os silêncios; • “Bastava abrir os olhos”.

2.1.1 | “Mãos de Trabalho”

Como foi discutido no capítulo anterior, a dimensão instrumental da/os filha/os continua a persistir nas famílias portuguesas. No modelo parental tradicional esta dimensão é claramente preponderante. As mães e os pais encaram a/os filha/os como “mãos de trabalho” e todos os membros do agregado familiar devem cumprir obrigações. As exigências que são feitas às filhas e aos filhos começam desde cedo. Sílvia Portugal (2014) refere que a reciprocidade familiar perante a dádiva se realiza, muitas vezes, a uma “escala de vida” e o “crédito” que é facultado ao nível da ajuda intergeracional configura-se num crédito de “longo prazo” e que não tem de ser correspondido no imediato, nem determina que seja simétrico (Portugal, 2014, p. 234). Mas, neste modelo a questão da reciprocidade não assume estes contornos. As mães e os pais deram a vida às filhas e aos filhos e, muitas vezes, mais do que aquilo que alguma vez os seus progenitores lhes ofereceram, por isso, consideram que a/os filha/os têm uma dívida para com eles, e que esta deve ser paga, assim que possível. Exige-se que os descendentes auxiliem os ascendentes desde muito cedo e, de um modo geral, a capacidade física para dar resposta às necessidades instrumentais pauta o início da retribuição, pois o crédito que é dado é de “curto prazo” e assim que a/os filha/os têm um estatuto físico que lhes permita efetuar algumas tarefas, vão começando a fazê-las. O crescimento aumenta as responsabilidades. Como revela José Correia

Por exemplo, eu quando foi, quando fiz o exame da quarta classe, eu fiz... Estive dois anos no estudo da quarta classe. Porque era muito novo e magrinho e o meu pai que Deus tem não deixou fazer exame num ano. Deixou-me... Obrigou-me a estar mais um ano na quarta classe, contrariamente, aquilo que a professora queria... Queria-me levar a exame, mas teve de me levar só no outro ano, que era para eu depois já poder sair em condições de raspar tábuas, mais forte (José Correia, 80 anos).

Neste modelo as aspirações escolares que as mães e os pais perspetivam para filhas e filhos são relativamente baixas. Permitir que a/os filha/os estudem até mais tarde acarreta custos que não estão dispostos a pagar. E, muitas vezes, fazer esse tipo de sacrifícios é impossível, não só pelo número de filha/os ser elevado, como também pelos fracos recursos económicos disponíveis. Na maior parte das vezes, neste modelo, a/os filha/os apresentam uma escolaridade baixa e, normalmente, quem foi mais além foi por vontade e esforço próprio. As palavras de incentivo por parte das mães e dos pais relativamente ao sucesso escolar são quase inexistentes. Aqui, o princípio regulador do sucesso escolar diz respeito

à passagem de ano letivo, pois as mães e os pais querem ver o seu investimento recompensado. As notas são irrelevantes.

Como foi mencionado, as classes sociais mais baixas e as gerações mais velhas são mais propícias a este tipo de práticas educativas. Como conta Aurora sobre “a medida” do pai. Como conta Aurora sobre a “medida” do pai

O meu pai como... não sei se é por só ter estudado até à quarta classe eu acho que ele nunca teve assim muita noção do que é que são as notas nem... Às vezes eu dizia, ah estão aqui as notas se o pai quiser ver. E ele dizia o seguinte, eu não percebo nada disso. Para ele estar lá um dois, um três ou um quatro era a mesma coisa. Pronto. Não percebia mas também não queria perceber. Ele só queria saber se chegava ao final se nós passávamos de ano ou se nós reprovávamos. E era essa a medida dele. Ou seja, se passam está tudo bem, se reprovam cuidado. O que é que andaste lá a fazer o ano todo, a passear os livros? (Aurora Belém, 22 anos).

O trabalho da/os filha/os, necessário para a reprodução da vida familiar quotidiana, observa-se a quatro níveis: na esfera doméstica - tarefas domésticas e parentalização da/os irmã/os mais velha/os; na esfera extra-doméstica - apoios nos ofícios dos pais e em tarefas agrícolas; ao nível financeiro - contribuição para uma bolsa familiar comum; e, por fim, ao nível assistencial, numa fase mais tardia da vida das mães e dos pais.

A ajuda dentro de casa – Um trabalho de mulheres

O envolvimento dos descendentes nas tarefas domésticas é uma fonte de apoio e de suporte familiar. No entanto, as expectativas que as mães e os pais têm sobre o seu envolvimento é distinto, mediante o sexo da/os filha/os. O que se espera das mulheres-filhas é, completamente, distinto do que se espera dos filhos homens. Nas fratrias mistas é onde esta dimensão é mais relevante, pela clara diferenciação entre filhas e filhos. Esta é transversal às diferentes gerações e marcada pela classe social de origem.

Ricardo Belém explica como é que as tarefas se processam lá em casa

O meu pai ainda faz um bocadinho [de distinção nas tarefas domésticas] porque ele é mais... É mais da idade do antigamente. E faz mais essa distinção. Mas a minha mãe já não. Ele, se calhar, não gosta, não gosta muito que eu faça essas coisas [domésticas] quando estão lá a minha mãe e a minha irmã. Se calhar, se estiver sozinho, se calhar, não se importa tanto. Como estão lá elas... Importa-se mais que eu esteja a fazer (Ricardo Belém, 17 anos).

Nas fratrias femininas, esta questão persiste e verifica-se que a exigência do cumprimento das tarefas domésticas assume o caráter de “ensinamentos” fundamentais para as vidas futuras, enquanto esposas e mães. Maria e Rita pertencem a uma fratria feminina binária e sempre lhes foi exigido que fizessem as tarefas domésticas, às duas, independentemente, das suas idades. Maria tinha menos oito anos do que a irmã, mas isso não era impeditivo de realizar, igualmente, as tarefas com a sua irmã. Como refere Rita Albuquerque

Fui obrigada a fazer aquele trabalho de casa, doméstico. Sim, esse sim. Aliás, havia... Há aquele conceito também que és mulher e vais ter de aprender para tua vida. (...) Mas tinha que fazer tudo o que era limpeza. Aliás, a minha irmã aos sete, oito anos, lembro-me, ela coitadinha eu mandava-a lá para cima e pronto, toca a limpar. É, por isso, que ela hoje limpa, limpa, limpa (Rita Albuquerque, 53 anos).

O mesmo acontece com Mariana Castro

Porque com a minha mãe sempre tínhamos tarefas de casa para fazer, chegava a casa e dizia... Vá, agora estende isso e não sei quê... E começamos a participar mais nas tarefas de casa porque a minha mãe ainda por cima não estava, antes ajudávamos a minha mãe, aí começamos a fazer as coisas pela minha mãe. A ir estender a roupa, a ir fazer as camas, tudo mais... (Mariana Castro, 24 anos).

Nas fratrias masculinas foi possível verificar que essas tarefas são delegadas nas mães ou em alguém que faça o serviço doméstico, ficando os filhos rapazes “dispensados”. Como se pode verificar através do discurso de Nuno Costa

Tanto eu como o meu irmão sempre fomos muito... Beneficiados nesse sentido em que ela [mãe] nos, ela sempre fez tudo por nós [os irmãos] em termos de tarefas domésticas (Nuno Costa, 30 anos).

A ajuda fora de casa – O trabalho de todos

O trabalho fora de casa também assume um peso bastante significativo no auxílio que a/os descendentes prestam às suas mães e aos seus pais. Ao longo das entrevistas foi perceptível um forte apoio fora de casa, especificamente, em trabalhos agrícolas e/ou nos ofícios dos pais. Como conta Francisco Correia, muitas vezes, ele e o seu irmão ajudaram o pai no seu ofício de carpintaria

O meu pai tinha a vida de carpinteiro, o meu pai tinha aquelas obras e sozinho era complicado. Precisava de... Para fazer os sobrados, fazer umas janelas, fazer umas vigas no telhado, então ele tinha mais dificuldades. Ele

como sabia que nós desde pequenos, já com dez anos começámos a trabalhar com ele e então ele sentia-se acompanhado e fazíamos-lhe falta, realmente. Então depois também não queria ficar sozinho porque se não tinha mais dificuldades na vida [profissional] dele (Francisco Correia, 77 anos).

Este trabalho não é marcadamente masculino, pertencendo aos dois sexos. Como refere Estrela Martins sobre o trabalho que as suas irmãs efetuavam

As minhas irmãs iam muito era para o campo. De manhã, por exemplo, quando era nas férias a regar, no verão ocupavam muito isso. E eu ficava em casa, tinha que fazer a lida da casa, e elas iam mais para a horta, era mais era regar (Estrela Martins, 53 anos).

Tu não és minha mãe!

A parentalização da/os irmã/os mais velha/os foi um tema que surgiu, invariavelmente, ao longo das conversas com as pessoas entrevistadas. As mães e os pais tendem a delegar às irmãs e aos irmãos mais velha/os a responsabilidade de cuidarem dos restantes membros da fratria. Esta obrigação pode assumir várias formas: apoio nos trabalhos escolares, cuidados quotidianos (por exemplo, alimentar, vestir, etc.), vigiar a/os irmã/os e repreendê-los, impor-lhes tarefas domésticas e, até, fazerem-se acompanhar nas suas saídas por elas/es. Como refere Margarida Barroso (2006) ser irmã/o mais velha/a enquadra um conjunto de deveres, obrigações e exigências que nenhuma outra posição na fratria acarreta. Estas funções cabem, principalmente, às irmãs mais velhas pois, no caso das fratrias femininas e mistas a presença de um elemento do sexo feminino transporta automaticamente esta responsabilidade para as mulheres. Nas fratrias masculinas este papel é muito menos vincado, mas sente-se igualmente a responsabilidade.

As relações intrageracionais caracterizam-se, exatamente, pela dimensão horizontal, olhando-se a/os irmã/os de igual para igual. Sempre que os ascendentes atribuem este papel parental a um/a da/os irmã/os isso gera uma situação de desequilíbrio e de conflito na fratria. Quando os progenitores se fazem valer da/os irmã/os mais velha/os, desresponsabilizam-se do seu papel e entregam-no a quem, do ponto de vista fraternal, não tem autoridade para o fazer, gerando situações de conflito nas fratrias. Similarmente, há um desequilíbrio no interior da fratria em consequência da responsabilidade que é atribuída a uma pessoa, pois vê-se numa situação de privação. Maria, embora no papel de irmã mais nova, entende que a sua irmã ficou sobrecarregada consigo e, para si, também foi uma situação difícil de gerir

A minha mãe descurou um bocado o papel dela – de mãe – e passou um bocado para a minha irmã. Que acho que é uma coisa completamente errada, acho que o mais velho tem direito à vida dele, com algum cuidado que sempre é um exemplo para o mais novo, que é o que eu tento fazer com os meus, mais mal ou mais bem mas tem funcionado (...) essa tendência dos pais se fazerem substituir à custa do irmão mais velho acho que foi – para mim – não é um trauma mas acho que foi um grande problema, para mim, e para a minha irmã. Para a minha irmã porque a sobrecarregou, para mim porque me privou do contato mais habitual com pessoas da minha idade e de crescer ao mesmo ritmo que os outros. (...) Acho que o grande erro na nossa educação foi esse, não vou dizer que seja tudo mau (...) eu nunca tive só uma mãe, sempre tive duas (Maria Lima, 45 anos).

A este respeito Beatriz conta que como era a irmã mais velha, embora, houvesse um irmão, homem, mais velho esta parentalização coube-lhe

Eu tirei a quarta classe quase com treze anos. Eu não faltava mas era assim... A minha mãe deixava-me tarefas para eu fazer quando eu saía da escola, com sete anos. Olha filha logo quando chegares vais buscar o menino, dás o leitinho ao menino, vais buscar... pões o jantar ao lume, ao almoço quando eu ia almoçar tinha de ajudar porque também tínhamos pouco tempo de almoço (...) e à tarde também tinha sempre tarefas porque tinha o meu irmão que é António que na altura era pequenino, eu tinha dez anos quando ele nasceu. E a minha mãe, eu tinha de o ir buscar à ama, depois tinha de tomar conta dele, depois tinha de lhe dar o caldinho, depois tinha que não sei o quê. Os bocadinhos que me sobravam eu queria brincar. E quando brincava o que é que acontecia? Não fazia os trabalhos. Fazia-se de noite... E, muitas vezes, a minha mãe era chamada e foi chamada à escola algumas vezes... E a minha professora dizia, ah, o que é que se passa com ela, ela não faz os trabalhos, não estuda as lições e a minha mãe dizia. A minha mãe defendia. Pois, sabe... Ela é a mais velhinha, nós somos muitos lá em casa, ela tem que me ajudar porque eu trabalho e depois, algum bocadinho que lhe sobra é para brincar (Beatriz Ferreira, 62 anos).

Mariana Castro também explica que foi muito difícil assumir-se como uma figura autoritária, porque a irmã sempre olhou para si de forma igual e considerava que ela não tinha o direito de lhe impor determinadas regras, ainda que a mãe de ambas assim o exigisse

E sei, lá... E da Mafalda, acho que calhou-me ali um bocado de responsabilidade em cima, eu já tinha sempre responsabilidade pela Mafalda, não é? Que é mais miúda... Olha sempre pela tua irmã [dizia a sua mãe], e depois aí a minha mãe sai de casa [para ir trabalhar] e é ainda mais. Tenho que controlar a Mafalda, mas... Ou seja, ela não me vai ver como mãe, nunca, não é? Então é claro, imagina, eu com onze anos a tentar dizer à minha irmã que tínhamos de fazer tal coisa, porque com a minha mãe sempre tínhamos tarefas de casa para fazer, chegava a casa e dizia, vá, agora estende isso e não sei quê... E começámos a participar mais nas tarefas de casa porque a minha mãe ainda por cima não estava, antes ajudávamos a minha mãe, aí começámos a fazer as coisas pela minha mãe. A ir estender a roupa, a ir fazer as camas, tudo mais... E querer impingir algo à Mafalda sendo que eu não sou a mãe dela, e que a mãe dela é a minha mãe, torna-se muito difícil no início pelo... Não é? Pela rebeldia da Mafalda e pela falta de respeito... [a irmã dizia] faço o que me apetece, e não sei quê... Mas depois foi melhorando um bocado (Mariana Castro, 24 anos).

A bolsa familiar comum

A existência de uma bolsa familiar comum foi identificada no capítulo anterior, como parte da função instrumental que a/os filha/os assumem. O contributo financeiro da/os filha/os é mais um dos auxílios feitos ao longo da vida. A bolsa familiar só se identificou nas gerações mais velhas. Logo que a/os filha/os começavam a exercer uma profissão remunerada e, caso ainda se encontrassem a residir com as mães e com os pais era-lhes exigido que fizessem uma contribuição financeira. Desta forma, os encargos pesariam menos no orçamento familiar. Como refere José Correia sobre o seu e o do irmão

E depois o dinheiro que recebia, quer o Senhor José, quer o Senhor Francisco era para vocês, era para a casa?

Não! Era para a casa. Nós entregávamos em casa. Não, nós não éramos autónomos na parte de preços, de trabalho, nem de receção do dinheiro. Conforme assim fosse recebido, assim se entregava em casa (José Correia, 80 anos).

Os cuidados

O apoio assistencial da/os filha/os às mães e aos pais é uma questão incontroversa. Sempre que os ascendentes necessitem de qualquer apoio ou de cuidado, “automaticamente”, é imposto que a/os filha/os respondam a essa necessidade. Esta questão assume-se transversalmente e é confirmada ao longo das entrevistas, nas quais a obrigação familiar está, indiscutivelmente, presente. Encontra-se, aqui, o que Ana Nunes de Almeida (2003) refere relativamente à importância do laço sanguíneo “é como se o vínculo biológico, o laço de sangue, fosse, em absoluto, um dado natural que impõe àqueles que possuem um estatuto de descendentes deveres indiscutíveis” (Almeida, 2003, p. 77). A mesma autora sublinha o valor que amar os descendentes “independentemente das suas qualidades e defeitos” encerra nos dias de hoje. Sílvia Portugal (2014) justifica que as obrigações familiares podem ser explicadas através de duas questões: pelas representações familistas dominantes na sociedade portuguesa; pelo enquadramento jurídico que intensifica as representações (Portugal, 2014, p. 239). Nas palavras da autora sobre a relevância que o parentesco alcança na questão do cuidado

O parentesco é um adquirido mais do que uma construção: existe uma noção do que se espera de um parente e daquilo que ele pode esperar. O familismo que caracteriza as redes funda-se, em grande parte, nesta noção. Ou seja, a importância afetiva e instrumental da família assenta na certeza de

que os seus membros partilham uma noção de “como deve ser”. O que as entrevistas mostram é a prevalência, nas representações dos indivíduos, de uma obrigação familiar de “cuidar dos seus”. Esta está claramente inscrita nas normas reguladoras e distributivas que regem a ação dos sujeitos no interior da rede de parentesco (Portugal, 2014, p. 237).

As minhas entrevistas vão, nitidamente, ao encontro das afirmações das autoras. Ainda que, nem sempre as relações entre descendentes e ascendentes sejam privilegiadas, o “cuidar dos seus” impõe-se. Não importa se as mães, pais e filha/os tiveram fortes incompatibilidades ao longo da vida, na altura, quando é necessário, ninguém se “nega aos seus”. Beatriz Ferreira é exemplo desta situação. Ao longo da vida, reconheceu que a mãe e o pai lhe deram menos oportunidades do que a/os irmã/os, no entanto, quando a questioneei sobre as questões assistenciais revelou que as incompatibilidades que existiram ao longo da vida não condicionaram a sua prestação de apoio, muito pelo contrário, foi sobre ela que recaiu a maior parte do cuidado

Uma vez a minha mãe estava cá em casa, e estava cá o meu irmão, também, o mais velho. E diz-lhe assim para ela... Mãe, um dia que morra tem aí um belo cordão, um belo fio ao pescoço, a quem é que dá esse fio? É só para a gente saber. E ela dizia... Então, já estás a pensar que eu morro, não? Não! Mas um dia que morra... diga lá. Disse que era para mim. Ah, é para a minha filha porque é ela que me vai tratar. Era para mim, porque ela pensou... Quando eu estiver mal que não possa sei que é ela que... E era sempre para cá que vinha, quando estava doente. Era sempre...

Eu ia perguntar, na questão do cuidado...

Era, era para cá. Era sempre cá que vinha, quando estava doente. Mas era o Carlos que dava o primeiro sinal. Mas como o Carlos não tinha casa ah... O Carlos dizia-me a mãe está doente, a mãe tem isto, a mãe tem aquilo, a Beatriz ia com ela para o banco, tratava dela, e trazia-a para cá. Ainda quando o meu pai morreu, para a gente não a deixar lá em casa sozinha, não estava sozinha porque estava com o Carlos, porque o Carlos ainda lá estava, estive cá mais de uma semana em casa. Quando estava doente era sempre cá que vinha. Para a minha casa (Beatriz Ferreira, 62 anos).

Francisca Henriques sempre que mãe necessita de quaisquer cuidados de saúde, sejam consultas de rotina ou outros mais complexos como operações conta sempre com o seu apoio e, também, com a dos seus irmãos

Portanto, quando está doente é Coimbra [casa da Francisca] por causa disto [por causa da facilidade do acesso aos cuidados de saúde] mas, por exemplo, esse meu irmão que se reformou, ela tem uma consulta, o meu irmão mete-se ao caminho e vai com ela à consulta (Francisca Henriques, 59 anos).

Carolina Amaro também conta sobre a fase final do seu pai e do esforço que a/os filha/os fizeram para acompanhar esta última fase

O meu pai quando esteve mesmo, que morreu, foi internado em [nome da cidade] o David vinha visitá-lo. E depois vimos que em [nome da cidade] não se estava a resolver a situação e resolvemos levá-lo para [nome da cidade]. E estávamos sempre lá a visitá-lo, eu lembro-me do David que estava lá a trabalhar, eu não podia ir lá visitá-lo todos os dias porque estava a trabalhar, ia só aos fins-de-semana, mas o David lembro-me, perfeitamente, que ia sempre à visita (Carolina Amaro, 57 anos).

2.1.2 | “Uns são filhos, outros são enteados!”

A conceção do amor igualitário para toda/os a/os filha/os é uma, atual, construção social inalienável à parentalidade. Como refere Monique Buisson (2003), um tratamento desigual vai contra a ideologia profundamente enraizada de que todas as crianças devem ser amadas e tratadas da mesma forma. A preferência por um/a filha/o é contrária às aspirações que os descendentes têm. No entanto, é desafiada no campo das práticas, no qual o discurso é contrariado (Buisson, 2003, p. 85). Também, as dádivas materiais devem ser, igualmente, equivalentes para toda/as porque as questões legais sublinham, justamente, esse princípio. A questão legal da herança vem, nesse sentido, pois segundo o Código Civil, em Portugal, deve ser dividida em tantas partes quantos forem os herdeiros, neste caso, cônjuge e filha/os. Não importa quem deu o quê ao longo da vida, no fim, aos olhos do quadro jurídico, toda/os devem receber o mesmo.

Foi possível identificar ao longo das entrevistas que, muitas vezes, é através desta “medida” material que se avalia a justiça e o amor dentro da família e, a dádiva, no seu todo, constitui-se para as pessoas quase como um “espelho” de quanto se gosta ou de como se revela uma relação privilegiada. Nos discursos articula-se a dádiva material com as preferências afetivas por parte das mães e dos pais. Se as mães e os pais dão algo a um/a filha/o e não dão a outra/o, facilmente, essa/e irmã/o é conotada/o como uma pessoa preferida ou como uma pessoa que tem uma relação privilegiada com a mãe e/ou com pai. Por ser mensurável, ou contrário do afeto e do amor, a dádiva material converte-se na bitola para avaliar o amor e justiça.

Jacques Godbout (1995) refere que nas redes de parentesco existem três tipos de circuitos de trocas: o apoio em serviços, os presentes e a hospitalidade (Godbout, 1995). O autor refere que aplicar a norma de justiça em cada um destes circuitos é, claramente, complexo no interior das redes de parentesco. No entanto, Godbout revela que a

importância da ideia de justiça não se assume como uma grande preocupação quando a dádiva é feita na relação de contribuição-retribuição. A ideia de justiça materializa-se sim, quando a dádiva é feita e se pode comparar “entre pares” na sua relação com uma terceira pessoa (1995, p. 361). É, exatamente, esta questão que se coloca nos discursos das pessoas entrevistadas. Quando as mães e os pais oferecem determinado tipo de bem a um/a filha/o e não o dão a outra/o, facilmente, a ideia de (in)justiça é ativada.

A questão complexifica-se, quando os dadores têm que gerir a dádiva, entre vários recetores. Como refere Portugal (2014)

A não aplicação do princípio da igualdade na atribuição de dádivas aos filhos é dos principais motivos de tensões e conflitos entre pais e filhos, e entre irmãos, e uma das razões fundamentais para as ruturas familiares. Dado que o princípio da igualdade se aplica à relação entre dadores e entre recetores, os problemas ultrapassam a díade dador-recetor e generalizam-se ao conjunto dos elementos envolvidos. Por se sentirem injustiçados, os filhos têm conflitos com os ascendentes, mas também com os colaterais, por “pactuarem” com as desigualdades (Portugal, 2014, p. 244).

Sílvia Portugal questiona: como nos podemos aproximar de decisões justas, e quem é que tem direito a quê? (Portugal, 2014, p. 251). Kellerhals *et al.* (1988) apresentam cinco normas gerais que estruturam a definição de justiça nos grupos. O primeiro princípio diz respeito à norma de repartição, através da qual se questiona quais são os critérios que devem vingar para distribuir bens raros: a igualdade, a necessidade, o mérito ou outro? Mas, colocar essa decisão em prática, envolve uma análise de normas de avaliação que legitimem determinados critérios para avaliar o valor das ajudas e a posição dos membros do grupo que participam na troca. A terceira é a norma de comparação, que questiona se a identidade social e o estatuto são importantes para a definição das normas anteriores, ou se, pelo contrário, são ignoradas. A quarta norma é relativa à regra de transformação, isto é, a natureza do bem condiciona as regras e os critérios apresentados anteriormente, ou não? Por último, a norma de apropriação considera a forma como o grupo integra a massa de bens sobre os quais procede à divisão.

A dádiva no modelo educativo tradicional não é feita segundo o princípio da igualdade, ou seja, não se dá o mesmo a toda/as. Assim sendo, se a dádiva das mães e dos pais não é feita de igual forma para toda/os a/os filha/os, quais são os critérios que presidem à tomada de decisão das dádivas para os ascendentes?

Neste modelo, a norma de comparação sobressai. O critério que preside à aplicação da norma de avaliação é o estatuto. O estatuto é preponderante para os critérios que regulam a distribuição da dádiva, gerando desigualdade e contrariando os discursos sobre a igualdade que deve regular a norma de repartição. Este estatuto pode ser positivo ou negativo, e é adquirido com base em três critérios: sexo, posição na fratria ou proximidade relacional. Assim, a norma de comparação prevalece sobre as duas anteriores, definindo-as. Também, não interessa a natureza do bem em jogo, por isso, a regra da transformação não se destaca nesta análise.

O exemplo de Beatriz ilustra como a proximidade relacional da sua irmã com a sua mãe e o seu pai prevaleceu sobre o seu

Eu casei-me e a minha mãe não me deu rigorosamente nada... nem de enxoval, nem despesa de casamento e tinha o dinheiro para pagar a despesa do casamento (...) era uma ninharia [de dinheiro] como eles tinham poucas possibilidades, não fiz nenhum convidado, os convidados quem os fez foi a minha mãe. Não levei amigas, não levei nada (...). E a minha irmã, a da [local onde mora] casou-se três meses depois de mim, um grande casamento com cozinheiras, com empregados de mesa, (...) Tudo ali ao pormenor... Pagaram-lhe tudo e ainda lhe compraram prendas. Mas depois o meu pai arrependido, a desculpa que me deu foi quando eu disse, então mas a ela pagam-lhe tudo, pagaram tudinho, e a mim não me deram a miséria de duzentos e trinta escudos? (...) Eu casei-me em abril e a minha irmã casou-se em agosto, e o meu pai disse, ah quando tu te casaste não tínhamos subsídio e quando a tua irmã se casou já tínhamos os subsídios [de férias] ora, o que é que isto leva a crer? Se ela [a mãe] tivesse vontade de... se ela não fizesse exceção dos filhos ela ia... ela e ele [a mãe e o pai]... foram os dois culpados, diziam assim, não, quando a Beatriz se casou nós não tínhamos para lhe dar, agora temos. Damos metade a cada uma. O meu pai com remorsos de não me ter dado nada é que me mandou ir a uma loja de eletrodomésticos para escolher aquilo que eu quisesse (...) mas depois deu igual à minha irmã.

[ainda no decorrer da entrevista acrescenta]

Quando era nova eu dizia à minha mãe... Todos os meus irmãos estudaram... Porque eu tinha desgosto, e tenho (...) eu vejo que os meus irmãos todos estudaram, e os que não aproveitaram foi porque não quiseram e ela a mim nunca me deixou. (...) Na minha maneira de ver, não sei se a do meu irmão é igual à minha... [a mãe] fazia diferença dos filhos. Eu achei sempre, também posso estar a ver mal, eu achei sempre que fui sempre discriminada (Beatriz Ferreira, 62 anos).

A relação entre ordem de nascimento e estatuto é, também, relevante. Uma determinada posição na fratria pode ser benéfica, ou desfavorável. Sofia Rocha recorda-se de uma memória da sua infância, na qual fica marcada a diferenciação entre ela e a/os irmã/os

Por acaso há uma coisa que eu “sempre achei piada” porque houve um dia, houve um Natal que eu não recebi prenda. Eu tinha o quê? Eu acho que tinha

dez anos, não sei... e eu não recebi prenda. E a minha mãe a única coisa que fez foi escrever-me um cartão a dizer que, a pedir desculpa, por eu não ter recebido prenda, mas que precisava de dar prenda aos meus dois irmãos. A sério. E eu fiquei muito triste. Mas de certa forma depois comecei a compreender, apesar de o meu irmão ter um ano de diferença (...) custou-me imenso aquilo, mas... aquele gesto, hoje compreende-se... por se calhar eu tinha outra mentalidade e eles percebiam isso em mim, e se calhar, não estavam à espera que se calhar, o meu irmão ou a minha irmã tivessem a mesma reação então... a minha irmã era muito mais pequenina e nunca na vida eles lhe iam deixar de dar prenda no Natal. O Natal é das crianças, não é? E eu, supostamente, já tinha de ter aquela maturidade que eles não tinham (Sofia Rocha, 23 anos)”

○ mesmo se aplica ao sexo da/os filha/os. Aurora identifica, claramente, esta questão

Um sábado, como eu já tinha dito, nós às vezes costumamos ir buscar mato para por no chão aos animais e eu fui com o meu pai, normal, fomos os dois (...) um sábado normal. No fim-de-semana a seguir vai o meu irmão só com o meu pai (...) chegam a casa e dez euros para o Ricardo. E eu não tinha recebido nada. Fiquei mesmo chateada. E depois numa ocasião disse-lhe, perguntei-lhe se uns eram filhos e outros eram enteados (...) É assim eu não me importo de não receber quando não trabalho. Por exemplo, se eu no sábado anterior não tivesse ido fazer, exatamente, a mesma coisa que o meu irmão foi, eu não me importava que o meu irmão tivesse recebido. Não mesmo. O que me custou foi ele ter feito o mesmo que eu e eu não ser digna de receber dez euros e o meu irmão ser. Isso é que me aborreceu (Aurora Belém, 22 anos).

A questão da compensação é, igualmente, relevante. Especialmente, nas fratrias alargadas, isto é, quando as mães e os pais aspiram a determinados objetivos para a/os descendentes, com um maior número de elementos nas fratrias, é difícil alcançá-los em pleno. Por isso, em determinadas situações, por exemplo, relativamente ao mérito escolar, desenvolvem mecanismos de compensação relativamente aos restantes membros da fratria para conseguirem obter “resultados semelhantes”. Como refere Matilde Sá, membro de uma fratria alargada, para si o facto de a sua mãe e o seu pai darem hipóteses distintas à sua irmã é uma questão de injustiça

Acho que quem teve o percurso escolar pior de nós todos acho que foi a Joana. E mesmo assim ela está na faculdade, bem ou mal (...) Irrita-me porque, por exemplo, eu sempre fui muito... Os meus pais sempre me disseram, ah, vocês têm de ir para uma pública, têm de ir para uma pública e tudo mais, e tudo mais. E eu vou para uma faculdade pública e a Joana depois vai para uma faculdade privada, diz que vai mudar para uma pública, nunca mais muda e os meus pais começam um bocadinho a habituar-se e a deixar de se preocupar, percebes? Principalmente, o meu pai. É-lhe um bocado indiferente. E eu digo, olha... Se eu soubesse o que sei hoje, se calhar, tinha estudado menos, tinha-me divertido mais no secundário e também tinha ido para uma privada. E eles dizem, ah pois... mas tu sempre foste certinha, e não sei quê, isso é bom para ti. Mas mesmo assim, se eu tivesse sabido o que sei hoje (Matilde Sá, 24 anos).

Existem duas formas de acesso aos bens materiais das mães e dos pais: transmissão direta dos ascendentes, na qual estes decidem dar o quê, e a quem; atribuição da herança, segundo um quadro jurídico-legal, no qual toda/os a/os filha/os têm direito a uma quota-parte⁴. Nestas duas formas de acesso aos bens materiais uma distinção revela-se preponderante: na primeira, há uma decisão direta das mães e dos pais sobre a partilha dos bens, são eles que estruturam a dádiva e definem os critérios de justiça; na segunda, independentemente, do que cada filha/o deu em vida, do apoio que prestou aos ascendentes, de uma maior ou menor presença quotidiana, de uma relação mais privilegiada ou não, a lei não contempla esse tipo de especificidades e, por isso, toda/os a/os filha/os são iguais.

Beatriz revela a importância de quem faz a justiça distributiva. Pois, foi uma das entrevistadas que se revelou mais “excluída” pela mãe e pelo pai, porque ao longo da vida, as dádivas que lhe foram feitas nunca foram iguais, nem se encontraram nos seus ideais do que devia ser. Mas, no final da nossa conversa, quando a questioneei sobre as questões de herança, o seu discurso revelou que não serviu como um regulador final ou como um “acerto de contas”, pelo contrário. Embora, a Belmira, a sua irmã, tenha tido mais dádivas ao longo da sua vida, atribuídas pela mãe e pelo pai, no final, essa questão foi irrelevante, veja-se

Não por heranças não [não houve conflitos] Porque aquilo, o poucacinho dinheiro que havia... E o ouro... Depois quando foi, a minha mãe tinha umas argolas, tinha umas alianças e tinha o tal fio. Eu falei com o meu irmão, o meu irmão mais velho, e disse-lhe, olha o David quer o fio, eu para mim tanto me faz, mas eu acho que quem merecia levar o fio era a Belmira porque foi a Belmira que o comprou (...) quem pagou o fio foi a minha irmã. Portanto, o fio devia ser dela (Beatriz Ferreira, 62 anos).

Benedita também refere que num período mais conturbado da vida da sua mãe e do seu pai, a/os filha/os contribuíram, cada um/a individualmente, para pagar dívidas da mãe e do pai. Cada filha/o colaborou com quantias distintas, porque cada um “deu o que pode”. No final, na altura da herança, não houve qualquer ajuste de contas. Nas palavras de Benedita

Mas em termos de briga, de querermos ficar não. (...) Sempre unidos não houve... Sempre todos ajudaram, a minha mãe como não podia sozinha

⁴ O artigo 2139º do Código Civil diz que “1. A partilha entre o cônjuge e os filhos faz-se por cabeça, dividindo-se a herança em tantas partes quantos forem os herdeiros; a quota do cônjuge, porém, não pode ser inferior a uma quarta parte da herança. 2. Se o autor da sucessão não deixar cônjuge sobrevivente, a herança divide-se pelos filhos em partes iguais.”

todos ajudaram a pagar a dívida. O meu irmão Rui, a minha irmã Carolina, todos os que podiam deram dinheiro para pagar. E, no fim, nunca foram tirar porque agora nós demos tanto, e tem de vir para nós. Não.

Não?

Nunca. Vendemos tudo e foi tudo de igual maneira. Ninguém tirou. Vendeu-se, pagou-se as dívidas que faltavam... E eu até disse, não agora vocês têm de tirar o que andaram a pagar, eu própria penso assim. Eles não quiseram. Foi tudo dividido pelos irmãos. Já está. Mas nunca houve brigas de heranças de um querer mais do que o outro. Não. E seis irmãos é complicado (Benedita Andrade, 38 anos).

2.1.3 | “Bastava abrir os olhos”

O controlo, a comunicação e a diferenciação de papéis das mães e dos pais apresentam características muito particulares neste modelo educativo parental. O pai é considerado o chefe de família que dita as regras e que estrutura toda a organização familiar. Embora esta questão possa estar mais vincada nas gerações mais velhas, persiste no(s) tempo(s). A ideologia do Estado Novo fomentou fortemente esta imagem do homem como o líder de família. Os maridos mandam nas suas mulheres e nas suas filhas e nos seus filhos. Este poder é construído socialmente mas, também, ancorado num modelo legislativo. Como refere Guimarães (1986) o poder que vigorava no período anterior ao 25 de abril era patriarcal e completamente obsoleto relativamente às vigentes leis jurídicas internacionais. Mas é nestes trâmites que a imagem do pai e da figura masculina se configura até aos dias de hoje, embora com menor expressão.

Foucault (1977) fala sobre os recursos que são necessários para um “bom adestramento”. O autor identifica três recursos que estabelecem a ordem: a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame. No modelo educativo tradicional sobressaem, distintamente os dois primeiros. A vigilância hierárquica pressupõe um jogo de olhar que garante o exercício da disciplina, claramente visível através das descrições que ouvi nas entrevistas. Este tipo de monitorização que o pai assume na família determina o comportamento de cada membro do agregado familiar e funciona como “um microscópio do comportamento” (Foucault, 1977, p. 156). A comunicação não-verbal é suficiente para impor a ordem, o respeito e fomentar o medo. O “abrir de olhos”, o punho na mesa, uma “só palavra” é capaz de estabelecer a ordenação que é imposta, pelo pai. Não há uma preocupação relacionada com as motivações, intenções ou finalidades das ações dos

descendentes. As diretrizes dadas são diretas e imediatas, sem dar oportunidade para grandes explicações. Quando o/as filhos/as cometem erros, não existe necessidade de oferecer esclarecimentos. O próprio lugar e a imagem que é tida em consideração sobre a criança, ou a/o jovem não permite que haja uma grande preocupação com o seu bem-estar ou com os seus interesses e, a sua vontade é irrelevante. Como Maria Lima descreveu sobre a questão comunicacional o princípio era: “as conversas não são para os anjinhos”. Júlia refere o efeito de um pequeno gesto do seu pai

Digo-lhe uma coisa, só o levantar dos olhos do meu pai, ou a cara como a gente costumava dizer era o suficiente, pronto, para ficar ali toda a gente... (Júlia Pereira, 47 anos).

Francisco fala sobre a ausência de esclarecimento que existia quando tinha atitudes menos corretas, revelando que predominava uma falta de comunicação verbal oral e que as explicações eram ausentes. Como refere M. Foucault (1977, p. 160) a ordem pressupõe-se a partir de um processo natural e observável. Neste modelo educativo prevalece este princípio. A aprendizagem devia ser feita com base na observação das pessoas mais velhas, assumindo o respeito pela hierarquia familiar

Não havia fotografia, a fotografia não existia. Era... é assim, o branco é branco, o preto é preto, e pronto. Não havia diálogo. Não era educativo porque as pessoas, por vezes, faziam as coisas... Faziam o mal sem saber que faziam o mal. E era repreendidos. Se têm tido o ensinamento, uma conversa mais elaborada as coisas evitavam-se. Mas não. Era... era vertical, o pai e a mãe acima dos filhos, o mais velho, na perspetiva vertical, era sempre a hierarquia do mais novo para o mais velho, sempre. Sempre a subir. E, portanto, os mais pequenos, os mais novos tinham sempre menos direitos. O mais pequeno não tinha direito a nada (Francisco Correia, 77 anos).

Ângela refere a figura paternal era suficiente para colocar a “ordem”. Nas suas palavras

O meu pai era uma pessoa mais autoritária. Com princípios muito definidos e rígidos e... Portanto, qualquer conflito com ele era uma questão a evitar. Não tenho noção nenhuma de ele alguma vez me ter levantado a mão para me fazer alguma coisa mas ele sem fazer isso conseguia que andasse tudo na ordem (Ângela Carvalho, 52 anos).

Este poder disciplinar que as pessoas revelam nos seus discursos concentra as características apresentadas por Foucault (1977)

O que permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda a parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente «discreto», pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio (Foucault, 1977, p. 158)

O mecanismo utilizado neste modelo para punir a quebra das regras passa pelas punições físicas – como sanções normalizadoras – que garantem a correção dos desvios, promovem um comportamento corretivo, qualificam o que é aceite ou não e, conseqüentemente, normalizam o comportamento que deve ser tido em consideração. Este tipo de sanção estimula, igualmente, o exercício da disciplina e serve como um arquétipo reduzido do tribunal. O desinteresse nas motivações e nas intenções das ações dos ascendentes prende-se, sobretudo, pela falta de tolerância à evasão da norma e do não-conforme. A sanção normalizadora, neste caso, as punições físicas servem, particularmente, para manter a ordem e a conformidade (Foucault, 1977, p. 160).

Como conta Manuel ao recordar os atos de violência do seu pai

Muitas das vezes eu chegava lá a casa, eu estava lá à espera dele e nem perguntava por onde é que as queria. Começava logo a bater-me, mas era bater assim à força toda (...) quando ele [o pai] lá chegou a casa ouvi-o a dizer à minha mãe, já viste? Às vezes ando aí a bater ao gaiato e ele não faz mal. E a minha mãe dizia, estás a ver? Eu não te dizia? (...) É que o meu pai chegava lá a casa e nem perguntava por onde é que eu as queria. Nem me perguntava se fizeste mal, eu dizia, não fui eu, aquilo era ali porrada que eu sei lá. (...) Ele batia. A gente tinha muito respeito por ele. Ele era assim... nem dava assim para falar (Manuel Azevedo, 63 anos).

É importante destacar que neste modelo educativo o elogio e a recompensa não têm, praticamente, expressão. E quando a/os descendentes cumprem o seu dever, ou vão mais além? Se, as sanções servem para normalizar, o contrário não existe. A/os filha/os sabem que as punições físicas remetem para as práticas não-conformes às expectativas das mães e dos pais. Portanto, a ausência da sanção normalizadora revela o contrário, no entanto, não lhes são dadas palavras esclarecedoras sobre as boas práticas. Como refere Maria Lima a este respeito

Sempre fomos [filhas] alvo de exigência (...) Mas podiam-nos exigir isso [tarefas domésticas] mas depois compensarem-nos de alguma maneira, ser agradável... não. Aquilo era sempre a tua obrigação, era sempre assim. Isto desmotiva. Isto serve como motor, também temos de ver a coisa ao contrário. Eu tenho quase a certeza que não me tinha tornado naquilo que sou (...) esta postura dos pais que tem a ver com o antigamente, há quarenta anos atrás, é que não tínhamos uma almofada. Nós nunca sentíamos uma almofada dos pais (...) não há um elogio. Eu acho que a nossa geração sofre muito de falta de elogios (Maria Lima, 45 anos).

Neste dispositivo de sanções os pais são a figura central. Que lugar cabe às mães? Através dos discursos das pessoas entrevistadas foi possível identificar quatro papéis que as mães assumem neste modelo. Em primeiro lugar, cabe-lhes fazerem valer as pretensões

dos pais, sendo possível, fazer a analogia com a de uma “encarregada”. Compete-lhes manter a/os filha/os na ordem e o pai surge como uma figura última, em que se recorre só em instância final. Em segundo lugar, surgem como mediadoras familiares entre os pais e a/os filha/os e mesmo entre irmã/os, papel acrescido pela sua função de “encarregada”. Tentam interceder pelos membros da família de forma a gerir as relações familiares da forma mais harmoniosa possível. Apresentam-se, também, como responsáveis pelos (poucos) laços afetivos existentes na família. É importante sublinhar, que sendo as questões dos afetos secundárias, as existentes se centram nas preocupações maternas.

Por fim, as mães configuram-se também como *hubs*⁵ com toda a família. Pois são as mães que, muitas vezes, mantêm os laços e reforçam a ligação entre os membros da família. Concentram em si todas as informações da família e, posteriormente, transmitem-nas dando aos maridos, às filhas e filhos as notícias de cada membro da família, especialmente, quando estas/es se encontram ausentes da casa das mães e dos pais. Como explica Pedro

Simultaneamente a minha mãe sempre viveu em função de nós... de forma mais direta ou indireta mas de forjar as relações entre nós. Se eu ia sair... Portanto, nós vivíamos relativamente... hoje pensando, para nós, vivíamos relativamente longe do centro da cidade (...) mas portanto, se um estava para sair a minha mãe dizia, ah, mas o teu irmão também vai, porque é que não vais com ele? Ou seja, havia aqui uma vontade deliberada, mais ou menos, permanente de forma explícita ou implícita de tecer aqui as relações entre nós e de reforçar. E isso ainda acontece hoje (...) ela é a porta-notícias de todos para todos, portanto, quando fala com um dá as notícias dos outros todos, não sei quê... O teu irmão, e a tua irmã que fez, e que aconteceu... Portanto, há aqui de alguma maneira esta... um elo. E o desígnio, eu acho, que no fundo ela... Ela no fundo diz muitas vezes que, ela tem um irmão, apenas, e diz que isso na vida dela foi algo extraordinário (...) que se encontrou com ele sempre que precisou (...) e isso para ela foi muito gratificante e muito importante. E, portanto, quase que não compreende porque é que nós não fazemos mais isso, e nós não estamos mais uns com os outros de forma autónoma. Se isso acontece fica contentíssima, ou seja, obviamente, que não o expressa de forma explícita mas é algo visível (Pedro Carvalho, 49 anos).

⁵ No sentido em que recebem informação de todos os membros da família e, posteriormente, gerem essa informação.

2.2 | O Modelo Modernista

O modelo modernista configura-se como um modelo educativo parental baseado na afetividade, no qual as crianças assumem um lugar de destaque. A postura das mães e dos pais em relação à infância das crianças é caracterizada pelos critérios apresentados por Kellerhals *et al.* (1989) associados à família moderna. Este modelo caracteriza-se pela abertura, pelo elevado suporte emocional, pela existência de comunicação baseada no interesse e nas motivações das crianças. Pressupõe, igualmente, um elevado grau de autonomia por parte da/os filhos e as questões de género encontram-se, generosamente, esbatidas. É feito um esforço para que seja facultado a toda/os a/os irmã/os as mesmas oportunidades e os mesmos bens materiais para que, toda/os se encontrem numa situação de igualdade.

Este modelo evidencia-se como um modelo mais democrático, onde toda/os podem falar e onde toda/os têm esse direito quer seja a mãe, o pai, a filha mais nova, o filho do meio. Os papéis das mães e dos pais encontram-se, uma vez que, estão ambos presentes nas vidas quotidianas da/os filha/os e apesar de, normalmente, terem os dois uma profissão remunerada isso não é um fator impeditivo da sua participação no dia-a-dia da/os filha/os, de partilharem as alegrias, as tristezas, as preocupações, os problemas e as responsabilidades. As relações entre mães, pais e filha/os baseiam-se em laços de amor, afetividade e amizade. O discurso da amizade é absolutamente fundamental neste modelo, pois se no modelo tradicional, como caracteriza Maria João “os pais não são amigos, são pais”, nesta realidade, frequentemente, os discursos das pessoas ao falar das mães e dos pais vão ao encontro de valores adscritos à amizade.

A negociação é, igualmente, importante no modelo educativo parental modernista. Se este modelo traduz de algum modo “uma democratização dentro da família”, a negociação sobressai. Como todas as pessoas que a constituem têm direito a dar uma opinião, na maioria das vezes, as situações são negociadas. Negoceiam-se os castigos da/os filha/os, negoceiam-se as metas que as mães e os pais traçam, negoceiam-se os objetivos de vida da/os filha/os, negoceiam-se as saídas, as mesadas. O diálogo, que é fundamental neste modelo, fomenta esta negociação, pois o interesse está nas motivações e na independência

da/os filha/os. Assim, a negociação promove um espaço de debate, de exigências, de cedências, de diálogo e de relações – no seu próprio termo – familiares.

Neste modelo, são visíveis as transformações recentes ocorridas na parentalidade. Tanto as mães, como os pais apresentam traços de grande afetividade. Mães, pais e filha/os passam a ter um contato físico, sendo revelador de uma proximidade relacional, isto é, ascendentes e descendentes abraçam-se, dão as mãos, dormem ao lado da/os filha/os quando estão doentes, aconchegam, dão carinho. É necessário sublinhar que não coube apenas aos pais esta passagem do pai “tradicional” para o pai “modernista”. Tanto as mães como os pais têm uma postura diferente da identificada no modelo tradicional, revelando um maior envolvimento com a/os filha/os.

Os traços deste modelo parental modernista revelam-se, especialmente, nas gerações mais novas. A emergência deste modelo surge ancorado num processo da modernização dos estilos educativos baseados na afetividade com a criança, no período pós-ditatorial mas, há que frisar, que o pós-25 de abril não é, obrigatoriamente, sinónimo deste modelo. Se, no presente, existem práticas do modelo tradicional, também, no passado existem traços do modelo educativo parental modernista.

Este modelo, tal como o anterior, foi analisado a partir de quatro dimensões de análise. Nos discursos das pessoas entrevistadas foi possível identificar as principais características de cada dimensão. A análise deste modelo encontra-se esquematizada no Quadro 2. Mais uma vez, as três dimensões de análise cruzam a análise das representações e das práticas. Posteriormente, cada dimensão de análise será analisada em maior detalhe. Surgiram, a partir dos discursos das pessoas entrevistadas três questões cruciais nas quais se ancoram as características deste modelo parental, designadamente: a importância da presença parental, tendo em conta, a relação de afetividade que sustenta este modelo; a regulação da dádiva com base na igualdade, ou na necessidade; e, finalmente, a comunicação, reciprocidade e negociação.

Quadro 2 – Características do Modelo Educativo Parental Modernista

Relacional	Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> • Dívida igual, personalizada; • Exigências elevadas em termos de escolaridade; • Elevada importância da função afetiva; • Filha/os vistos como iguais.
	Expressivo	<ul style="list-style-type: none"> • Esvatimento das desigualdades de género; • Prevalencem valores de afetividade, negociação e reciprocidade; • As crianças/jovens estruturam a vida familiar; • Mães como figuras de afetividade, elos de ligação e retaguarda familiar; • Pais como figuras de afetividade; • Existência de suporte emocional.
Processual	Modo de Controlo	<ul style="list-style-type: none"> • Sanções simbólicas; • Interesse nas motivações, intenções e finalidades; • Existência de liberdade e autonomia.
	Grau de Controlo	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco controlo ao nível das sociabilidades; • Maior igualdade sexual.
Comunicacional	Comunicação	<ul style="list-style-type: none"> • Família democrática; • Linguagem verbal oral; • “Sentar e conversar”.

2.2.1 | “Estão sempre presentes na minha vida”

O olhar para a/os filha/os neste modelo parental assenta, sobretudo, na afetividade. E, a partir daí, o que se espera da/os filha/os é, particularmente, diferente do anterior modelo. O que se dá também é notavelmente diferente - dá-se amor, carinho e compreensão. O dia-a-dia neste modelo é, especialmente, orientado para a/os filha/os e os quotidianos formam-se a partir das suas necessidades. O suporte emocional que as mães e os pais prestam é determinante neste modelo. As filhas e os filhos sabem que podem contar com ela/es. Embora, as mães continuem a assumir-se como um membro privilegiado no que diz respeito aos afetos, os pais têm, neste modelo, uma presença muito maior e mais ativa. Assim, as relações intergeracionais passam pela confiança, pelo amor e as relações são, por isso, muito próximas.

Matilde refere como é a sua relação com a sua mãe

A minha relação com a minha mãe é brutal. Conto-lhe tudo, tudo, tudo. Não há nada que eu não lhe conte. Sabe de tudo e já me conhece muito bem e sabe quando há algum problema. E eu sou uma pessoa que não transmite muito as emoções cá para fora. As pessoas, normalmente, nunca sabem quando há um problema comigo, mas a minha mãe consegue ter ali uns dois ou três pontos que sabe que alguma coisa não está bem e, portanto, vem falar comigo e eu falo imenso com ela e não sei quê (Matilde Sá, 24 anos).

Leonor Cunha fala sobre o suporte emocional que a mãe e o pai lhe dera a ela, e ao seu irmão, conta

Ao nível profissional achas que os teus pais depositavam as mesmas expectativas em ti, do que no teu irmão?

Eles diziam só... se é isso que tu queres, realmente, só tens é de lutar por isso e nós estamos cá para te apoiar. Independentemente daquilo que fosse... fosse médico, bombeiro... eles [mãe e pai] só queriam que fossemos felizes a fazer aquilo que gostávamos. Não diziam, ah não vás para aí porque isso não dá dinheiro... não. É... gostas? Então força! Segue em frente. Tanto que quando ele [o irmão] mudou de curso não lhe puseram nenhum obstáculo. Nunca nos impingiram os gostos deles, nada. Sempre nos deram liberdade para gostarmos do que quiséssemos e seguirmos a profissão que quiséssemos. Sempre deram apoio e continuam a dar (Leonor Cunha, 22 anos).

Francisca Henriques também comenta a sua relação com a mãe

A minha mãe era uma pessoa super, super afetiva, super de nos pegar ao colo (...) mas essa minha avó, com quem nós convivemos muito, até os meus filhos conviveram com ela, era muito fria. Era assim uma pessoa de quem eu não me sentava ao colo. E ela... Eu ouvi-a muitas vezes a dizer, a minha avó

a dizer para a minha mãe... Ai! Tu estragas os teus filhos com mimos, tu vais-te arrepender, tu vais-te arrepender (Francisca Henriques, 59 anos).

A interação entre pais, mães e filha/os deve ser destacada, sendo que, neste modelo a convivência intergeracional é elevada. As pessoas entrevistadas, nos seus discursos, evidenciam a comunhão e a partilha. Raquel Guedes explica que, é ritual, nas férias do verão tiraram uma semana onde a família se encontra

Nas férias do verão tiramos tipo uma semana para a família toda. Vamos sempre a um sítio (Raquel Guedes, 17 anos).

Leonor Cunha também refere que as férias costumam ser passadas em família

Normalmente, costumamos ir de férias juntos. Uma ou duas semaninhas, normalmente, costuma ser duas. Estamos bem. Normalmente, até é nas férias que estamos mais... Mais unidos, porque vamos todos para a praia, depois vamos todos almoçar, depois vamos ao mercado comprar peixe e fazemos uns peixes grelhados, depois à noite quando estamos em casa vemos uns filmes, acabamos por fazer mais atividades em família, do que no dia-a-dia (Leonor Cunha, 22 anos).

Sofia Rocha conta uma recordação de infância

Uma coisa que eu adorava, uma coisa que eu adorava quando era pequena era... O meu pai tendo gado, de vez em quando, íamos para lá com ele, só mesmo para descontrair, para almoçarmos lá no campo, e eu adorava isso. Achava mesmo super engraçado, de vez em quando, estarmos lá, parados, à conversa à espera que alguma coisa acontecesse... Porque, unicamente, tínhamos que estar lá à espera ou para dar água às vacas, ou alguma coisa... E nós ali, à conversa, no meio do campo, foi uma coisa, não sei porquê eu fixei e gostava disso. De vez em quando, quando lá vou, lembro-me disso montes de vezes (Sofia Rocha, 23 anos).

As exigências escolares destacam-se, também, neste modelo educativo parental. As mães e os pais projetam através dela/es o futuro para a/os filha/os. Este futuro pode ter dois sentidos: o da mobilidade social; o da perpetuação do sucesso familiar (Cunha, 2005). Poderão ser aquilo que as mães e os pais nunca foram e nunca tiveram oportunidade de ser, sendo essa uma das funções que os descendentes assumem nas famílias portuguesas identificadas por Cunha (2005); ou como uma perpetuação do sucesso familiar, isto é, se os costumes familiares ditam histórias de sucesso profissionais, pretende-se que esta situação se preserve para dar continuidade, identificando o que Vanessa Cunha (2005) identifica como “função de linhagem”.

Nuno Costa fala sobre a felicidade que o mérito escolar, quer seu, quer do seu irmão tinha como efeito na sua mãe

Ela [mãe] sempre foi muito feliz por a gente ter tirado sempre boas notas, quer um, quer outro. Ela [mãe] orgulha-se muito disso. Ela sempre ficou muito contente com isso (Nuno Costa, 30 anos).

Matilde Sá refere a importância que a obtenção de um curso superior assume na sua família, tanto que, toda/os a/os seus irmã/os, com maior ou menor esforço por parte da mãe e do pai, conseguiram que estivessem no ensino superior

Eu acho que quem teve o percurso pior de nós todos foi a Luz. E mesmo assim ela está na Faculdade... Bem ou mal. Está a dois anos de acabar o curso, portanto... (Matilde Sá, 24 anos).

2.2.2 | “Chega para toda/os”

Neste modelo parental a dádiva parental assenta na afetividade. Não se espera reciprocidade direta. Não se dá à espera de receber, dá-se o mais que se pode e dá-se aquilo que nunca se recebeu. Por amor dá-se tudo, porque são filha/os, porque as mães e os pais devem fazer tudo pela/os filha/os, independentemente, de um dia terem ou não retribuição. Como refere Sílvia Portugal (2014), neste caso, a dádiva é incomensurável. O que se troca, e quando se troca é irrelevante. Nas suas palavras

Nesta dádiva, o tempo conta tanto menos quanto mais se confia no outro. Mediada pela afetividade e pela confiança, a reciprocidade entre parentes realiza-se muitas vezes à “escala de uma vida” e transforma a ajuda numa espécie de “crédito a longo prazo” que não necessita de ser retribuída no imediato, nem de ser simétrica: o contra-dom pode vir muito mais tarde ou mesmo ser destinado a outra pessoa (Portugal, 2014, p. 234).

Podemos, igualmente, questionar quais são os critérios que estão subjacentes a esta dádiva e o que a regula. Utilizando os critérios acima descritos que regulam a justiça distributiva, podemos afirmar que neste modelo, a dádiva é feita mediante a norma de repartição. Pois, dá-se com a justificação da necessidade e em razão de igualdade.

Neste modelo educativo parental os critérios que definem a justiça distributiva têm pesos diferentes, quer do modelo anterior, quer entre si. No modelo modernista, foi possível identificar que a norma de repartição prevalece, sendo os critérios primordiais a igualdade e a necessidade. O discurso jurídico-legal estabelece a base da igualdade. As mães e os pais preocupam-se, especialmente, em dar igual. Dar igual pode ser sinónimo de situações várias, tais como: dar exatamente o mesmo bem a toda/os a/os filha/os numa altura específica; dar o mesmo bem em alturas diferentes perante a necessidade de cada

um; dar o mesmo valor monetário, mas através de bens distintos. O que interessa, no fim de contas, é dar uma contribuição igual, seja na mesma altura, seja perante a necessidade. Na norma de avaliação o critério que serve para avaliar é a igualdade. A regra da transformação assume, também, algum destaque porque quando se dão bens distintos, avalia-se o valor desses bens, de forma a perfazer a totalidade dos outros bens facultados.

Rodrigo menciona a questão da dádiva por necessidade, pois ele tem um ano a mais do que a irmã e, por isso, tendencialmente necessitava de determinados bens mais cedo. A forma de gerir esta dádiva pela sua mãe e pelo seu pai era a seguinte

Por exemplo, quando havia alguma situação em que se fazia um grande investimento para mim, ou um grande investimento para ela, era sempre falado, olha, vamos agora comprar isto à tua irmã, mas é porque ela precisa... Mas, depois mais tarde, uma coisa que tu precisas assim do mesmo género será para ti e depois ela não tem. E sempre fomos bué compreensivos um com o outro.

Por exemplo, o primeiro computador que eu tive é dos dois. Foi comprado com o dinheiro dos dois, e com a ajuda dos meus pais. Eles faziam sempre aquela coisa, querem uma coisa? Juntem dinheiro para ela, nós podemos ajudar ou não mas têm de vocês fazer o esforço para, para terem. E o primeiro computador que, que eu tive era dos dois, comprámos os dois. Por acaso, ficou no meu quarto. Até tínhamos horários de quando é que ia um e quando é que ia outro.

E funcionava?

Ao início sim. Ah, felizmente, foi uma altura que até se estava, mais ou menos, bem de dinheiro e até... Nem chegou a ser um ano depois, comprou-se outro para ela.

(Rodrigo Cunha, 23 anos).

Mafalda Castro também refere como se gere necessidade/dádiva, pois sabia que a seu tempo, teria acesso aos mesmos recursos que a irmã, embora ela fosse a primeira por ser mais velha. Nas suas palavras

Nós sempre tivemos mais ou menos as mesmas coisas. É óbvio que a Mariana sendo irmã mais velha precisou de coisas primeiro do que eu, ela teve o primeiro computador, claro que estava no quarto dela, isso causava bastante briga entre nós, ou tipo o primeiro telemóvel, foi ela que teve o primeiro telemóvel. Eu ficava revoltada, mas eu tinha de aceitar, não era... Não era a minha altura de ter um computador nem de ter um telemóvel, eu sabia que podia brincar com o telemóvel dela, porque ela ia acabar por me emprestar... Com muita insistência minha. Mas também tive as mesmas oportunidades do que ela... Tive. Sim (Mafalda Castro, 21 anos).

No caso de Júlia Pereira, as dádivas para cada filha eram feitas para todas na mesma altura. Nem sempre os bens dados se constituíam como uma necessidade, mas era essa a forma que a mãe e o pai encontravam para assegurar a almejada igualdade. Conta

Porque na altura nós tínhamos que, tinha que se fazer um enxoval, não é como hoje em dia (...). Mas, naquela altura, achava-se que as pessoas iam fazendo ao longo da... dos anos, os pais iriam comprando que era para quando a pessoa, se quisesse casar, ou assim, tinha já ali as coisinhas prontinhas. Porque depois poderia não haver dinheiro para comprar (...). Mas a minha mãe, toda a vida desde muito novas, desde que teve as três filhas, sempre comprou, sempre que podia comprava para o enxoval para as três, sempre igual. Sempre, sempre. Nós tínhamos muita coisa. Toalhas comprava-se uma azul, uma branca, outra... Hoje em dia nós gostamos tudo mais personalizado, mas era o que havia na altura (...). Portanto, quando chegou aquela altura, vá, agora é a vossa vez, partam. Nós isso tínhamos essa sorte, a nossa mãe foi-nos fazendo sempre essas coisinhas todas (Júlia Pereira, 47 anos).

No caso de Maria João, ao longo da sua vida, nunca sentiu que o seu irmão tenha tido mais oportunidades do que ela. E, mais uma vez, a dádiva foi feita mediante o critério da igualdade

Acho que sim, sim. Foi sempre igual para os dois. Isso foi uma preocupação bastante grande dos meus pais. Ser igual, pronto. Tanto que deram-nos uma prenda grande aí há uns anos... foi para os dois igual. Trocámos os nossos carros, portanto, foi tudo igual. Eles compraram o apartamento em Lisboa onde eu vivi, quando se vendeu o apartamento o dinheiro foi dividido ao meio, portanto, para os dois. Portanto, foi sempre... desde sempre foi tudo igual, sempre dividido (Maria João Almeida, 51 anos).

2.2.3 | “Sentar e conversar”

A comunicação neste modelo parental é, igualmente, uma característica distintiva do anterior. A forma como as mães e os pais se relacionam com a/os filha/os está ancorada numa maior liberdade e numa pretensão de entendimento. Isto é, a/os descendentes sentem-se à vontade para conversar com as suas mães e os seus pais, e o anterior silêncio deu lugar ao diálogo. As mudas refeições dão lugar a períodos de troca e de partilha, pois a/os ascendentes aproveitam os tempos de refeição para se inteirarem do dia-a-dia das suas filhas e dos seus filhos. São, sobretudo, fomentadas a autonomia, a liberdade e a responsabilidade através do diálogo, e essa questão é bastante notória nos discursos. As filhas e os filhos reconhecem os limites e o que devem ou não fazer, porque lhes foi explicado, claramente, os caminhos possíveis e os que devem seguir. Mas, a partir daí, são autónomas/os para fazer aquilo que considerarem melhor, cientes, que os atos podem ter consequências. As sanções neste modelo são de carácter simbólico. Significa que, quando a/os filha/os não correspondem às expectativas das mães e dos pais, ou têm atitudes incorretas os ascendentes castigam-nos simbolicamente, por exemplo, através de situações

de privação (ficar sem determinados objetos, como o computador, telemóvel, etc. ou ficarem privada/os de realizar determinadas atividades). Mas, mais importante é que a sanção simbólica decorre sempre associada a uma conversa onde as mães e os pais se interessam pelas motivações, intenções e finalidades da ação da/os filha/os. Estão disposta/os a ouvirem as suas explicações e a dar um discurso corretivo mas elucidativo, de forma a precaver situações futuras.

Maria João explica que a mãe e o pai lhe davam espaço para aproveitar, os diferentes tempos, distintivamente. No entanto, sabia que tinha responsabilidades a responder e, quando não as cumpria estava sujeita a sanções simbólicas.

Eles [a mãe e o pai] no princípio, que eu lembro-me, portanto, eles [a mãe e o pai] nunca foram pessoas de... Portanto, se nós precisássemos de ajuda eles ajudavam-nos. Mas nós fazíamos as coisas sozinhos porque éramos assim... Eu pelo menos falo por mim, éramos responsáveis. Por exemplo, a gente tínhamos trabalhos e fazíamos, de um modo geral, acho eu. Se calhar, um dia ou dois a gente não fazia mas... Depois... Eu quando fui para a escola primária não sabia ler e, portanto, como a minha mãe era professora ela podia-me ter ensinado. E ela dizia que não... Ela dizia que eu tinha tempo. Porque ela gostava que nós brincássemos. Portanto, a escola era a escola. E que nós tínhamos tempo para aprender, mas que era importante também, depois da escola, brincar. E não estar sempre a fazer os trabalhos. Depois ao longo do liceu as matérias começaram a ser assim diferentes e eu, pronto, nós tínhamos sempre boas notas. Por exemplo, houve uma vez que tive um medíocre a matemática no décimo ano, lembro-me perfeitamente. E, os pais tinham que assinar, tinham que assinar os pontos. E eu dei o ponto ao meu pai e o meu pai, Ah, já soube dessa graça. Pronto, disse assim, não disse mais nada. Pronto, e depois no outro ponto já tive boa nota. Nós sabíamos que tínhamos que fazer bem porque era o nosso dever, quer dizer, a gente estava a estudar, o que é que a gente fazia mais? (Maria João, 51 anos).

A negociação horizontal é outro elemento característico do modelo “sentar e conversar”. As mães e os pais negoceiam com a/os filha/os e, o mesmo acontece, inversamente. A existência desta negociação já é, por si, reveladora desta prática parental, porque negociar é ouvir a outra parte, para chegar a um acordo. E a própria existência de comunicação revela que, ambas as partes estão interessadas em se ouvirem, e a chegar a um consenso que seja plausível para toda/os.

A reciprocidade é outra característica existente e que, conseqüentemente integra um segundo elemento: a recompensa. O discurso que as mães e os pais têm para com a/os filha/os deixa de ser o da obrigação, e passa a ser o da recompensa - “Se tu dás, eu dou, se

tu não dás, eu também não dou”. Mafalda Castro ao falar da relação com a sua mãe frisa que para obter aquilo que quer tem dar, para depois receber

Mas percebi que era negociação, com a minha mãe temos de negociar bué, as cenas têm de ser bem-feitas. Estás a ver? Tipo ela deixa-te sair, mas tem de ter alguma coisa em troca... É mais ou menos assim, tipo ela joga muito com aquilo. Se arrumares a cozinha podes ir não sei onde... Estás a ver? É sempre assim... Se fizeres isto, não sei que mais... Então a gente fazia bué para poder ir aos sítios, íamos as duas [as duas irmãs] (Mafalda Castro, 22 anos).

A negociação horizontal entre mães, pais e filha/os e a reciprocidade demonstra, simultaneamente, que os ascendentes identificam (ou não) os esforços da/os descendentes e são alvos de atenção, traduzindo um reconhecimento que não existia no modelo anterior.

3. AS RELAÇÕES ENTRE IRMÃ/OS

3.1 | O que é um/a irmã/o?

No discurso das pessoas entrevistadas foi possível encontrar cinco dimensões distintas na definição do que é um/a irmã/o, que vão ao encontro da análise de Margarida Barroso (2006). As dimensões que emergiram na análise foram: a dimensão biológica, que contempla a questão da consanguinidade inerente às relações familiares; a dimensão obrigatória, sendo que, as relações fraternais são, igualmente, relações de parentesco sujeitas e uma imposição; a dimensão afetiva que encerra valores circunscritos na sentimentalização e no amor; a dimensão estatutária, já que a posição que se assume na fratria tem impacto no estatuto que se adquire dentro da mesma e entre irmã/os; e, por fim, a dimensão comparativa pela disposição horizontal que as relações fraternais alcançam.

A dimensão biológica surge como um dos principais critérios que define a palavra irmã/o. Normalmente a/o irmã/o surge associada/o a um laço de consanguinidade, como se pode verificar na sua definição, vinda do latim “*germanus*” “aquele que, em relação a outrem, é filho do mesmo pai e da mesma mãe, ou só do mesmo pai, ou só da mesma mãe” (Infopédia, 2014). Exprime uma componente biológica e sanguínea que, embora não seja exclusiva nas relações entre irmã/os torna-se preponderante nestas. Quando se diz “é do meu sangue” esta afirmação tem uma forte importância na configuração de uma relação. Tal como as relações intergeracionais se instituem a partir dos laços de sangue, também nas relações intrageracionais sucede o mesmo (Portugal, 2014, p. 196).

A obrigatoriedade também surge como uma componente nas relações entre a irmã/os. Quando se diz que “não se escolhe a família que se tem” não é ao acaso. Como as irmãs e os irmãos integram o núcleo familiar a sua relação impõe-se e, esta dimensão é especialmente marcante na fase de infância e juventude. A coabitação sublinha a obrigatoriedade da relação. Mas, a permanência que o laço biológico acarreta, em si, é fundamental na forma como se estruturam as relações fraternais ao longo da vida. Benedita conta que

“Eu penso que é assim, como nós não temos nada a ver uns com os outros [irmã/os]... é preciso termos aquele coiso mesmo de família. Não sei como é que é, pronto, por sermos família nunca nos separamos, aconteça o que acontecer. (...) Porque se não acho que já nos tínhamos... Porque somos

completamente diferentes, se nos fossemos a separar.... Por zangas... acho que já não... acho que nos separávamos todos uns dos outros (Benedita Andrade, 38 anos).

O laço afetivo é outra dimensão das relações fraternais. As relações entre irmã/os inscrevem-se em valores como o amor, a intimidade, a confiança e a partilha. Segundo Margarida Barroso esta componente sobrepõe-se à biológica pois, torna-se decisiva para a presença da relação (Barroso, 2006). Isto é, um laço de consanguinidade, não traduz, forçosamente, uma relação afetiva entre irmã/os, já os afetos podem sustentar a relação fraterna. Ao longo dos discursos da/os entrevistada/os, com maior ou menor presença, é possível verificar que os afetos são mediados por diversos fatores. Sílvia Portugal (2014, p.196) afirma que a força dos laços entre irmãos é mediada por uma série de variáveis: o número de irmãos, a idade de cada um e a ordem de nascimento na família, a distância geográfica entre eles e entre cada um e a casa dos pais, a similitude de estatutos sociais. Este estudo permite verificar que as relações afetivas fraternais são construídas sob estas propriedades, e são elas que definem a relação entre irmã/os. A força dos laços entre irmã/os é, no entanto, mediada por uma série de variáveis, internas e externas à família de origem: o número de irmãos, a idade de cada um e a ordem de nascimento na família, a distância geográfica entre eles e entre cada um e a casa dos pais, a similitude de estatutos sociais. Os laços tendem a ser mais fortes quanto menor for o número de irmãos, menor a diferença de idades, menor a distância geográfica e maior similitude dos estatutos sociais. O que significa que não é apenas a consanguinidade que confere valor ao laço entre irmã/os, mas que existe uma complexidade de fatores que contribui para o seu fortalecimento ou enfraquecimento (Portugal, 2014, p. 196).

Mas, nos discursos, prevalece, muitas vezes, a utilização da amizade para definir a relação fraternal⁶. A afirmação dos valores afetivos serve para mostrar a consistência da relação e a relativização do laço biológico face ao amor. Nas palavras de Leonor,

No fundo sabemos que nos damos muito bem e sabemos que se precisarmos um do outro que... É só ligar é, e pronto (Leonor Cunha, 22 anos).

⁶ Sílvia Portugal (2014) refere que, muitas vezes, se associam expressões às amizades relacionadas com os laços familiares, para mostrar a sua importância, e que, o mesmo sucede na situação inversa, utilizando-se expressões de amizade para caracterizar a relação familiar, mostrando a sua força e relevância.

Aurora diz,

Eu gosto muito do meu irmão e, pronto. Acho que a coisa mais importante que eu tenho na vida é o meu irmão (Aurora Belém, 23 anos).

No entanto, o confronto dos discursos sobre a amizade, a partilha, a confiança com as características das fratrias revelam a complexidade de que se reveste o amor fraternal, obrigando a uma análise mais detalhada da relação entre sangue e afeto.

As relações fraternais refletem, ainda, uma dimensão estatutária. A/os irmã/os apresentam-se como membros de um grupo, o núcleo familiar. São pessoas que se identificam numa partilha de vida, de histórias individuais e familiares. Quando inseridos numa fratria assumem um estatuto, que pode variar mediante o posição na fratria, por exemplo, a/o irmã/o mais velha/o, do meio, o quarto elemento, a/o mais nova/o. Cada um destes estatutos assume uma posição e um papel no interior da família, entre si, e para si. Como refere Margarida Barroso (2006) os descendentes enquanto irmã/os dentro de uma fratria encontram-se, face às mães e aos pais, numa posição hierárquica igual. Mas, esta posição, dentro da fratria, assumirá os mesmos contornos? De igualdade? Os meus resultados vão ao encontro dos da autora

Dentro das fratrias, no entanto, se se espera, por um lado, que os recursos de poder sejam idênticos e se há situações em que este aspecto de facto, se verifica, há, por outro lado, situações, como as que têm sido referidas ao longo deste trabalho que concorrem para uma desigualdade de estatuto e de poder entre os irmãos. Foram identificados critérios definidores e legitimadores de diferentes formas de tratamento e, conseqüentemente, de diferentes posições hierárquicas, como a ordem de nascimento e o sexo. As fratrias conjugam, desta forma, simultaneamente, igualdade e diversidade no que diz respeito a poder, estatuto e hierarquia (Barroso, 2006, p. 93)

Ser irmã/o mais velha/o acarreta uma série de responsabilidades em relação aos restantes membros da fratria, que outra posição na fratria não origina, como foi possível observar no capítulo anterior. As restantes posições também contemplam especificidades. Diogo Guedes ao falar da relação que a sua irmã e o seu irmão têm menciona que é uma relação um pouco conflituosa. Assim, indica que por ser o irmão do meio, cada vez que “toma” uma posição relativamente a um deles, é uma situação difícil de gerir, nas suas palavras

Ela está sempre a dizer, ela diz... Tu não estás do meu lado, estás sempre do lado do Duarte. Depois eu sou o irmão do meio. Isso é daquilo, isso é das coisas piores porque eu... Porque o meu irmão, eu estou sempre entre

o meu irmão e a minha irmã. E ela diz, só estás do lado dele, só estás do lado dele, agora vens para aqui, mas à bocado estavas só a falar com ele e a dizer mal de mim (Diogo Guedes, 20 anos).

Júlia Pereira também é a irmã do meio e refere o seguinte sobre o lugar que ocupa na fratria

Mas olhe que a do meio acha-se sempre ali... Ah, a mais... Pronto, a que tem menos vantagens. Porque a outra é a mais velhinha, já teve o mimo de quando era mais pequenina, que nós achávamos que ela já tinha tido. E depois a outra, normalmente, a mais nova fica sempre a menina do mimo ou o menino do mimo (Júlia Pereira, 47 anos).

O estatuto de irmã/o mais nova/o identifica-se, também, com determinados benefícios relativamente aos restantes membros da fratria. Principalmente, porque a maternidade e a paternidade é experienciada pela segunda, terceira, quarta vez (ou mais), e a postura das mães e dos pais é sensível à experiência adquirida anteriormente. Por vezes, associa-se a/o irmã/o mais nova/o a mais regalias, não só materiais, como revela Salvador

Talvez eu tenha sido um bocado, eu tenha tido um bocado mais de coisas que os meus irmãos, porque, também passei mais tempo com os meus pais e quando eles [a/os irmã/os] vieram para Lisboa eu fiquei lá em casa sozinho com eles. E era... E viam-me mais ou menos como o filho preferido, talvez, tenha sido o mais mimado (Salvador Sá, 20 anos).

Leonor conta que começou a sair mais cedo à noite por ter o irmão mais velho, conta

Comecei a sair com ele, comecei a sair à noite com o meu irmão (...). Eu tenho noção que comecei a sair mais cedo do que as minhas amigas, mas... Também, porque ele [o irmão] era mais velho, e como era mais velho tomava conta de mim. E então, porque, na altura, em conversas com elas nota que... Elas só começaram a sair um ou dois anos depois de eu já andar a sair com o meu irmão e... Foi mesmo pelo facto de ele ser mais velho que eles [os pais] me davam liberdade porque ia com ele e sentiam-se mais, mais seguros (Leonor Cunha, 22 anos).

A dimensão comparativa é igualmente importante, pois a posição de horizontalidade que as relações fraternais pressupõem permitem e sugerem, até, esta dimensão. Note-se que esta comparação pode ser feita a partir de duas formas: de forma intergeracional, em que as mães e os pais comparam as suas filhas e os seus filhos, em diversas situações da vida familiar; ou, a/os irmã/os, estando numa situação de “suposta igualdade” olham-se entre si para se compararem às demais pessoas na fratria.

As mães e os pais direta, ou indiretamente, têm ao seu dispor, através das fratrias, pessoas que podem ser comparadas. Muitas vezes os ascendentes recorrem à comparação entre os descendentes para revelar os seus ideais. Fazem-no de duas maneiras distintas: por aproximação, ou seja, as mães e os pais ilustram os exemplos da/os filha/os para incentivarem a/os restantes a irem pelo mesmo caminho, e isto é notável em expressões como “devias por os olhos no teu irmão”, ou “já viste o que o teu irmão fez?” recorrendo a exemplos concretos para evidenciar os seus desejos; por afastamento, revelando os aspetos que consideram negativos e não querem que se repita, através de frases como “é o mesmo caminho do teu irmão que queres seguir?”, ou “não me bastava um, senão agora dois”. Os descendentes identificam este aspeto como uma “lacuna” nas práticas educativas das mães e dos pais. Nuno Costa conta como a comparação que a mãe faz estrutura não só a relação do irmão com a sua mãe, como também, têm efeito na relação entre eles

Aconteceu, isso era um erro que a minha mãe fazia mas que, se calhar, ele tinha que perceber que não, que não... Porque é assim, a minha mãe cometia muitas vezes o erro de fazer comparações em determinados aspetos com o meu irmão mais velho. Às vezes era... Era... Era automático não era, não era uma coisa pensada, era só... Sei lá, por exemplo, aparecia muitas vezes... Não por causa de notas nem nada disso, que sempre fomos muito equivalentes em escola, aliás, houve até uma altura que no secundário teve melhores notas que eu. E houve até uma altura que a minha mãe dizia, vês, falando, falando para mim, vês o teu irmão na Escola Secundária até ganhou, foi dos melhores alunos da escola, do secundário inteiro, até ganhou prémios e não sei o quê. E, e a minha mãe dizia, não ganhaste nada disto e o teu irmão ganhou. E... Para mim isso nunca surtiu um efeito negativo, enquanto, para ele, algumas comparações que existiam devem ter surtido algum efeito negativo. Por exemplo, o facto de... Se calhar, ele a uma dada altura ter ficado uma pessoa mais fechada a minha mãe, às vezes, por exemplo, a gente receber um familiar e ele não dizia nada... E eu falar bem com as pessoas, e ele não falar. E a minha mãe, às vezes, estás a ver? O teu irmão é simpático com as pessoas e tu não sabes ser simpático, esse tipo de comparações, se calhar, devem-no ter marcado de alguma forma. Ou outras comparações idênticas. Ah... Isso pode ter sido um grande erro da minha mãe e eu, a determinada altura, comecei a dizer à minha mãe que ela não devia fazer isso (Nuno Costa, 30 anos).

A dimensão comparativa assume um papel (ainda mais) dominante nas relações entre irmã/os gémeos. A semelhança física adquire uma expressão muito forte, dentro e fora da família. Miguel vive numa fratria masculina, com mais três irmãos e um deles é gémeo. Revela que as comparações são recorrentes:

Somos comparados por muita gente. Pela sociedade cá fora, em geral. (...) Embora tenhamos personalidades muito próximas, também somos muito, muito diferentes. E somos muito comparados. Onde isso foi muito, muito marcado... foi nos estágios que nós fizemos, em sítios iguais, mas em tempos

diferentes. E houve, estágio após estágio, comentários do género, o teu irmão é mais simpático do que tu, o teu irmão é mais trabalhador do que tu. De parte a parte, percebes? E isso... comparações muito, muito desagradáveis.

Sentes que é mais fácil compararem-te com o teu irmão gémeo do que com os outros? E em casa, também é frequente acontecer?

É. Eu acho que é muito mais fácil para os meus pais caírem na tentação de me comparar a mim com o meu irmão, ou vice-versa, do que propriamente com os meus outros irmãos (Miguel Mendes, 25 anos).

Entre irmãos e irmãs esta comparação também é feita e, foi sublinhada relativamente à questão da dádiva no capítulo anterior. Se “tu tens, eu também devo ter”, por isso, a comparação assume um estatuto tão importante entre irmã/os. Se os direitos são os mesmos, as ações devem ir ao encontro do discurso. Guilherme Mendes compara-se a si e aos restantes membros da fratria, pois a sua mãe e o seu pai estipularam prazos bem rígidos relativamente à conclusão do curso e, no entanto, com um dos seus irmãos esse prazo foi negociável

Todos os irmãos fizeram os cursos nos tempos necessários, isto é, previstos, inicialmente, previstos. O Rafael fez o curso de economia, na altura, era cinco anos, fez o curso em cinco anos. Nós fizemos o curso de enfermagem em quatro anos [os irmãos gémeos] como o previsto, o Artur não. O Artur o curso era de cinco anos e ele fez em sete anos e meio. (...) Achávamos que também não era... não era bom para nós haver uma grande pressão para acabar os cursos, porque eles de facto disseram-nos o curso é de quatro anos, o curso é para fazer neste tempo... e com o Artur não houve essa preocupação inicial (Guilherme Mendes, 24 anos).

As dimensões apresentadas evidenciam as características que um/a irmã/o pode assumir. Mas a questão central é o entrecruzar da dimensão biológica e afetiva. Como são geridas estas duas dimensões nas relações fraternais? O laço de sangue está ligado à afetividade? A questão da sentimentalização das relações familiares é transponível para este debate. As famílias tradicionais são caracterizadas por uma sociabilidade intrafamiliar pouco densa e desprovida de afetos, ao contrário, da família moderna que deu lugar às questões afetivas e à sentimentalização da família (Kellerhals, *et al.*, 1989, p. 102). Também, nas relações fraternais existe esta dicotomia entre consanguinidade e afetos, pois tal como nas relações familiares o amor fraternal não se encontra indelevelmente presente nas relações entre irmã/os, havendo oscilações que traduzem diferentes dinâmicas relacionais.

Os ciclos de vida revelaram-se, extremamente, importantes na consolidação das relações fraternais. Como se gere o laço sanguíneo e afetivo ao longo das diferentes fases

da vida? Sílvia Portugal (2014) quando caracteriza o parentesco afirma que a segurança contida nessa rede encontra-se em oposição ao “não parentesco”, sendo que, as relações de sangue oferecem “garantias” que não se encontram nas restantes relações, especialmente, pela sua permanência ao longo do tempo (Portugal, 2014, p. 192). A este respeito da longevidade da relação entre irmã/os, Margarida Barroso (2006) refere na sua análise

As relações entre irmãos, como referido, são o tipo de relação familiar que maior durabilidade tem no tempo. Os irmãos são as pessoas que maior acompanhamento fazem da vida dos sujeitos. Os pais estão presentes na vida dos indivíduos desde o nascimento destes, mas apenas a partir do momento em que são pais. Os filhos, por sua vez, só fazem parte da vida dos sujeitos a partir de determinada fase das suas vidas. Os irmãos são os familiares que maiores possibilidades têm de acompanhar todas as fases de vida dos indivíduos. Mesmo nos casos em que a diferença de idades é grande, as probabilidades de que um irmão acompanhe a infância, adolescência, juventude, vida adulta e velhice do outro, são elevadas. Este aspecto é o principal gerador de alterações ao longo da relação. Se as relações fraternais são as que maior durabilidade têm, é de esperar que sofram igualmente maiores alterações ao longo da vida (Barroso, 2006, p. 74)

Nesta pesquisa foi possível identificar a importância de três fases relacionais nas relações fraternais: infância, juventude e idade adulta. Em todas estas fases as relações entre irmã/os são mediadas pela ação direta das mães e dos pais, até à morte destes. No entanto, constata-se que quanto mais avançado é o ciclo de vida, menor é a influência por parte das mães e dos pais, embora o seu papel nunca possa ser secundarizado.

A infância caracteriza-se, sobretudo, pela partilha física e de objetos. Os elementos da fratria encontram-se (especialmente, nas que possuem uma diferença etária menor) numa fase idêntica, ocupam os mesmos espaços e a partilha surge, inevitavelmente. Por vezes, os quartos são partilhados, tal como os brinquedos, as roupas, os livros. É, também, nesta fase que se verifica uma maior imposição da relação.

Na fase da juventude, a/os irmã/os tendem a estabelecer e a definir os seus limites nas relações. As características pessoais e comportamentais da/os irmã/os começam a ter um carácter mais autónomo e, por isso, mais facilmente surgem conflitos entre irmã/os. Nesta fase, as mães e os pais têm maior dificuldade em fazer prevalecer a relação que pretendem, ao contrário do que acontece na infância. Mas a dependência dos ascendentes e, por vezes, a coabitação, admitem complacientemente que as mães e os pais interfiram nas relações fraternais.

Por, fim, a fase adulta. Este período surge, normalmente, associado a uma configuração definitiva das relações fraternas. Nesta fase do ciclo de vida, a/os irmã/os estruturam a sua relação com maior liberdade. De um modo geral, não existem imposições físicas e relacionais e é nesta fase, que a vontade e a exigência dos ascendentes se encontram menos vincadas, possibilitando a/os irmã/os maior autonomia para gerirem as relações da forma que aspiram. As sociabilidades, a frequência dos contatos, as idas à casa da/os irmã/os passam a ser opcionais. O estar ou não presente na vida da/os irmã/os, nesta fase, assume um caráter facultativo, embora, ainda possa haver uma ação direta por parte das mães e dos pais, ela é notavelmente menor. Dificilmente, as relações entre irmã/os se transformam a partir da fase adulta, porque é nesta fase que as relações se encontram consolidadas, seja com um caráter mais esporádico, seja com um caráter mais presente.

Podem, no entanto, surgir situações que alteram a situação relacional entre irmã/os, já estabelecida na fase adulta. Alguns dos discursos revelaram que existem episódios marcantes e que têm uma influência direta no tipo de relação já instituída nas fratrias. Esses acontecimentos foram identificados pelas pessoas entrevistadas ao longo das nossas conversas: a entrada de um/a cunhada/o na família, por vezes, pode justificar um distanciamento, pela incompatibilidade desse novo membro com as pessoas da família de origem; o divórcio de um/a irmã/o pode favorecer uma aproximação relacional, devido à necessidade que esse elemento tem de suporte emocional, nesse momento e nessa fase específica da sua vida; uma situação de doença por parte dos ascendentes pode provocar uma aproximação ou um distanciamento entre irmã/os; a mudança de residência de um/a irmã/o pode favorecer uma aproximação não só geográfica, como relacional com os restantes membros da fratria; entre outras situações.

Mas, é importante sublinhar, que estas mudanças relacionais são de caráter efémero e episódico, contrapondo-se às relações entre irmã/os, normalmente, instituídas e que se caracterizam pela sua perenidade na fase adulta. Desta forma, tal como se estabelecem a partir de um episódio momentâneo e temporal, que aproxima ou afasta a/os irmã/os, naturalmente, um episódio contraditório suscita a reação contrária. Por isso, não são contemplados nos modelos tipos ideais que serão apresentados seguidamente, porque assumem um caráter transitório e singular.

3.2 | Os Modelos

3.2.1 | As relações fraternais

Que especificidades têm as relações fraternais? São os laços entre irmã/os (in)distintos dos restantes laços familiares? Sílvia Portugal (2014) identifica vários tipos de laços sociais: fortes ou fracos; episódicos ou permanentes; ativos ou passivos; positivos ou negativos; mistos ou neutros. A autora explica, também, que a força e o sentido dos laços se estrutura mediante diversas propriedades: “o conteúdo dos fluxos, a sua diversidade, a frequência dos contatos, o tempo despendido na interação, a influência e a interferência de um nó sobre o comportamento do outro” (Portugal, 2014, p. 206). Neste trabalho, procura-se analisar os laços entre irmãos a partir destas propriedades identificando as formas relacionais que caracterizam as fratrias.

Coenen-Huther et. al. (1994, *apud* Portugal, 2014) identificam quatro tipos de laços de parentesco: o *desapego*, que se traduz por um fraco auxílio quer prestado, quer recebido, encontros escassos, dimensão afetiva com muito pouca expressão, disseminação circunscrita das solidariedades e escassa confiança no apoio prestado pelos familiares; o *instrumentalismo*, que revela uma proximidade afetiva baixa, caracteriza-se, essencialmente, pelo apoio prestado e pelos contatos evidenciados nesses momentos; a *expressividade*, que mostra uma forte importância dada à dimensão afetiva; por fim, o *familismo*, que se caracteriza pela proximidade afetiva, pelas ajudas intensas e a convicção de que se está sempre pronto a ajudar no que *for necessário* (Coenen-Huther et al. *apud* Portugal, 2014, p. 208).

A partir dos critérios que definem o que é um/a irmã/o, as relações fraternais foram analisadas com base em cinco dimensões: a consanguinidade, analisando o peso que o laço biológico e a obrigatoriedade assumem na definição das relações fraternais; a afetividade, avaliando como se gerem os afetos e como influenciam a relação; a dimensão estatutária percecionando como é que o estatuto na fratria afeta (ou não) a relação; e, por fim, ao nível instrumental, observando as questões mais ligadas aos bens materiais.

As dimensões de análise acima descritas evidenciaram a diversidade das relações entre a/os irmã/os e os tipos de laços estabelecidos nas fratrias. Foi possível identificar três

modelos tipos ideais a partir dos discursos das pessoas entrevistadas: o modelo vinculativo, o modelo companheirista e o modelo de aliança.

O modelo vinculativo assenta, sobretudo, na dimensão da consanguinidade, assumindo-se esta como estrutural neste modelo. A frequência de contatos é particularmente escassa e o amor fraternal tem muito pouca expressão. O modelo companheirista distingue-se, ao contrário do anterior, pela importância da dimensão afetiva, em detrimento do laço de consanguinidade. Os contatos entre a/os irmã/os são frequentes e desejados. Por fim, no modelo de aliança a dimensão afetiva e o laço sanguíneo detêm igual importância na configuração da relação, destacando-se a frequência intensa de contatos.

Os modelos apresentados são tipos ideais e, como tal, não contemplam as especificidades das relações fraternais. Porém, nas fratrias de menor dimensão - binárias e tríades – é possível identificar, facilmente, um modelo relacional. Ao contrário do que sucede nas fratrias alargadas, nas quais, embora exista um modelo dominante, com a maior parte dos membros da fratria, encontram-se, na verdade, relações privilegiadas entre a/os irmã/os.

3.2.2 | O Modelo Vinculativo

Este modelo foi analisado a partir das cinco dimensões de análise, acima referidas. As entrevistas permitiram identificar as características centrais para a apresentação do modelo esquematizado no quadro 3. Posteriormente, cada dimensão de será analisada em maior detalhe. Identificaram-se três questões fundamentais para a definição deste modelo. Em primeiro lugar, a importância do laço biológico e a forma como estrutura toda a relação entre irmã/os, sendo os afetos, notavelmente, renunciados. Em segundo lugar, a forma como se constitui a partilha material estando, principalmente, ligada às fases da infância e da juventude e, também, a ausência da distribuição e preocupação das tarefas e dos cuidados com os ascendentes. Em terceiro e último lugar, a forma como as sociabilidades se gerem entre a/os irmã/os encerrando, principalmente, um caráter formal e pouco intenso.

Este modelo relacional reconheceu-se, especialmente, nas fratrias alargadas, isto é, em fratrias com quatro elementos, ou mais. Devido ao número de elementos na fratria a diferença etária entre a/os irmã/os tem um peso significativo. Relativamente, às gerações tanto as mais velhas, como as gerações mais novas se enquadraram no modelo vinculativo. Respeitante, à classe social foi visível a presença das classes média/alta neste modelo.

Quadro 3 – Características do Modelo Vinculativo

Consanguinidade	<ul style="list-style-type: none"> • Determinante
Afetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco relevante
Estatutária	<ul style="list-style-type: none"> • Relevante
Relacional	<ul style="list-style-type: none"> • Fraca/inexistente comunicação; • Distância geográfica a par com a distância relacional; • Sociabilidade cerimonial; • (In)existência de Conflitualidade.
Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> • Inexistência de partilha – tarefas, material e assistencial

“Não há divórcios entre irmã/os”

O modelo vincutivo é um modelo relacional entre irmã/os que se caracteriza pela importância da consanguinidade na definição das relações. O laço biológico impõe-se e estrutura a obrigatoriedade da relação entre a/os irmã/os. Contrariamente, a afetividade assume-se de uma forma muito ténue neste modelo. Independentemente, da vontade dos elementos da fratria, a relação entre ela/es está instituída e não há como alterar essa situação. Tal como é comum afirmar que não se “escolhem os pais” também, não se escolhem a/os irmã/os.

Neste modelo a dimensão vincutiva assume uma expressão muito forte porque é ela que decreta a continuidade da relação, aconteça o que acontecer, o laço sanguíneo liga continuamente as irmãs e os irmãos. Benedita Andrade refere como se sente ao pertencer a uma fratria alargada. Ao longo do seu discurso é notória a presença da questão biológica e da obrigação familiar

Eu digo uma coisa, é tudo muito importante, tudo muito giro, mas... Ter irmãos não é fácil. E... Aquela expressão que a família é um karma é verdade. Porque nem tudo é bom, porque temos de ter muita paciência, às vezes, não temos paciência, e às vezes dizemos... Ai meu Deus porque é que eu não fui filha única... Mas é assim, ter irmãos não é fácil porque é como os amigos. E só numa determinada idade é que entendemos isso. Porque é assim todas as relações, quando temos relações temos de nos dedicar a cem por cento. Quer aos amigos, quer à família. Então, eu antes pensava que ter muitos era muito bom. Agora vejo que não consigo dar resposta (...) E em relação à família, quando são famílias muito grandes acontece o mesmo. Era muito melhor que fosse menos. Um ou dois irmãos, no máximo. Quando são muitos já é muito complicado não conseguimos dar resposta (...) não dá. E então o que é que acontece? Quando há muitos não pode ser como os amigos, olha [agora não tenho disponibilidade]. Ah... Por exemplo, o meu irmão que está em [local] acaba por facilitar porque está mais longe. As nossas relações são ótimas assim. É menos um no sentido de... Eu sei que corre melhor estarmos separados (risos). E, por exemplo, a minha irmã estar em [local] também é bom, tenho aqui estes três e já me dão muito trabalho. Vou uma vez por semana à casa deles, parece que é pouco mas é muito. Parece que não mas é muito complicado. Depois esta minha irmã de [local] também me cobra... Então, nunca mais cá vieste... As relações são muito, são muito complexas... Nós com os outros. E os irmãos? Os irmãos é que não dá mesmo (...) Se não fossemos todos irmãos já estávamos despachados de três ou quatro. Pronto. E dedicava-me só aqueles. Só que eu não posso. São seis, temos sempre que fazer aquele esforço mesmo que a gente não queira. Mesmo que a gente não possa naquela hora, temos que... Estar disponíveis para a família, não é? O que é que se diz? Portanto, aconteça

⁷ Como escreve I. Pereira, num artigo de opinião no *Jornal i* “Porque não há divórcios de irmãos. Os irmãos não prometem amar-se na saúde e na doença até que a morte os separe. Não precisam: quer prometam quer não, quer queiram quer não, é mesmo assim que vão viver.” (Pereira, 2014).

o que acontecer eles estão lá. Mas não é fácil, a família é um karma. Só tendo para se ver. É tudo muito giro, as festas de natal, na Páscoa, se fosse só assim. Porque depois também existe o bem e o mal e o mal também se requisita. Falta-me isto, tenho isto, dói-me aquilo. E nós temos de estar disponíveis para isto. E influência também o nosso bem-estar, não é? Põe-nos bem e põe-nos mal. São relações impostas (Benedita Andrade, 38 anos).

É necessário sublinhar que, dificilmente, as pessoas assumiram ter uma relação pouco afetiva com a/os irmã/os. As representações sociais não o permitem. As relações fraternais são sempre associadas às questões afetivas, às questões de amizade e, uma vez inseridas nas dinâmicas relações familiares devem ser, por isso, indissociáveis. Como refere Margarida Barroso (2006) na sua análise, as relações entre irmã/os são entendidas como relações saudáveis e devem contemplar uma conformidade e uma harmonia, de tal forma, que o desacordo e conflito devem ser evitados não só nas práticas, como nas representações. As próprias instituições que representam um vínculo à temática da/os irmã/os sustentam, mais uma vez, a mais-valia que as fratrias trazem à vida da/os irmã/os. O site da Associação Portuguesa das Famílias Numerosas apela, justamente, neste sentido, que ter irmã/os é uma fonte de felicidade e só isso é tido em consideração “*Se queres ver uma criança feliz, dá-lhe um irmão. Se queres ver uma criança muito feliz, dá-lhe muitos irmãos*” (Associação Portuguesa das Famílias Numerosas, 2014). Todos os discursos que são elaborados afirmam, que “se deve” gostar da/os irmã/os. Por isso, dificilmente, as pessoas admitem ter relações menos afetivas com os elementos fraternais. No decorrer das entrevistas só foi possível identificar o distanciamento entre irmã/os, quando as pessoas foram questionadas sobre as relações que tinham com cada um dos membros da fratria, individualmente. Aqui os discursos são refutados pelas práticas. Matilde Sá ao descrever a sua relação com as suas irmãs e com os seus irmãos, individualmente

Como é que é a tua relação com cada irmão/o, individualmente...

Depois em relação ao Rafael, já me dei muito bem com o Rafael, já tivemos algumas discussões, a questão é que com o Rafael as relações são sempre muito cerimoniosas (...) como ele está sempre fora, nós não temos muito contato com ele (...) não há espaço para discutir porque nós vemo-lo tão pouco, percebes? Que não há ali nada para discutir... não há assim, não há assim nada para discutir. Portanto, é uma relação muito prática, talvez um bocado superficial diria assim. Mas, também, tem a ver com o facto de nós não estarmos muito tempo juntos. Com Maria... Com a Maria, talvez, seja a irmã que eu me dê... Não é pior! Mas com quem eu tenho menos confiança, porque ela é uma pessoa que tem um feitio um bocado complicado e é um bocadinho teimosa como eu e, às vezes, é um bocado orgulhosa, também, e ela é pouco sensível em relação ao meu pai, ou seja, telefona pouco, só telefona quando vem cá e trás uma amiga para pedir autorização e não sei quê... De resto, para telefonar ao meu pai se está tudo

bem, telefona pouco. Isso chateia-me imenso. Portanto, como ela tem esta pouca atenção com o meu pai isso, logo à partida, deixa-me logo de pé atrás. Mas ele comigo é super simpática e... E tirando às vezes uma ou outra coisa que ela diz que eu não gosto, que é normal, não é? Nós não temos de gostar de tudo o que as pessoas nos dizem. Mas, pronto. Com a Maria é assim a pessoa com quem eu tenho menos contato, é a irmã com quem eu falo menos, talvez. (...) A Luz, a Luz foi assim a irmã que eu tenho com a relação mais controversa. Ou seja, nós no princípio quando éramos miúdas dávamos-nos bem, tínhamos algumas discussões, porque eu era muito possessiva em relação às coisas e era muito mau feito (...) mas pronto, sempre nos demos muito bem e não sei quê. Para aí a partir dos dezassete anos a Luz começou a ficar muito diferente, ou seja, começou a ficar super rebelde, a ignorar um bocado os meus pais e não sei quê, pronto. E isso... Quando os meus irmãos faltam ao respeito aos meus pais irrita-me solenemente. Porque eu acho que nós temos uns pais impecáveis, que sempre nos deram a liberdade toda, que nunca exigiram muito de nós, percebes? Sempre nos educaram de uma determinada maneira e tudo mais. E quando eles falham com as obrigações deles [enquanto filha/os], só porque sim, porque neste caso é mesmo só porque sim, não têm razões para isso, porque se tu me disseres... Ah, eu vou falar e ser malcriada com os meus pais porque os meus pais me violaram, porque os meus pais são drogados, tudo bem. Agora os meus pais não são nada disso, sempre tiveram em casa um ambiente familiar super estável, sempre nos deram o que nós precisávamos e não sei quê... E mesmo assim eles falham com as obrigações deles isso é uma coisa que me chateia imenso. E a Luz está a fazer isso quando [descrição de situações] e ela está super diferente, ou seja, a minha relação com ela tem-se deteriorado muito ao ponto de... Eu não estou com ela tipo, dois ou três dias por semana, às vezes não a vejo (...) por isso, nós passamos imenso tempo sem nos falar, antes falávamos de tudo, tínhamos uma relação super aberta e agora não falamos muito (Matilde Sá, 24 anos).

Uma partilha (in)evitável

A dimensão obrigatória que as fases da infância e da juventude acarretam, são reveladoras de uma partilha inevitável neste modelo. Porque são nestas duas primeiras fases que a/os irmã/os, forçosamente, se encontram a viver em conjunto. Desenvolvem-se atividades em conjunto, partilham-se os brinquedos e as brincadeiras, usam-se roupas similares, mas com o advir da fase adulta esta partilha inevitável, passa a ser evitável. Matilde Sá identifica que a sua relação com as suas irmãs era muito mais próxima fisicamente na idade da infância, do que na fase da juventude

Até uma certa idade eu e a Luz tínhamos uma divisão cá em baixo que se chamava a casa das bonecas. Era mais ou menos deste tamanho e tínhamos tudo, tudo, tudo cheio de brinquedos. Portanto, passávamos horas, e horas, e horas a brincar. Depois como a casa é grande, às vezes, íamos para o sótão brincar às professoras (...) até quando a Maria estava cá ela brincava imenso connosco e tudo mais. Depois começámos a crescer e começamos um bocado, a deixar de essas atividades. Começámos a escolher caminhos diferentes, depois a diferença de idades começa a ser muito importante, percebes? E as turmas, e as áreas, e tudo mais (...) Em relação às tarefas nós

sempre tivemos empregada, portanto, nunca tivemos de tratar de roupa, nem nada disso (Matilde Sá, 24 anos).

A partilha das tarefas domésticas neste modelo não tem uma grande expressão, porque todos os membros identificados afirmaram que essas questões eram relegadas para pessoas que estavam encarregues dessas questões (como empregadas domésticas). Já na questão dos cuidados, a partilha complexifica-se. Matilde Sá ao falar sobre a perspectiva dos cuidados de saúde relativamente à sua mãe e ao seu pai, denota o receio que tem de ficar sozinha, com esse encargo. Explica-o, ilustrando com episódios anteriores das atitudes da/os irmã/os

A Luz é capaz de ignorar completamente. A Maria é capaz de estar completamente nas tintas e não querer saber. Estás a ver? A mãe dela vai para o Brasil e ela não telefona à mãe. Ela não quer saber, nem da mãe, nem do pai. Ela está completamente noutra. Está a viver a vida dela, não quer que a chateiem, pronto. Está noutra, portanto, acho que ela vinha cá, estava cá um dia ou dois picar o ponto e ir-se embora. O Rafael, o Rafael com as pessoas de idade, o Rafael faz-me um bocado de confusão. Porque quando era com a minha avó e a minha tia Mimi, quando começaram a ficar doentes e mais velhotas ele, raramente, ia lá vê-las. Não ia. Estava em [local] mas não ia lá vê-las. Portanto, não sei até que ponto é que ele faria isso com os pais dele (Matilde Sá, 24 anos).

Uma vivência “cerimonial”

Neste modelo a proximidade geográfica e a proximidade relacional encontram-se a par. Enquanto a/os irmã/os partilham a mesma casa, o mesmo grupo de amiga/os e se encontram, precisamente, pela convivência diária e habitacional a relação perdura. Contrariamente, na fase adulta, a distância geográfica traduz-se em distância relacional. A presença na vida da/os irmã/os nesta terceira fase de vida assume um carácter facultativo. O que se verifica neste modelo é que essa partilha de vida, entre a/os irmã/os só é feita em momentos com um carácter mais formal, por exemplo, em eventos como o natal, aniversário dos ascendentes, ou outras épocas festivas. Os contatos entre os elementos da fratria são escassos e, dificilmente, a/os irmã/os têm encontros informais. Não “fazem por estar” na vida da/os irmã/os e já não se encontram obrigada/os a isso. É, também, na fase adulta que as mães e os pais têm mais dificuldade em fazer prevalecer e impor a necessidade das relações fraternas, existindo uma diluição da interferência dos ascendentes nas relações dos descendentes. Especialmente, quando um ou ambos os ascendentes morrem, a/os irmã/os ficam “por sua conta” e, perde-se um dos “nós” que sustenta a relação fraternal.

Pedro Carvalho pertence a uma fratria alargada e clarifica a questão das sociabilidades. Refere que, normalmente, só tem um contato mais próximo com uma das irmãs, sendo que, só se encontra com os restantes membros da fratria em momentos cerimoniais

Agora em termos de convívio e de viver com, e de... Partilha de afetos... Ou seja, de ser normal algum dos meus irmãos estar em minha casa a almoçar, a jantar, sem que isso se constitua um evento é a minha irmã que é a seguir a mim e que vive cá em [local] também (Pedro Carvalho, 49 anos).

Também Guilherme Mendes pertence a uma fratria alargada. Ao referir a importância que o irmão gémeo tem na sua vida e no seu quotidiano, ilustra-o contrapondo com a ausência dos outros membros da fratria.

Por exemplo, eu vejo o meu irmão Mauro uma vez por ano, vejo o Paulo às vezes três, quatro vezes por ano... Menos, quando ele está mais tempo fora, por exemplo, mas não consigo imaginar estar longe do Miguel tanto tempo. Ou deixar de o ver durante onze meses e meio, não (Guilherme Mendes, 25 anos).

Seguindo a tipologia de Coenen-Huther *et al.* (1994, *apud* Portugal, 2014, p. 208), podemos afirmar que o modelo relacional vincutivo se encontra inscrito numa tendência para o desapego. Neste modelo relacional, os laços estabelecidos entre irmã/os são fracos, a dimensão afetiva tem muito pouca presença e é essencialmente o laço sanguíneo que sustenta a relação fraterna. Os fluxos são diminutos, assim como o seu conteúdo e diversidade. Através dos discursos das pessoas entrevistadas foi possível constatar que a frequência dos contatos é escassa, o tempo despendido nas interações é bastante diminuto, os momentos de sociabilidade informal inexistentes. A influência e a interferência dos ascendentes sobre o comportamento dos descendentes é fulcral neste modelo relacional, assumindo as mães e os pais um papel de polarizadores das relações.

3.2.3 | O Modelo Companheirista

Este modelo foi analisado a partir das cinco dimensões de análise, acima referidas, que se encontram esquematizadas no Quadro 4. A definição do modelo estrutura-se em três características fundamentais. Primeiramente, a importância do laço afetivo em detrimento do laço biológico e a forma como a relação entre irmã/os se configura, sustentada no amor fraternal e na amizade. Em segundo lugar, a forma igualitária como se constitui a partilha. Finalmente, a existência de uma forte sociabilidade, consolidada em contatos formais e informais.

Este modelo relacional constatou-se, maioritariamente, nas fratrias binárias e tríades. As gerações que predominam neste modelo são, sem dúvida, as gerações mais novas e com uma diferença etária menor. Relativamente à classe social de origem foi possível verificar que é a classe média que favorece este tipo de relação fraternal.

Quadro 4 – Características do Modelo Companheirista

Consanguinidade	<ul style="list-style-type: none"> • Pouco relevante
Afetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Estruturante
Estatutária	<ul style="list-style-type: none"> • Irrelevante
Relacional	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação frequente; • Distância geográfica não se traduz em distância relacional; • Sociabilidade formal e informal; • Existência de Conflitualidade.
Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> • Existência de partilha – tarefas, material e assistencial

“Somos a/los melhores amigal/os”

O modelo relacional companheirista apresenta-se como um contraste do modelo anterior. Neste modelo, a dimensão da consanguinidade é pouco relevante, em detrimento da dimensão afetiva. Antes de se “verem como irmã/os”, veem-se como amiga/os, refletindo que o suporte da relação passa, pela dimensão relacional e, não tanto, pela biológica. A/o irmã/o é identificada/o como uma pessoa com quem se tem uma relação circunscrita nas matrizes da amizade, intimidade e confiança.

O facto de a/os irmã/os se encontrarem em idades próximas permite que haja um encontro a vários níveis: de interesses, de gostos, de etapas de vida (a entrada na escola, a mudança de escola, a primeira saída à noite, as primeiras férias com a/os amiga/os), de dúvidas (a escolha de uma área a seguir, que curso superior é mais adequado, etc.). Todas estes fatores permitem uma aproximação relacional entre a/os irmã/os e fazem, de certo modo, a vida “a meias”. Esta proximidade dos ciclos de vida fomenta, claramente, uma aproximação afetiva, porque melhor do que ninguém compreendem-se, uma vez que, se encontram, de algum modo, nas mesmas circunstâncias. Assim, muitas vezes tornam-se confidentes, porque sabem que podem contar com o apoio da/os irmã/os. Mariana Castro revela que quando precisa de conselhos recorre, maioritariamente, à sua irmã devido à confiança que deposita nela

No dia-a-dia a quem é que pedes conselhos?

Lá, está... Depende sempre. Não é? Eu se estiver muito aflita, sobre algo assim pessoal, ou assim, vou pedir conselhos à Mafalda, não é, que é minha irmã, sei lá... a Mafalda normalmente é a que sabe tudo. Porque acho que há um nível de confiança diferente. Porque nós, apesar, de eu... (...) A minha irmã é a minha irmã, estás a ver? Então costumo contar-lhe tudo. Acho que sempre recorro mais à Mafalda (Mariana Castro, 23 anos).

A partilha de ciclos de vida permite, igualmente, que existam redes de amigos em comum. A/os irmã/os companheiristas circulam nas diferentes redes de amigos, quer suas, quer nas da/o irmã/o. O círculo fraternal é alargado existindo uma convivência, muito para além da residência familiar e das dinâmicas familiares. Leonor Cunha refere que tem um grupo de amigos em comum com o irmão, sustentando que a sua relação com o irmão vai mais além das confraternizações obrigatórias. Ambos sugerem e promovem atividades conjuntas, espontaneamente

Nós temos um grupo de amigos em comum. Que até, normalmente, quando ele está cá eu vou primeiro ter com as minhas amigas, vamos beber café e não sei quê, quando elas vão para casa eu vou ter com eles [o grupo de amigos em comum] até mais tarde, temos sempre aquele grupinho de amigos em comum (Leonor Cunha, 22 anos).

O mesmo caso sucede com Maria João. Ela e o seu irmão marcavam, semanalmente, um jantar quando se encontravam os dois na Universidade de forma a poderem estar juntos. Menciona também as diversas conversas e os conselhos que surgem na sua relação com o irmão que vão muito além do plano familiar

Às vezes jantávamos juntos [ela e o irmão], muitas vezes. Quase sempre todas as semanas. Pronto, ele depois acabou o curso e foi-se embora para [cidade] e eu comecei a ir visitá-lo nas férias, porque ele estava numa terra de praia. Pronto, e ao longo demo-nos sempre... Estivemos sempre presentes, ao longo da vida, não é? Não fomos assim daqueles irmãos que se deixam de dar, ou... Não, estivemos sempre. Ao longo da nossa vida toda, até hoje (...) é que somos muito próximos. Portanto, é... Portanto, nesta altura do ano eu só tenho mais um ano que ele. Não, desculpa, ele agora vai fazer em julho e ficamos até ao final do ano só com um ano de diferença. Portanto, não havia aquela coisa da irmã mais velha, a quem nós pedimos conselhos. Acho que era, era tudo igual. Portanto, eu sou amiga de amigos dele. Ah, portanto, são mais amigos dele mas, ok, damo-nos perfeitamente, ele também conhece pessoas amigas minhas, os meus colegas. Estás a ver? Como éramos muito próximos dá para haver essa mistura. Eu, às vezes, pergunto-lhe opiniões porque... Mas porque ele tem, tem aquela profissão. Somos de ciências, embora, não sejamos da mesma área, somos do mesmo meio, universitário, o meio académico. E isso é bom. Pronto, seria bom na mesma se fosse de outro meio qualquer, mas como é do mesmo meio Universitário, às vezes, é bom conversarmos sobre coisas... Sobre carreiras, sobre hipóteses, sobre projetos. Por acaso eu gosto imenso (Maria João Almeida, 51 anos).

Toda esta partilha de vida, de redes sociais, de experiências, promove a cumplicidade. A/os irmã/os tentam sempre proteger-se, tal como uma equipa. Não lutam só entre si, mas também para si. Isto é, devido à disposição de cumplicidade que detêm, não têm quaisquer problemas em entrar em desacordos, porque sabem que o desacordo não questiona a relação. E, quando é necessário, fazem-no igualmente com os ascendentes, tomando um papel de mediação com as mães e os pais, intercedendo uns pelos outros. Rodrigo Cunha, irmão de Leonor, conta que sempre protegeu a irmã, da mãe e do pai. Exemplifica a cumplicidade existente entre os dois através de uma situação específica

Em relação a isso de beber uns copos, e ficar mal, aí protegemo-nos bué um ao outro. Tanto que a minha irmã só foi apanhada algumas vezes e foram aquelas que eu não consegui controlar. Nisso aí protegíamo-nos bué (Rodrigo Cunha, 23 anos).

“Partilhamos tudo”

A partilha é favorecida pela proximidade etária. Quando os elementos da fratria se encontram em fases próximas tendem a partilhar os objetos entre si. Mafalda Castro fala das partilhas e das trocas

Cada uma de nós tinha o nosso quarto. Pronto, vivemos lá durante algum tempo na sala, mas depois, quando ficou tudo construído cada uma teve o seu quarto. Sempre tivemos de partilhar muita coisa. Tanto que agora nós compramos as coisas um bocado a meias, sempre. Quando foi lá para casa, o secador, a gente comprou a meias, o não sei quê compramos a meias... Porque tínhamos que partilhar, era complicado. A Mariana, às vezes, queria estar no computador, ou queria estar a dormir, e eu queria ir para o computador, e eu não queria saber se ela estava a dormir ou não. Mas... Partilhamos bem as coisas. Trocamos bastantes coisas, uma com a outra (Mafalda Castro, 21 anos).

Pedro Carvalho, também, conta sobre a partilha material

Nós os três houve uma altura que, ainda me lembro, ou seja... A moda e não sei quê e tal, e lembro-me que nós tínhamos três *pullovers* de cores diferentes que todos os três vestíamos. Houve uma altura em que eu cresci mais do que os outros e tal, depois já não dava. Mas era tudo partilhado, dentro do possível. Com o meu irmão, com a minha irmã já era mais complicado porque as roupas eram diferentes. Mas, lembro-me deste caso concreto dos *pullovers* um de cada cor, a minha mãe tinha comprado um diferente para cada um, e nós trocávamos, indistintamente, uns com os outros (...). Sim, ou seja, era, era... Estou-me a lembrar, para além da roupa, o que é que nós poderíamos... Partilhar mais... Ah, partilhávamos lá os livros, havia aquela coisa na altura, que nós tínhamos que ficar com os livros que, para nós, era uma seca, não é? Estar lá... Portanto, os mais velhos não é? A ideia era não estragar os livros para ficar para o teu irmão. De facto, quando eu tinha o livro já... Depois tinha aquela questão de... Chegar à escola com o livro e depois o professor dizia, então, mas agora já não é essa edição, é a edição mais à frente. Depois a minha mãe dizia, então, mas pergunta lá ao professor se não, se não dá para ser essa edição. Portanto, esta coisa. Portanto, eu sentia-me a pessoa mais infeliz (Pedro Carvalho, 49 anos).

A partilha das tarefas domésticas bem como os cuidados ou a perspetiva desses mesmos cuidados deve ser, igualmente, referida. A posição de horizontalidade entre irmã/os proporciona-lhes a imagem da responsabilidade mútua, ou seja, reconhecem que têm de partilhar não só os bens materiais mas, similarmente, as responsabilidades enquanto filha/os. E essa consciencialização está presente nos discursos.

Leonor Cunha fala sobre a divisão das tarefas domésticas

Nós, por exemplo, tínhamos uma coisa que foi um pacto, ainda antes de irmos estudar para fora que nós fizemos, que era. Ele [o irmão] ia ao

supermercado e despejar o lixo. E eu ou ia descascar batatas, ou ajudar a minha mãe a fazer o jantar ou assim. Ele tinha aquelas tarefas e eu tinha as minhas. Então quando pediam a um para fazer as tarefas do outro, ah não, isso é dele, ele é que vai fazer. Ah, não sei quê... Não, não! Vai ele. Sempre foi assim (Leonor Cunha, 22 anos).

Francisco explica como se geriram os cuidados com a sua mãe, revelando que houve uma partilha consensual com o seu irmão

Nós começámos a ver que ela não podia continuar assim [sozinha em casa]. Não podia continuar a estar sozinha em casa, portanto... Porque, pronto, nós não estávamos descansados porque ela já tinha alguma dificuldade de se movimentar. Houve um fim-de-semana que lhe dissemos, mãe, isto não pode continuar assim. E ela disse, ah não sei que, não sei quê. E nós dissemos, não pode estar aqui sozinha em casa. A senhora pode escolher para onde quer ir, se é para a nossa casa, é para a nossa casa, Nós os dois irmãos, tanto um como o outro, onde quiser. Vem para nossa casa, se não quiser, está inscrita em [local] vai para a instituição. E ela preferiu ir para [local da instituição] (...) nós vínhamos cá com alguma regularidade e, por vezes, levámo-la para [local de residência dos filhos] quer um, quer outro, levámo-la para a nossa casa, para [local de residência dos filhos] algumas vezes. Vínhamos cá e íamos busca-la para almoçar e passar o dia connosco quando cá estávamos e... Passeios com ela e tudo mais (Francisco Correia, 77 anos).

“Sempre foi fácil”

A relação entre irmã/os neste modelo é caracterizada pela “facilidade” com que se institui. Se na infância e na juventude a/os irmã/os se encontram próximos ao nível geográfico, através da coabitação, muitas vezes, a fase adulta fomenta uma distância física (por exemplo, as saídas para a faculdade ou as saídas do país devido ao mercado de trabalho). No entanto, essa distância geográfica não é reveladora de uma distância relacional. Os elementos das fratrias identificaram que, facilmente, se adaptam às diferentes situações que têm de enfrentar, isto é, tanto hoje a/os irmã/os podem estar junta/os, como posteriormente pode acontecer o contrário, não são essas mudanças geográficas ou a diminuição dos contatos físicos que enfraquecem ou originam ruturas nas relações. Muito pelo contrário, adotam estratégias para lidar com essa distância geográfica, e manter a proximidade relacional que detêm. Utilizam as novas tecnologias para manter o contato diário (através da troca de e-mails, chamadas via Skype, etc.), combinam fins-de-semana e férias em locais geograficamente intermédios e visitas pontuais às casas de cada um/a. Quando se voltam a encontrar, referem que “é como se o tempo não tivesse passado por ela/es” e não há qualquer constrangimento introduzido pela distância geográfica. Mafalda é

a irmã mais nova e, por isso, a sua irmã mais velha saiu mais cedo de casa quando entrou no ensino superior. Mais, tardiamente, ela entrou para uma instituição de ensino superior no mesmo local que a irmã. Ao perguntar-lhe como geriu esse afastamento e essa reaproximação refere

E foi fácil, essa aproximação? Ou seja, estiveram três anos só a verem-se nas férias...

Mas falávamos bastante. Ou por telefone. Quase todos os dias a Mariana me ligava, ou eu ligava-lhe a ela. Eu ligava mais vezes. Eu dependo mais da Mariana do que ela de mim. Realmente. E eu sei disso. Foi igual, foi a mesma coisa, foi uma nova experiência. Não sei explicar, é que a Mariana não é só minha irmã, a Mariana é minha amiga, estás a ver? Ela é minha amiga, ela está sempre lá. E então foi sempre fácil (Mafalda Castro, 21 anos).

Nuno Costa exemplifica que entre si e o seu irmão sempre houve uma grande partilha.

Sei lá em termos de pensar no dinheiro que cada um emprestou ao outro. Eu sei lá, o que é meu é dele, eu posso-lhe dar todo o meu dinheiro se ele quiser... sem me preocupar se ele me dá de volta ou não. Fomos muito habituados a partilhar tudo. E, portanto, apesar de não haver aquela proximidade [física] que havia antes, nem conversarmos muito sabemos que está sempre tudo bem, e que estamos ali sempre um para o outro, no que for preciso (Nuno Costa, 30 anos).

O modelo companheirista caracteriza-se pelos laços muito fortes entre irmã/os, sendo crucial a dimensão da expressividade (Coenen-Huther *et al. apud* Portugal, 2014, p. 208). A dimensão afetiva é basilar neste modelo relacional, tal como a/os irmã/os se descrevem, são a/os confidentes, a/os melhores amiga/os, são tudo. Os laços têm um carácter permanente, sustentado na dimensão sanguínea mas, é com base na dimensão afetiva que se conta que façam parte de toda a vida. O conteúdo dos fluxos nem sempre é intenso, tal como a sua diversidade, porque, muitas vezes, a/os irmã/os companheiristas não se encontram próxima/os geograficamente, o que impede a interação e fomenta os laços passivos, isto é, a/os irmã/os sabem que sempre que precisarem podem contar com os membros da fratria, embora, os laços não estejam continuamente ativos. Os contatos que se estabelecem são frequentes, quer de forma presencial ou não. O tempo despendido nas interações é feito não só ao nível formal (eventos festivos) como também, ao nível informal, porque neste tipo de relação fraternal, sempre que podem, a/os irmã/os encontram-se. A influência e a interferência dos ascendentes sobre o comportamento dos

descendentes é diminuta porque estes gerem as suas relações fraternais de forma autónoma.

3.2.4 | O Modelo de Aliança

O modelo de aliança, cuja síntese das características principais se apresenta no Quadro 5, identifica-se nos discursos a partir de três vetores. Em primeiro lugar, a equivalência entre o laço biológico e afetivo na definição da relação entre a/os irmã/os; em segundo lugar, a desigualdade instrumental; em terceiro lugar, pela intensidade e relevância das sociabilidades, sendo as trocas e os fluxos intensos ao longo da vida.

O modelo de aliança identificou-se em todos os tipos de fratrias (binárias, tríades e alargadas). A diferença etária que acompanha a/os irmã/os neste modelo assume alguma relevância. No que diz respeito às gerações, foi possível aliar este modelo relacional, particularmente, às gerações mais velhas e às classes sociais mais desfavorecidas.

Quadro 5 – Características do Modelo de Aliança

Consanguinidade	<ul style="list-style-type: none"> • Muito relevante
Afetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Estruturante
Estatutária	<ul style="list-style-type: none"> • Relevante
Relacional	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação muito frequente; • Proximidade geográfica e relacional; • Sociabilidade muito intensa (formal e informal); • Escassa conflitualidade.
Instrumental	<ul style="list-style-type: none"> • Partilha desigual – tarefas, material e assistencial.

“À prova de tudo”

No modelo relacional de aliança, as relações estabelecem-se a partir da consanguinidade e vão-se construindo com base na dimensão afetiva, tendo as duas dimensões um grande peso. As relações fraternais no modelo de aliança caracterizam-se por serem muito intensas. A/os irmã/os partilham uma história de vida e um “nós” relacional muito forte, em razão do tempo que passaram juntos ao longo da vida e de todos os momentos em que se encontraram. A durabilidade e a intensidade que estas relações alcançam conferem-lhe o título “à prova de tudo” porque aconteça o que acontecer, estão sempre lá. Tal como nos laços matrimoniais, o modelo de aliança assume, identicamente, o caráter permanente, afetivo e indissociável que o matrimónio carrega “na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, amando e respeitando até que a morte os separe”. A obrigação da/os irmã/os de aliança é “estarem lá, aconteça o que acontecer”.

É necessário sublinhar a (pouca) dimensão que o conflito adquire neste modelo. Mais uma vez, tal como no matrimónio, a/os irmã/os neste modelo relacional devem respeitar-se. Quer isto dizer, que o conflito deve ser evitado ao máximo, sendo constantemente minorizado. As características pessoais de cada irmã/o tendem a ser subvalorizadas mediante os valores de consanguinidade e, simplesmente, aceita-se o “feitio” da/os irmã/os. Os valores que se privilegiam vão ao encontro de representações, amplamente invocadas, como harmonia, consonância e conformidade. Estar em desacordo ou em conflito é sempre uma questão a evitar. De tal forma que, frequentemente, nos discursos das pessoas entrevistadas surgiram frases como “temos de compreender”, “é lá o feitio dela/e”, “temos que respeitar”, de modo a amenizar as questões que, visivelmente, são do desagrado da/os irmã/os.

Nunca calha a toda/os

Ao nível das questões instrumentais, por exemplo, a assistência nos cuidados de saúde dos ascendentes, as tarefas domésticas, o que prevalece é a desigualdade. Recaem, fundamentalmente, para um ou dois elementos da família, sendo a posição de irmã/o mais velha/o, não estar casada/o e/ou não ter filha/os, pertencer ao sexo feminino e apresentar uma situação geográfica favorável na prestação de auxílio determinantes para esta questão.

Júlia não é casada, nem tem filha/os, por isso, as suas irmãs consideram que tem maior disponibilidade para tomar conta dos pais

E ao nível dos cuidados de saúde, quando eles precisam de alguma coisa, como fazem?

Mais ou menos vamos ajudando as três, quase sempre, quase sempre...

Também estão próximas, não é?

Sim, próximas deles e próximas umas das outras. Estamos, portanto, não há aquela grande diferença de uma estar a duzentos quilómetros ou assim. Quase sempre me toca um bocadinho mais a mim, porque acham que eu sou sempre a mais disponível, não é bem o caso mas... Pronto, tento dar sempre o meu melhor. Mas quase sempre me toca ali um bocadinho (Júlia Pereira, 47 anos).

Carolina refere que ao nível assistencial, diariamente, quem está mais presente é quem está mais próximo fisicamente

Ao nível dos cuidados de saúde como é que funciona, como é que gerem os cuidados?

Não funcionam os seis... são os que estão mais presentes.

Os que estão mais próximos fisicamente...

Sim (Carolina Amaro, 57 anos).

“Sempre estive presente”

Nos discursos é recorrente as pessoas afirmarem que sempre estiveram presentes nas vidas da/os irmã/o, independentemente, da fase do ciclo de vida, infância, juventude e idade adulta. Neste modelo foi possível identificar uma grande entrega relacional por parte da/os irmã/os, ao longo de uma vida conjunta. Sempre se esteve presente, quer por obrigação, quer por reciprocidade. As características destes laços entre irmã/os caracterizam-se pelo familismo, tal como descrito por Sílvia Portugal (2014, p. 209), “simultaneamente, instrumental e expressivo, preenchendo necessidades materiais e afetivas”

As pessoas sublinham a importância que a sua presença assumiu, desde sempre, na vida da/os irmã/os e vice-versa. Apontam inúmeros acontecimentos que, para ela/es marcaram a sua vida conjunta. Desde os mais marcantes: os casamentos; os nascimentos da/os filha/os; os nascimentos da/os sobrinha/os; os batizados; a perda de familiares, assumindo um carácter de destaque, a morte dos ascendentes; os divórcios. Aos menos marcantes e com um carácter mais frequente e diário: chamadas diárias; passeios aos fins-

de-semana; férias conjuntas; levar a/os sobrinha/os à escola; participar nas festas de aniversário; suporte em situações de urgência; apoio assistencial, etc. A existência de uma proximidade geográfica ao longo da vida permitiu, uma proximidade relacional e uma presença muito intensa nos diferentes momentos da vida.

Rita Albuquerque fala sobre o impacto que tem na vida da sua irmã, e o que a sua irmã tem na sua numa perspetiva longitudinal

Sinto que agora estamos mais ligadas uma à outra [entre irmãs]. Primeiro porque a vida assim o condicionou... porque depois eu tive filhos e ela ajudame nos filhos, nas minhas filhas, ajudou-me a criá-las, depois ela tem filhos e eu estou sempre... também não somos aquelas irmãs que estamos distantes geograficamente (...) mas apesar de todas as nossas desavenças, de todas as nossas diferenças, de muita coisa... de não coincidirmos nas ideias, não. Somos totalmente diferentes, apesar de tudo isso, eu não conseguiria estar separada, não era só fisicamente, ou não participar na vida da minha irmã. (...) E cria os filhos, e os filhos são criados connosco, os meus sobrinhos (Rita Albuquerque, 53 anos).

Beatriz Ferreira explica que, como a sua mãe foi sempre uma figura muito ausente, a sua parentalização gerou um laço muito forte com a irmã, fazendo parte da vida da irmã de uma forma muito intensa, de tal forma, que ao proferir o seguinte discurso emocionou-se

A minha mãe sempre foi muito despegada, então era eu sempre que estava. A minha irmã casou-se e a minha mãe não quis saber de nada. Quem fez o beberete lá em casa da minha mãe, quem lhe ajudou a organizar o casamento, fui eu. Tudo. Quando os filhos nasceram, fui eu. Eu é que estive sempre presente, eu é que cuidei deles quando a minha irmã esteve doente. Eles eram pequeninos, a minha irmã teve e tem crises (...) foi sempre comigo (Beatriz Ferreira, 62 anos).

Partindo da proposta de Coenen-Huther *et al.* (1994) é possível identificar no modelo relacional de aliança, simultaneamente, familismo e expressividade (Coenen-Huther *et al. apud* Portugal, 2014, p. 208). Neste modelo, os laços estabelecidos entre irmã/os são fortes, sustentados na importância que as duas principais dimensões – sanguínea e afetiva – assumem. Os laços fraternais têm um carácter permanente e duradouro, apoiado na consanguinidade e consistência da relação afetiva. O conteúdo dos fluxos é intenso e a sua diversidade, também. A proximidade geográfica permite trocas intensas, ou seja, a/os irmã/os estão presentes diariamente, nas mais variadas situações. Por isso, os laços fraternais são ativos nos mais diversos tipos de apoio e estão, permanentemente,

disponíveis. A frequência dos contatos é intensa e o tempo despendido nas interações é bastante elevado, pelos inúmeros momentos partilhados conjuntamente.

CONCLUSÃO

Esta investigação interrogou-se sobre o lugar das fratrias nas dinâmicas familiares, tentando colmatar a sua invisibilidade na literatura sociológica em Portugal. As atuais dinâmicas demográficas têm alterado substancialmente as estruturas familiares, a dimensão das fratrias tem vindo a reduzir-se, assim como a distância etária entre irmãos. No entanto, se outros objetos, como as relações conjugais e parentais, têm sido alvo de intensa observação, sublinhando alterações e identificando novos padrões, esta realidade tem merecido escassa atenção.

A presente dissertação procurou conhecer as relações entre irmã/os, partindo do princípio que estas apresentam características diferenciadas dos outros tipos de relações familiares e, como tal, merecem especial atenção. A hipótese principal, que orientou o trabalho, postulava que estas relações eram influenciadas pelos estilos educativos parentais, estabelecendo uma ligação entre os modelos de relação parental e os modelos de relação fraternal. O trabalho empírico veio confirmar esta hipótese inicial. As relações entre irmã/os são mediadas pelas relações entre as mães e os pais e a/os seus/suas filhos/as, revelando uma importância crucial do laço filial na definição das dinâmicas relacionais familiares.

Partindo desta hipótese inicial, a pesquisa assumiu uma postura claramente indutiva, construindo a problemática a partir dos discursos das pessoas entrevistadas. A análise das entrevistas permitiu identificar dois modelos de relações parentais (tradicional e modernista) e três modelos de relações fraternais (vinculativo, companheirista e de aliança). Estes modelos são tipos ideais, que permitem identificar características que traduzem tendências nas dinâmicas relacionais entre pais e filha/os e entre irmã/os.

As características de cada modelo e as relações entre as duas tipologias são explicadas por variáveis estruturais como a classe, a geração ou o meio geográfico. Na análise dos discursos percebe-se a importância da descoincidência entre as práticas e as representações. Falar da “nossa família”, dos “nossos”, reveste-se de um significado particular. Devem-se amar as mães e os pais, independentemente, das suas qualidades e dos seus defeitos ou daquilo que fazem (ou não) pela/os filha/os. O mesmo se passa com as irmãs e os irmãos. Se ao nível das representações, o amor fraternal é omnipresente, no

âmbito das práticas, as situações são muito diversas. Não se amam toda/os por igual, nem com a mesma intensidade. E o amor fraternal é mediado pelo amor parental.

A análise das práticas educativas parentais, através dos discursos da/os filha/os, permitiu identificar dois modelos tipos ideais. Estes dois modelos que, teoricamente, opõem o tradicional ao moderno, o novo ao antigo, revelaram-se nas entrevistas como simultâneos no(s) tempo(s). Práticas educativas consideradas ultrapassadas perpetuam-se na atualidade, revelando continuidades. Contrariamente, nas gerações mais velhas foi possível identificar práticas educativas modernistas, demonstrando a dificuldade de traçar uma linha temporal entre os dois modelos.

O modelo educativo parental tradicional distinguiu-se por se sustentar em práticas educativas conservadoras, patriarcais e desiguais. Os discursos expuseram o peso que a hierarquia familiar e o respeito pelo chefe de família assume nos quotidianos familiares. O poder patriarcal interfere em todos os domínios do dia-a-dia e é exercido sobre todos os membros da família.

Este poder hierárquico tem a sua base na ideologia do Estado Novo, juntamente, com a moldura jurídica que vigorava e reforçava este poder, contudo, a democracia não trouxe uma rutura com o modelo. A importância do poder disciplinar e do adestramento, tal como definidos por Foucault (1977), é fundamental para a definição do modelo. A vigilância hierárquica e a sanção normalizadora são dois dos mecanismos que mantêm a ordem na estrutura familiar. O zelo permanente dos pais, e a delegação de poder assumida pelas mães alimentam o medo e o respeito da/os filha/os pelos ascendentes. A sanção normalizadora que, neste caso, passa pelas punições físicas mostrou-se, igualmente, preponderante. Como foi referido, a/os filha/os neste modelo fazem uma aprendizagem por observação, através dos comportamentos das pessoas mais velhas. Não existe qualquer preocupação no sentido de ensinar, educar ou comunicar. Assim, quando a ordem não se encontra nos trâmites idealizados pelos pais, recorre-se à punição para voltar a restabelecê-la. Esta forma de punir garante não só a correção do desvio, como também, desenvolve um comportamento corretivo da/os filha/os.

As práticas parentais tradicionais sublinham e impõem a relevância da obrigação familiar, do familismo moral e do valor da consanguinidade. A família deve ser à prova de

tudo, porque nada é mais importante. Deve-se respeitar o pai, a mãe, e a/os irmã/os, especialmente, se forem mais velha/os. A hierarquia estatutária que este modelo promove, inclui, a/os irmã/os. O conflito, a desarmonia, e a discórdia devem ser questões a evitar, sobretudo, se forem pessoas do mesmo sangue. Mesmo que a dádiva material seja distinta, tal como as oportunidades concedidas às irmãs e irmãos. O modelo parental tradicional promove relações fraternais de aliança. Foi possível verificar que a/os irmã/os de aliança são à prova de tudo. Embora, reconheçam situações entre ele/as menos agradáveis, menosprezam-nas. Pois, devem-se respeitar as características pessoais de cada irmã/o. Os cuidados com os ascendentes não se partilham equitativamente, tal como a receção dos bens materiais ao longo da vida das mães e dos pais. Recae, sobretudo, nas irmã/os mais velhas e para a/os quem está mais próximo, naturalmente, incidem sobretudo sobre as filhas. A hierarquia estatutária fomenta um olhar vertical, também, entre a/os irmã/os - da/os mais velha/os para os mais nova/os. Esta obrigação é identificada ao longo de toda a vida da/os irmã/os, uma vez que, se verificou uma proximidade não só relacional como geográfica. Aconteça o que acontecer “ela/es estão lá, para o der e vier”. Porque tal como o matrimónio deve ser para toda a vida, a/os irmã/os de aliança também o devem ser. Os laços entre a/os irmã/os de aliança mostram-se fortes e ativos.

O modelo educativo modernista define-se pela importância dos afetos. Neste modelo, a/os filha/os têm um lugar de destaque nas vidas das mães e dos pais. Os ascendentes encontram-se presentes na vida da/os filha/os, diariamente e continuamente, preocupando-se quer com questões de organização familiar quotidiana, quer com assuntos de carácter pessoal e emocional. As pessoas, nos seus discursos, usam a amizade para caracterizar a sua relação parental e demonstrar a presença das mães e dos pais nas suas vidas. Este modelo destacou-se, igualmente, pela democratização. Ao contrário do anterior, todas as pessoas que constituem o agregado familiar podem ter “uma palavra” e desfrutam desse direito.

O envolvimento familiar que o modelo parental modernista implica também deve ser destacado. As atividades em conjunto que a família realiza, quer sejam mais esporádicas, como as férias de verão, épocas festivas, quer sejam mais rotineiras, por exemplo, as refeições partilhadas, ver um filme em conjunto, desenvolver uma atividade de fim-de-semana favorecem laços muito mais fortes.

O modelo modernista favorece relações companheiristas entre irmã/os. A igualdade e a democratização que as práticas parentais assumem neste modelo, favorecem, à partida, um olhar horizontal entre irmã/os. Toda/os são iguais, independentemente, do sexo ou da posição que ocupam na fratria. A paridade que é dada quer em privilégios, quer em dádivas materiais manifesta a preocupação que os ascendentes têm em não assumirem ou destacarem relações privilegiadas. A afetividade que sustenta, também, este modelo parental repercute-se nas relações fraternais. Porque o que define ambas as relações é o amor. Mais do que um vínculo sanguíneo, existe um vínculo afetivo. E é esse que prevalece. A solidez dessa afetividade esvazia as relações da sua dimensão conflitual, quer nas relações mães, pais e filha/os, quer as relações entre irmã/os - “sabemos quando brigamos que no dia a seguir já está tudo bem”. Os laços entre a/o irmã/os companheiristas são fortes, mesmo quando passivos, fazendo com que a distância geográfica não se converta em distância relacional.

E, por fim, podemos afirmar que existe um modelo híbrido parental, isto é, que combina elementos do modelo tradicional e do modernista. É esta combinação que promove relações vinculativas entre irmã/os. Este modelo sustenta, por um lado, a importância do laço de sangue, que impõe a relação e, conseqüentemente, impede a sua dissolução. Mas, por outro lado, a partir do momento em que a/os irmã/os não se encontram a coabitar junta/os, existe uma “liberdade” na forma como gerem a relação. Não se aclama a obrigação familiar e os interesses individuais prevalecem. Há que destacar que não há uma rutura total, porque a sociabilidade formal, tal como festas de aniversário, épocas festivas, entre outras, continuam a fazer parte dos rituais familiares, pela importância que é atribuída à dimensão sanguínea. É neste modelo vinculativo que encontramos laços fraternais mais fracos. A escassa afetividade, articulada com a distância geográfica, traduz-se numa distância relacional, que estabelece laços de desapego entre irmã/os.

Esta pesquisa, assumindo-se como um estudo claramente exploratório, mostra que as relações entre irmã/os merecem interesse especial por parte da Sociologia. As relações fraternais apresentam características específicas, que articulam de modo particular, no interior da família nuclear, as dimensões de consanguinidade e de afeto. A relação entre modelos educativos parentais e modelos relacionais entre irmãos fica claramente revelada

e abre pistas de investigação para a análise da complexidade da relação entre laços filiais e fraternais no interior da família.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação Portuguesa das Famílias Numerosas (2014). “Dia dos Irmãos”. Página consultada a 3 de julho e disponível em <<http://www.diadosirmaos.org/>>.

Barroso, Ana Margarida (2006). “Fratias na juventude: contributo para uma análise das relações entre irmãos numa abordagem do ciclo de vida”, *tese de licenciatura em sociologia*. Lisboa: ISCTE.

Barroso, Ana Margarida (2008). Fratias e Género: contributo para uma análise sociológica das relações fraternais. *VI Congresso Português de Sociologia*, pp. 1-12.

Beck, Ulrich (1992). “I am I’: Gendered Space and Conflict Inside and Outside the Family.” *in idem (org.) Risk Society: Towards a New Modernity*. London: Sage, pp. 103-126.

Bruschini, Cristina (1989). Uma abordagem sociológica da família. *Revista Brasileira de Estudos de População*, Volume 6, pp. 1-23.

Buisson, Monique (2003). *La Fratrie, Creuset de Paradoxes*. Paris: L'Harmattan.

Código Civil Português.

Cunha, Vanessa (2005). A Fecundidade das Famílias. In Wall, Karin (Eds.), *Famílias em Portugal - Percursos, Interações, Redes Sociais* (pp. 395-464). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Cunha, Vanessa (2005). As Funções dos Filhos na Família. In: *Famílias em Portugal - Percursos, Interações, Redes Sociais*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, pp. 465-497.

Foucault, Michel (1977). *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.

Godbout, Jacques (1995). La norme de justice dans les relations de parenté. *L'Année Sociologique*, Volume 45, pp. 351-370.

Guerreiro, Maria das Dores; Caetano, Ana; Rodrigues, Eduardo Alexandre (2008). A família (d)escrita pelos jovens: permanência e mudança de modelos de paternidade. *VI Congresso Português de Sociologia*, pp. 1-13.

- Guerreiro, Maria das Dores; Torres, Anália Cardoso; Lobo, Cristina (2007) "Famílias em Mudança: configurações, valores e processos de recomposição" in Guerreiro, Maria das Dores, Anália Cardoso Torres e Luís Capucha (Orgs.), *Quotidiano e Qualidade de Vida*, (Portugal no Contexto Europeu, vol. III), Lisboa, Celta Editora, pp. 7-38.
- Guimarães, Elina (1986). A mulher portuguesa na legislação civil. *Análise Social*, Volume XXII, pp. 557-577.
- Infopédia, Enciclopédia e Dicionários Porto Editora (2014), "Irmãos". Página consultada a 8 de janeiro e disponível em <<http://www.infopedia.pt/pesquisa.jsp?qsFiltro=0&qsExpr=irm%C3%A3o+>>.
- Instituto Nacional de Estatística (2013). "Famílias nos Censos 2011: Diversidade e Mudança". INE: Unidade de Comunicação e Imagem.
- Kellerhals, Jean; Coenen-Huther, Josette; Modak, Marianne, (1988). *Figures de L'équité. La construction des normes de justice dans les groupes*. Paris: PUF.
- Kellerhals, Jean; Trout, Pierre-Yves; Lazega, Emmanuel (1989). *Microsociologia da Família*. Lisboa: Europa-América.
- Leite, Sofia (2003). A União de Facto em Portugal. *Revista de Estudos Demográficos, em Portugal*, Volume 33, pp. 97-140.
- Marques, Ana Cristina (2008). Eu gosto muito do meu filho mas... Parentalidades entre o desejo e a realidade. *CIES-WP - Working papers*, Volume 39, pp. 1-31.
- Montandon, Cléopâtre (2005). As práticas educativas parentais e a experiência das crianças. *Centro de Estudos Educação e Sociedade*, Volume 26, pp. 485-507.
- Nunes de Almeida, Ana (2003). Família, conjugalidade e procriação: valores e papéis. In Vala, J., Cabral, M. V., Ramos, A. (Eds.), *Valores sociais: mudanças e contrastes em Portugal e na Europa* (pp. 50-98). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais
- Nunes de Almeida, Ana; André, Isabel Margarida; Lalande, Piedade (2002). Novos padrões e outros cenários para fecundidade em Portugal. *Análise Social* Vol. XXXVII, 163, pp. 371-409.

- Nunes de Almeida, Ana; Wall, Karin (1995). A família. In E. Sousa Ferreira (Eds.), *Portugal Hoje* (pp. 31-55). Lisboa: INA.
- Pais, José Machado (2008). Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea (Introdução). In: *Gerações e Valores na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais/Secretaria de Estado da Juventude, pp. 17-58.
- Pereira, Inês Teotónio (2014). “Os meus irmãos”. *Jornal i*, 7 Junho. Página consultada a 8 de junho de 2014 e disponível em <http://www.latimes.com/news/nation/updates/lat_vieques000505.htm>.
- Pordata (2014). “Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho em Portugal”. Página consultada a 8 de maio e disponível em <<http://www.pordata.pt/Portugal/Idade+media+da+mae+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>>.
- Pordata (2014). “Indicadores de fecundidade: Índice sintético de fecundidade e taxa bruta de reprodução”. Página consultada a 8 de maio e disponível em <<http://www.pordata.pt/Portugal/Indicadores+de+fecundidade+Indice+sintetico+de+fecundidade+e+taxa+bruta+de+reproducao-416>>.
- Pordata (2014). “Número de divórcios por 100 casamentos em Portugal”. Página consultada a 8 de maio e disponível em <<http://www.pordata.pt/Portugal/Numero+de+divorcios+por+100+casamentos-531>>.
- Pordata (2014). “Taxa bruta de nupcialidade em Portugal”. Página consultada a 8 de maio e disponível em <<http://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+bruta+de+nupcialidade-530>>.
- Portugal, Sílvia (2014). *Famílias e Redes Sociais. Ligações fortes na produção de bem-estar*. Coimbra: Almedina.
- Quivy, Raymond; Campenhoudt, Luc Van (2005), *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Saraceno, Chiara; Naldini, Manuela (2003), *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Segalen, Martine (1999). *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.

Shorter, Edward (1995). *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar.

Wall, Karin e Aboim, Sofia (2002). Tipos de Família em Portugal: Interacções, Valores, Contextos. *Análise Social* Vol. XXXVII, 163, pp 475-506.

Widmer, Eric (1995). D'Abel et de Caïn, Les relations fraternelles à l'adolescence.: tese de doutoramento em ciências económicas e sociais. Genève: Université de Genève.

ANEXO I – GUIÃO DE ENTREVISTA A IRMÃ/OS EM FAMÍLIAS NUCLEARES

I. Dados Sociodemográficos da/o entrevistada/o e da família de origem com os dados atuais

I.1. Composição do agregado familiar de origem:

- Parentesco
- Sexo
- Idade
- Estado Civil
- Grau de Instrução
- Profissão
- Residência no Agregado Familiar de Origem (Sim/Não)
- Localidade

I.2. Dados sociodemográficos da/o entrevistada/o:

- Local de Residência
- Profissão
- Idade
- Ordem de nascimento na fratria
- Tipo de fratria em que se encontra (Masculina, Mista ou Feminina)
- Existência de Filha/os (se sim, quanta/os)

2. História da Família de Origem

Objetivo: Obter uma descrição da história familiar da/o entrevistada/o e, especificamente, as principais mudanças após o nascimento de cada irmã/o.

2.1. Ordem de nascimento de cada irmã/o na família

2.2. (Possíveis) Mudanças após o nascimento de cada irmã/o

3. Relações com cada membro da Família.

Objetivo: Obter a descrição das relações com cada membro do agregado familiar, tentando identificar as relações privilegiadas. Ligação entre a/o entrevistada/o e cada membro da família nos seus papéis e nas suas funções. Possíveis mudanças ocorridas ao longo dos tempos.

4. Rotinas, Atividades e Quotidiano da Família

Objetivo: Ter a descrição detalhada das rotinas familiares na família de origem. Aqui incluem-se, quotidiano, férias e fins-de-semana. Narração de um dia comum, dos fins-de-semana e férias.

4.1. Tempos livres, como se ocupam, que atividades se realizam e com quem.

4.2. Distribuição de tarefas pela/os irmã/os.

5. Estilos Educativos Parentais

Objetivo: Alcançar uma descrição das práticas educativas parentais ao nível do controlo, da permissividade, da comunicação, dos afetos e da autonomia. Identificar a gestão familiar ao nível das questões materiais. Conhecer se as oportunidades dadas a cada irmã/o.

5.1. Exigências escolares e profissionais para cada irmã/o.

5.2. Questões de herança familiar.

6. Cuidados de Saúde na Família ou Perspetivas dos Cuidados

Objetivo: Perante a necessidade de cuidados, como são distribuídas as responsabilidades. Caso ainda não haja essa necessidade, como se perspectiva a gestão desse cuidado.

ANEXO II - CARACTERIZAÇÃO DAS PROFISSÕES E DA ESCOLARIDADE DAS MÃES E DOS PAIS DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

Agregado familiar	Entrevistadas/os	Escolaridade Mãe	Escolaridade Pai	Profissão do Pai	Profissão da Mãe
1	Mariana Castro	4. ^a Classe	9. ^o Ano	Camionista	Empregada Doméstica
	Mafalda Castro				
2	Beatriz Ferreira	Analfabeta	Analfabeto	Operário Corticeiro	Operária Corticeira
	Manuel Azevedo				
3	Nuno Costa	9. ^o Ano	Antigo 11. ^o ano	Operador de Resíduos	Auxiliar de Enfermagem
	André Costa				
4	Júlia Pereira	4. ^a Classe	Analfabeto	Agricultor	Doméstica
	Estrela Martins				
5	Maria Lima	4. ^a Classe	4. ^a Classe	Trabalhador Ferroviário	Guarda de Passagem de Nível
	Rita Albuquerque				
6	Francisca Henriques	4. ^a Classe	Antigo 11. ^o ano	Contabilista	Doméstica
	Gabriel Oliveira				
7	Pedro Carvalho	Licenciada	Licenciado	Diretor dos Serviços Prisionais	Professora do Ensino Secundário
	Ângela Carvalho				
8	Aurora Belém	9. Ano	4. ^a Classe	Servente da Construção Civil	Doméstica
	Ricardo Belém				
9	José Correia	Analfabeta	4. ^a Classe	Carpinteiro	Doméstica
	Francisco Correia				
10	Raquel Guedes	Licenciada	Licenciado	Farmacêutico	Técnica Superior de Tratamento Prisional
	Diogo Guedes				
11	Matilde Sá	Licenciada	Licenciado	Médico	Doméstica
	Salvador Sá				
12	Maria João Almeida	Antigo 11. ^o ano	Antigo 11. ^o ano	Bancário	Professora do Ensino Primário
	Martim Almeida				

13	Tomás Rocha	6.º Ano	6.º Ano	Agricultor	Cozinheira
	Sofia Rocha				
14	Guilherme Mendes	9.º Ano	Antigo 11.º ano	Presidente de Câmara Municipal	Empresária
	Miguel Mendes				
15	Benedita Andrade	6.º Ano	Antigo 11.º ano	Contabilista	Administrativa
	Carolina Amaro				
16	Leonor Cunha	Licenciada	9.º Ano	Sargento-Chefe da GNR	Técnica Superior de Administração
	Rodrigo Cunha				

ANEXO III - CARACTERIZAÇÃO DAS PESSOAS ENTREVISTADAS E DAS SITUAÇÕES DE ENTREVISTA

Mafalda Castro (irmã de Mariana Castro)

Data: 30 de janeiro de 2014

Local: Coimbra - casa da irmã em tempo de aulas.

Dados Pessoais: 21 anos, solteira, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Madeira

Tipo de fratria: Fratria feminina

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 1 hora e 1 minuto.

Situação de entrevista: O local da entrevista foi escolhido pela entrevistada. Uma vez que passa grande parte do tempo na casa da irmã (em tempo de aulas), Mafalda preferiu que fosse esse o local. Não houve qualquer interferência ao longo da entrevista. O guião não foi aplicado rigidamente, acabando a conversa por acontecer. No final, Mafalda chegou a dizer que não tinha “sentido” as perguntas, mas que pareceu uma conversa informal. Ao longo da entrevista tentou sempre mostrar que a sua família era muito unida e, em particular, que precisava muito da irmã. Alertou-me para uma questão, muito presente ao longo das entrevistas na/os irmã/os mais nova/os em relação aos mais velhos, que se traduz no modelo que a/os mais velha/os assumem, pois querem, na maior parte das vezes, imitá-la/os: “Porque ela está a fazer, já fez... Chega a casa conta-me e eu ah, que fascinante, também quero fazer! E não quero esperar. Se ela fez, eu também posso fazer, não é? Eu também quero fazer.”

Relação entre entrevistadora e entrevistada: No início Mafalda estava com algumas reticências. Embora tenha explicado previamente, mostrou-se com algum receio em “não

saber” responder. Com o decorrer da entrevista a Mafalda foi descontraindo e, portanto, o discurso acabou por fluir sem qualquer problema. Mostrou ser uma pessoa extremamente espontânea. Houve uma ligação positiva, e no final, Mafalda até me convidou para ir conhecer a família à Madeira.

Mariana Castro (irmã de Mafalda Castro)

Local: Coimbra - casa da entrevistada em tempo de aulas.

Dados Pessoais: 24 anos, solteira, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Madeira

Tipo de fratria: Fratria feminina

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 1 hora e 15 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu no local e no dia indicado pela entrevistada. Estivemos apenas as duas, num ambiente sossegado, sem qualquer interrupção. A entrevista foi correndo, naturalmente, sem haver um desconforto pergunta-resposta. Em muitos momentos, o discurso da entrevistada coincidiu com o da irmã, o que tornou a entrevista muito agradável, pois a relação entre as duas é muito cúmplice. Em determinadas questões do guião foi notório que Mariana e a irmã já tinham discutido/refletido sobre o assunto.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi bastante fácil conversar com a Mariana. Também, em parte, por já nos conhecermos, não houve momentos de desconforto. Para além disso, é uma pessoa muito consciente, tal como a irmã, relativamente à sua situação familiar, pelo que, não foi difícil falar “sobre ela.

Manuel Azevedo (irmão de Beatriz Ferreira)

Data: 10 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre - casa do entrevistado.

Dados Pessoais: 63 anos, casado, reformado (técnico administrativo), um filho e uma filha.

Local de Residência: Portalegre

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais velho.

Duração da Entrevista: 53 minutos

Situação de entrevista: A entrevista ocorreu no sítio e no horário que o entrevistado escolheu. Manuel falou sempre calmamente, mesmo em episódios mais dramáticos da sua história familiar. A vida de Manuel foi sempre marcada por grandes episódios de violência, de sobressalto, de grande inquietação. Mostrou um grande desgosto ao longo da entrevista pela rutura da relação com o seu irmão mais novo, repetindo essa questão várias vezes.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi bastante fácil e agradável conversar com o Manuel. No final da entrevista, após ter desligado o gravador, ainda ficámos mais uma hora à conversa. Mostrou-me fotografias da filha e do filho e, respetiva/o neta/o com um grande orgulho. Referiu também que, sente que tem uma distância com a/os filha/os, na sua relação. Disse-o com tristeza, e eu questionei se teria a ver com o seu passado familiar, por ter sido tão difícil, se teria influência nele, enquanto pai. Ele referiu que talvez tivesse sido, e disse que com grande tristeza “eu não vi os meus filhos crescer, estava sempre a trabalhar... um dia quando parei, eles já não estavam cá” [o filho mora em Faro e a filha em Itália]. Ao falar da sua relação com a sua filha e com o seu filho, disse também que, sempre que esta/e sente dificuldades ou têm problemas, raramente, lhe pedem ajuda – “é sempre com a mãe que eles falam”. Mostrou uma grande tristeza relativamente a esta situação “eles nunca me ligam, ligam sempre à mãe. Eu vou sabendo as notícias deles pela minha mulher”. No entanto, verificou uma grande vontade de fortalecer os laços com a

filha e com o filho, tentando estar muito presente na vida da neta e do neto, e referiu que quando vai visitar a filha a Itália, por vezes, vai com ela para ver o trabalho dela [a filha faz traduções em vários locais] “uma vez fui ao tribunal com ela, ela ia lá traduzir aquilo de italiano para (...) não percebia nada do que eles diziam, mas fui ver”.

Beatriz Ferreira (irmã de Manuel Azevedo)

Data: 10 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre – casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 62 anos, telefonista, casada, um filho e uma filha.

Local de Residência: Portalegre

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Segunda irmã da fratria.

Duração da Entrevista: 1 hora e 52 minutos

Situação de entrevista: Antes de começar a entrevista Beatriz mostrou-se bastante hesitante em que eu gravasse a mesma, afirmando mesmo, que já tinha recusado dar entrevistas devido ao processo de gravação. Depois, de eu lhe explicar calmamente que a gravação apenas seria ouvida por mim, ficou um pouco mais flexível e acabou por ceder.

No início da entrevista esteve um pouco apreensiva, no entanto, com o decorrer abriu-se, de coração. Partilhou episódios da sua vida, muito tristes e pessoais, e que, claramente, a magoaram e magoam muito hoje em dia. Chorou várias vezes e riu. Foi um misto de emoções quer para ela, quer para mim. Foi uma entrevista extremamente marcante. Senti que, o tema da minha dissertação, embora com todas as dificuldades que acarreta, vale a pena por expor histórias como esta. É uma filha muito magoada com a mãe, por toda a sua história de vida. Foi uma mãe para as suas irmãs e para os seus irmãos mais novas/os e uma dona de casa. Não pode brincar, nem estudar. Houve, especialmente, uma frase que me

marcou bastante quando fala sobre os últimos dias da mãe, que morreu com a doença de Alzheimer referindo uma conversa que teve com um dos irmãos “(...)oh Beatriz, tu já viste, os olhos da mães brilham quando te veem e eu dizia, ah, será? E ele, é... tu hás-de reparar que os olhos da mãe brilham quando te veem. Será remorsos? Dizia-lhe eu. Ele dizia, ah, ela também não te tratou tão mal (...) eu não tive carinho de mãe, é verdade que não. Não tive não. (...) Eu às vezes sozinha, mesmo quando estou aqui sozinha, penso, a minha vida realmente foi triste, eu não tive carinho nenhum de mãe, nunca” [a entrevistada emocionou-se bastante nesta parte].

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Ao longo da entrevista foi-se criando um laço de empatia e de respeito muito grande. Tentei mostrar bastante sensibilidade nas partes que entristeceram Beatriz, e penso que ela percebeu isso claramente. No entanto, foi muito complicado lidar com a situação. Especialmente, por ter de prosseguir a entrevista de forma cautelosa sem parecer que estava a ser “insensível”. No final da entrevista Beatriz parecia aliviada, não sei se por partilhar algumas das questões comigo, se por alguém a ouvir, e importar-se com isso.

Leonor Cunha (irmã de Rodrigo Cunha)

Data: 10 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre - casa da entrevistada

Dados Pessoais: 22 anos, solteira, técnica de desporto e bem-estar.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 52 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista foi realizada à hora marcada e no local escolhido pela entrevistada. Leonor ao longo da entrevista respondeu sempre a todas as questões, mas sempre de forma muito racional, ou seja, nunca demonstrou grande sentimento ou mesmo emoções. Leonor alertou-me para as expectativas e exigências escolares da mãe e do pai, relativamente a ela e ao irmão, quando a certa altura eu lhe pergunto, se a mãe e o pai eram igualmente exigentes ao nível escolar ela responde que “(...) eu acho que acabaram por ser mais exigentes com ele, porque ele desistia com muita facilidade. Quando ele se deparava com um problema, ele dizia logo, não consigo e metia na cabeça que não conseguia, e acabava por desistir muito facilmente. Os meus pais sempre me disseram que ele é mais inteligente do que eu, mas eu consigo melhores resultados do que ele, porque sou mais esforçada, empenho-me, e quando meto na cabeça que quero é até conseguir. Ele não, ele mesmo que queira, ele começa a ver as dificuldades e começa a desistir. Então, de certa forma, eram um bocadinho mais exigentes com ele (...)”.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: A conversa com Leonor foi bastante fácil, pois embora não tenha identificado questões muito profundas, não teve qualquer receio em falar.

Rodrigo Cunha (irmão de Leonor Cunha)

Data: 23 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra - casa do entrevistado em tempo de aulas.

Dados Pessoais do Entrevistado: 23 anos, solteiro, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais velho.

Duração da Entrevista: 53 minutos.

Situação de entrevista: Rodrigo no início da conversa estava muito nervoso com a entrevista, e com receio que não soubesse as respostas das perguntas, apesar de eu lhe explicar que eram questões sobre ele e sobre a sua família. Com o decorrer da entrevista, a conversa foi fluindo naturalmente, sem qualquer problema. No final disse-me que havia questões que o tinham feito pensar, e que a entrevista tinha sido importante para esse efeito.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito fácil falar com Rodrigo. Não houve qualquer receio da sua parte, em algum ponto ou questão. Mostrou-se sempre à vontade para falar de tudo.

Júlia Pereira (irmã de Estrela Martins)

Data: 12 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre - casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 47 anos, solteira, sócia de uma loja de móveis.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Feminina.

Dimensão da Fratria: Tríade.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã do meio.

Duração da Entrevista: 1 horas e 15 minutos.

Situação de entrevista: A entrevistada falou de tudo sem qualquer reticência, e por vezes, para se explicar melhor recorria a exemplos de amigas ou conhecidos para se fazer entender melhor. Tentava sempre responder às questões de forma muito completa, sempre a querer-se fazer “entender” e não dar apenas respostas simples e curtas. Não houve qualquer constrangimento ao longo da entrevista.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi extremamente fácil falar com Júlia. Mostrou-se uma pessoa extraordinariamente agradável, sempre a sorrir, e muito satisfeita por poder contribuir com a sua história para a minha dissertação.

Estrela Martins (irmã de Júlia Pereira)

Data: 13 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre – casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 53 anos, casada, Assistente Operacional, um filho.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Feminina.

Dimensão da Fratria: Tríade.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 21 minutos.

Situação de entrevista: A entrevistada ficou um pouco reticente com a gravação, mas depois de lhe explicar que ninguém ouviria a gravação para além de mim, não se opôs. A entrevista decorreu de forma muito formal, foi difícil obter “mais” do que estava no guião. As respostas de Estrela foram sempre muito diretas e precisas. Quando lhe pedia que me explicasse mais, ou me contasse mais, conseguia retirar “pouco mais” da sua história. A certa altura, parei de insistir na informação mais detalhada, porque já se estava a tornar um pouco constrangedor.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi muito difícil estabelecer uma relação de empatia com a entrevistada. Estrela é uma pessoa muito reservada e fala muito pouco sobre si – e senti que não o gosta de fazer, de se expor a si e aos seus sentimentos.

Francisco Correia (irmão de José Correia)

Data: 13 de fevereiro de 2014

Local: Marvão – casa de campo do entrevistado.

Dados Pessoais: 77 anos, casado, reformado (Sargento-Mor do Exército), uma filha.

Local de Residência: Lisboa.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 1 hora e 2 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista ocorreu na casa do entrevistado. Francisco falou-me da sua história abertamente, explicando várias vezes como “as coisas eram” pois, como já é uma pessoa mais velha, por vezes, algumas coisas não eram tão claras para mim, quanto para ele. Falou da sua relação com a mãe, pai e irmão sem qualquer receio, expôs-se e falou sobre os seus sentimentos, a certa altura, até acabou por se emocionar ao recordar-se de uma memória com o seu pai. Francisco levantou uma questão muito importante, relativamente à necessidade do elogio, por parte da mãe e do pai, pois embora tenha tido um percurso extraordinariamente notável, quer ao nível escolar, quer ao nível profissional, nunca teve qualquer palavra de incentivo ou de apoio.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito agradável conversar com Francisco. Apesar de ser uma figura autoritária, devido à sua profissão, consegui estabelecer uma boa ligação com Francisco. Rimo-nos e emocionámo-nos os dois. Gostei muito de conversar com Francisco, pois reviu-me na sua garra e na sua determinação ao falar sobre os seus vinte anos. De todas as entrevistas feitas ao sexo masculino, foi esta conversa que me marcou mais.

José Correia (irmão de Francisco Correia)

Data: 16 de abril de 2014

Local: Marvão – casa de campo do entrevistado.

Dados Pessoais: 80 anos, casado, reformado (Comissário da Polícia), uma filha.

Local de Residência: Lisboa.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais velho.

Duração da Entrevista: 55 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora marcada e no local escolhido pelo entrevistado. José foi um dos entrevistados que tentava sempre, afirmar e reafirmar, que a sua relação com o seu irmão e com os seus pais sempre foi uma relação muito cordial, de respeito e de amizade. As suas respostas foram sempre pautadas por valores como o respeito e a compreensão. O seu discurso foi, visivelmente, diferente do seu irmão. Nesta situação foi muito evidente a importância de entrevistar dois irmãos (neste caso) no mesmo núcleo familiar.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Não foi muito fácil falar com José. Em vários momentos da entrevista, emocionou-se em vários momentos, especialmente quando se falava da sua profissão e do seu irmão, o que dificultou um pouco o decorrer da entrevista.

Tomás Rocha (irmã de Sofia Rocha)

Data: 13 de fevereiro de 2014

Local: Marvão – café.

Dados Pessoais: 22 anos, solteiro, desempregado (licenciado).

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por um irmão e duas irmãs.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão do meio.

Duração da Entrevista: 31 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu no local e à hora indicada por Tomás. Embora tenha sentido as dificuldades das entrevistas realizadas, não houve possibilidade de marcar noutra local.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi fácil conversar com Tomás. Embora as suas respostas sejam muito diretas, não houve qualquer constrangimento ao longo da entrevista. Não é uma pessoa que fale muito, mostrou sempre ser simplista nas suas respostas, daí a duração da entrevista ter sido tão diminuta.

Sofia Rocha (irmã de Tomás Rocha)

Data: 14 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre - casa da entrevistadora.

Dados Pessoais: 23 anos, solteira, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por um irmão e duas irmãs.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 52 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista foi marcada na minha casa. Como Sofia é estudante, raramente, se encontra na casa da mãe e do pai e, por isso, tive de aproveitar da melhor forma um dia que lhe fosse conveniente, daí a minha casa ser a melhor opção. Tentei evitar,

ao máximo, um local público, porque como referi penso que as pessoas ficam mais inibidas e mais medidas nas palavras. Penso que Sofia se sentiu à vontade na minha casa, pelo menos, fiz tudo para que isso acontecesse. Ao longo da entrevista Sofia sorriu, várias vezes, e dizia “Nunca pensei sobre isto...”. No entanto, não se continha nas respostas, procurava sempre refletir sobre as questões, mesmo sendo uma novidade para ela. Na entrevista, houve uma parte que me marcou especialmente, quando se falava nos bens materiais, em que eu perguntava se considerava que os bens entre irmã/os eram idênticos, Sofia referiu um episódio muito triste, mas disse-o a sorrir, sem qualquer ressentimento “(...) porque houve um dia, houve um Natal (...) houve um Natal que eu não recebi prenda. Eu tinha o quê? Eu tinha dez anos. Não recebi prenda. A minha mãe a única coisa que fez foi escreveu-me um cartão a dizer, a pedir desculpa de não ter recebido prenda, mas que precisava de dar prenda aos meus dois irmãos [mais novos] a sério. Eu fiquei muito triste. Mas de certa forma, depois comecei a compreender. Apesar de o meu irmão ter um ano de diferença (...) custou-me imenso aquilo, mas... aquele gesto. Hoje compreendo porque, se calhar, eu tinha outra mentalidade, que eles percebiam isso em mim, e se calhar não estavam à espera... que se calhar, o meu irmão ou a minha irmã tivessem a mesma reação, então a minha irmã muito mais pequenina, nunca na vida eles iam deixar de dar prenda no Natal, o Natal é das crianças, não é? Supostamente já tinha de ter aquela maturidade que eles não tinham”.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi fácil conversar com Sofia, ela foi sempre muito simpática e preocupada em responder a tudo, em refletir.

Rita Albuquerque (irmã de Maria Lima)

Data: 13 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre - casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 53 anos, casada, Oficial de Justiça, duas filhas.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Feminina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 1 horas e 56 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu no local desejado por Rita. Foi muito curioso a marcação da entrevista porque Rita é que agendou a hora da sua entrevista e a da sua irmã. Embora eu tivesse agendado uma hora mais cedo com a irmã (Maria Lima), ela inverteu a ordem das entrevistas, e marcou a dela para mais cedo. Eu fiquei um pouco reticente com a troca, mas ela explicou-me que não havia problema nenhum, que já tinha “informado” a irmã, e que não havia qualquer problema. A certa altura na entrevista, relativamente à questão de ela ser a irmã mais velha, refere “eu ainda hoje disse olha, eu já disse à filha da D. Ana ela vai às oito à minha casa, e depois vai às nove à tua. E ela respondeu, pois claro, tu mandas”. A entrevista decorreu na sala de estar de Rita, e eu fiquei um pouco relutante, pois o marido estava na sala e percebi logo que não iria sair. Surpreendentemente, em momento algum, fez qualquer comentário ou referiu alguma coisa, não houve qualquer intervenção da parte dele, e Rita não se mostrou em nada intimidada pela sua presença. Contou-me, sem receios, alguns episódios mais íntimos e marcantes da sua vida, relativamente à violência psicológica que o seu pai exercia sobre a sua mãe. No final da entrevista, como se alongou mais do que o previsto, questionei Rita se ainda seria oportuna a hora para a sua irmã, ou se seria mais indicado remarcar para outro horário, mais uma vez, ela ligou-lhe e afirmou que eu estava a sair, e portanto, dentro de cinco minutos estaria na sua casa, sem dar grande oportunidade de escolha.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi muito agradável conversar com Rita. Explicou sempre tudo em grande detalhe e com muita simpatia.

Maria Lima (irmã de Rita Albuquerque)

Data: 13 de fevereiro de 2014

Local: Portalegre – casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 45 anos, divorciada, Oficial de Justiça, um filho e uma filha.

Local de Residência: Portalegre.

Tipo de fratria: Fratria Feminina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 1 horas e 10 minutos.

Situação de entrevista: Como já referi anteriormente, a entrevista de Maria acabou por ser mais tarde do que a hora marcada. Comecei logo por me desculpar, pois sabia que já era muito tarde. Rita referiu várias vezes que não havia problema nenhum, e que por ela, não fazia mal. A entrevista decorreu naturalmente, ou seja, felizmente a hora tardia não foi um fator negativo para o decorrer da entrevista. Ao longo da nossa conversa, Maria mostrou-se sempre uma pessoa muito reflexiva, consciente das suas relações familiares, nos aspetos mais positivos, e nos mais negativos. Maria impressionou-me pelas memórias da sua infância, e da adolescência da irmã. A mãe de ambas estimulava sempre a presença conjunta, embora tivessem oito anos de diferença. E isso marcou-a imenso. Outra questão que ela apontou, já referida anteriormente, foi a questão da ausência de elogios ou de palavras de incentivo, ao longo do seu percurso, por parte da mãe e do pai.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Gostei imenso de conversar com Maria, Há que frisar também, que apesar do meu atraso, foi uma pessoa extremamente recetiva e agradável.

Aurora Belém (irmã de Ricardo Belém)

Data: 25 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra - casa da entrevistada em tempo de aulas.

Dados Pessoais: 22 anos, solteira, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Castelo Branco.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 1 hora.

Situação de entrevista: A entrevista realizou-se na data e local escolhido por Aurora. Esta entrevista marcou-me, especialmente, pela profunda desigualdade entre Aurora e o irmão, Ricardo, devido ao sexo de cada um. Embora seja uma fratria mais jovem, está tão assinalada em certos momentos, como as fratrias mais velhas. O discurso de Aurora revela, precisamente, as permanências que existem, no nosso país, e que as pessoas julgam já extintas. Não só pela desigualdade entre homens e mulheres, como também, pela realidade familiar. Aurora e Ricardo, apesar de estudarem, os fins-de-semana e “férias” escolares são, no atual sentido da palavra para as gerações mais novas, inexistentes. Os seus tempos livres são caracterizados por uma série de trabalhos no campo, que correspondem às necessidades/exigências da mãe e do pai.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Embora a entrevista tenha corrido bem, e Aurora tenha respondido a todas as questões de forma completa, senti que podia ter “puxado” mais pela entrevista e não o fiz, mas nem sei bem porquê. Penso que como eu e Aurora já nos conhecemos há vários anos, por vezes, posso ter explorado pouco certas questões por já as conhecer de perto. Senti alguma frustração.

Ricardo Belém (irmão de Aurora Belém)

Data: 25 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra - casa do entrevistado em tempo de aulas.

Dados Pessoais: 17 anos, solteiro, estudante do ensino secundário.

Local de Residência: Castelo Branco.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 28 minutos.

Situação de entrevista: Relativamente ao grupo de entrevistada/os mais nova/os Ricardo foi, sem dúvida, a entrevista mais difícil de fazer. Tive dificuldade em me fazer entender. Como as perguntas do guião remetem para respostas mais gerais e amplas, ou seja, não pretendem definir uma resposta objetiva e concisa, isto revelou-se um grande problema nesta entrevista. Em vários momentos, vi Ricardo muito nervoso pois, embora eu reformulasse as questões de uma forma mais simples, nem sempre - ou quase nunca - me conseguia fazer entender. Tentei várias vezes dar exemplos, com o intuito de ajudar, mas nem mesmo assim. A certa altura, parei de insistir, embora tivesse colocado todas as questões do guião, porque vi, nitidamente, que Ricardo estava muito incomodado com a situação. Senti-me desapontada por não ter conseguido adaptar-me ao entrevistado, e mais ainda, por sentir que ele estava desconfortável.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito difícil falar com Ricardo. Senti que ao longo da entrevista foi ficando cada vez mais nervoso.

Raquel Guedes (irmã de Diogo Guedes)

Data: 24 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra – Café.

Dados Pessoais: 17 anos, solteira, estudante do ensino secundário.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por dois irmãos e uma irmã.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 38 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora e no local marcado por Raquel. Apesar de ser mais jovem, a nossa conversa fluiu de forma natural, não havendo um grande constrangimento pergunta-resposta. Raquel, ao longo da entrevista, referiu inúmeras vezes a dificuldade de lidar com os dois irmãos mais velhos. Como ela é a irmã mais nova, sente que muitas vezes, é extremamente controlada por eles. Por vezes, a mãe e o pai permitem determinadas coisas (saídas à noite, etc.) e os irmãos tentam contestar a palavra de ambos, referindo que ela é nova de mais para “essas coisas”.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi fácil falar com Raquel, é uma rapariga bastante simpática, direta e espontânea.

Diogo Guedes (irmão de Raquel Guedes)

Data: 4 de Março de 2014.

Local: Coimbra – Café.

Dados Pessoais: 20 anos, solteiro, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por dois irmãos e uma irmã.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão do meio.

Duração da Entrevista: 42 minutos.

Situação de entrevista: Cheguei ao local da entrevista um pouco depois da hora. Estava um pouco preocupada, pois como não conhecia Diogo, não sabia bem o que esperar. No entanto, este mostrou-se bem-disposto e disse que não havia qualquer problema. No início Diogo estava um bocadinho nervoso, pois como não nos conhecíamos gerou-se ali um momento de timidez. Antes de começar a entrevista estive a explicar-lhe no que consistia e também falámos de coisas mais gerais. Depois de cinco minutos à conversa, iniciei a

entrevista. Diogo despertou-me para uma questão interessante, acerca de ser o irmão do meio, referiu algures na entrevista que era complicado gerir essa questão, uma vez que, quando se colocava de “um lado”, como era o irmão do meio, era acusado de estar a posicionar-se perante o irmão ou a irmã.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi fácil falar com Diogo, embora os primeiros dez minutos tenham sido mais constrangedores, depois na entrevista revelou-se uma empatia entre nós.

Guilherme Mendes (irmão de Miguel Mendes)

Data: 4 de Março de 2014

Local: Coimbra – Café.

Dados Pessoais: 25 anos, solteiro, enfermeiro.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por quatro irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo – gémeo.

Duração da Entrevista: 45 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora marcada pelo entrevistado, e no local escolhido pelo mesmo. O entrevistado respondeu a todas as questões que lhe foram colocadas, de forma clara, sempre muito calmamente. Quando era necessário recorria a exemplos, mas muito pontualmente. A conversa foi mais superficial, pois Guilherme não é uma pessoa de grandes demonstrações afetivas, no entanto, na parte final, referiu com grande sentimento que, se algum dia se tivesse de separar do seu irmão gémeo (por circunstâncias várias), não conseguia imaginar como seria.

Nesta entrevista, embora não tivesse apressado o entrevistado, na parte final não explorei tanto como seria desejável. Isto porque, o entrevistado chegou um pouco atrasado, e o

horário acabou por se estender mais do que era previsto, e com outra pessoa à espera. Senti-me um pouco frustrada por não ter conseguido contornar a situação de outra forma.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito fácil conversar com Guilherme, pois a sua postura foi sempre muito cordial e ponderada.

Miguel Mendes (irmão de Guilherme Mendes)

Data: 21 de março de 2014

Local: Coimbra – Café.

Dados Pessoais: 25 anos, solteiro, enfermeiro.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por quatro irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo – gémeo.

Duração da Entrevista: 40 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora marcada e no local escolhido por Miguel. Foi um pouco difícil agendar a entrevista, porque o entrevistado trabalha sempre muitas horas seguidas, e vários dias seguidos. Miguel tentou sempre, ao longo da entrevista, dizer que a sua família era muito feliz e muito unida. Disse que a pessoa com quem estava mais próxima era o seu irmão gémeo, Guilherme. Perguntei se considerava que essa relação se devesse à sua condição – irmão gémeo – ou seja, por estarem em fases idênticas, terem frequentado a mesma escola, o mesmo curso superior e até, partilharem o grupo de amigos. Miguel respondeu que, supunha, que tinha a ver com o percurso de vida, de ambos. Ao longo da entrevista referiu, tal como o irmão, vincadamente, que a “sociedade os comparava”, mais do que com os outros irmãos, porque eram “fáceis de comparar” – pela sua condição de gémeos e por terem percursos de vida semelhantes.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi fácil falar com Miguel. Apesar do seu notável cansaço pois, como é enfermeiro tinha trabalhado um grande número de horas seguidas, e viu-se em vários momentos, que estava extremamente cansado.

Nuno Costa (irmão de André Costa)

Data: 28 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra – casa da entrevistadora.

Dados Pessoais: 30 anos, solteiro, Investigador numa empresa.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais velho.

Duração da Entrevista: 1 hora e 22 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora e na data marcada pelo entrevistado. Preferiu que fosse na minha casa, e depois da entrevista conclui que tinha sido a melhor opção. Miguel contou-me detalhes muito pessoais da sua vida, que caso estivéssemos numa café ou noutra local público não seria tão confortável. Quando lhe coloquei a primeira questão, ele brincou dizendo que era muito pessoal. Disse várias vezes, ao longo da entrevista, que nunca tinha “pensado nisso”, no entanto, nunca deu uma resposta fechada, muito pelo contrário, esforçou-se sempre por tentar encontrar uma resposta e palavras que descrevessem aquilo que estava a sentir e a pensar.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito fácil falar com Miguel. Embora ele não estivesse à espera de perguntas “tão pessoais” foi sempre muito agradável e simpático.

André Costa (irmão de Nuno Costa)

Data: 4 de março de 2014

Local: Via Skype.

Dados Pessoais: 25 anos, solteiro, Engenheiro de Computação.

Local de Residência: Suíça.

Tipo de fratria: Fratria Masculina.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 1 hora e 3 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu na data e hora sugerida pelo entrevistado. A ligação à internet da parte do entrevistado teve algumas falhas e, por isso, por vezes a chamada caiu. Mas não foi impedimento para a realização da entrevista. André foi-se sentindo mais à vontade, com o decorrer da entrevista, e mais, viu-se um crescente interesse à medida que as perguntas avançavam. Mais uma vez, referiu-me a importância do irmão mais velho, pelo seu exemplo. Afirmou mesmo que, em grande parte, o interesse pela sua profissão fomentou-se devido ao irmão.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi fácil conversar com André. No final da entrevista, confessou-me que a entrevista tinha sido muito mais interessante do que estava à espera. Disse também que, ficou surpreendido pela reflexividade a que as questões aludiam, e que teria muito gosto em ler os resultados da dissertação.

Maria João Almeida (irmã de Martim Almeida)

Data: 19 de abril de 2014

Local: Portalegre – casa da mãe e do pai da entrevistada.

Local de Residência: Lisboa

Dados Pessoais: 51 anos, divorciada, Investigadora Bioquímica.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais velha.

Duração da Entrevista: 57 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu no local e à hora marcada por Maria João. No início da entrevista foi um pouco complicado, como esta se realizou na sua residência de origem, a sua mãe, inicialmente, interveio várias vezes. Ao fim de pouco tempo deixou-nos a sós, o que melhorou, claramente, a situação de entrevista. Maria João não teve grandes reservas ao falar da sua história, falou abertamente. Descreveu, detalhadamente, a sua relação com cada membro do núcleo familiar e, também, as mudanças ao longo dos tempos. Identifica a questão de género, como um fator estrutural na sua vida e nas suas escolhas.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi muito agradável falar com Maria João. Embora no início tivesse sido um pouco complicado, à medida que a entrevista ia decorrendo houve uma grande empatia.

Martim Almeida (irmão de Maria João Almeida)

Data: 3 de maio de 2014

Local: Portalegre – casa da mãe e do pai do entrevistado.

Dados Pessoais: 49 anos, casado, Professor Universitário, uma filha.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Binária.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 25 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora marcada e no local escolhido pelo entrevistado. Ainda tentei interceder, para que fosse em outro lugar, mas sem sucesso. Isto porque como a entrevista foi em casa da sua mãe e do seu pai, por vezes, é complicado gerir a privacidade e o espaço. Felizmente, a mãe e o pai não estavam no momento da entrevista, o que facilitou o seu decorrer.

Martim não se mostrou uma pessoa de “grandes palavras”, embora, eu tentasse incentivá-lo a acrescentar detalhes no decorrer da entrevista, dificilmente isso aconteceu.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi fácil falar com Martim mas não se estabeleceu uma grande empatia.

Francisca Henriques (irmã de Gabriel Oliveira)

Data: 21 de fevereiro de 2014

Local: Coimbra- Casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 59 anos, casada, Engenheira Eletrotécnica, dois filhos.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por dois irmãos e uma irmã.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 56 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu no local indicado por Francisca e à hora marcada. A entrevistada abordou todas as questões de forma clara e profunda. Contou a sua história, de forma natural, e muitas vezes, sorria ao lembrar-se das recordações. É, claramente, uma história alegre. Senti-me bem a ouvi-la, porque na maior parte das vezes,

as histórias das gerações mais velhas foram, literalmente, dramáticas. Neste caso, isso não aconteceu, e para mim foi como uma “lufada de ar fresco”.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi fácil conversar com Francisca, pois é uma pessoa muito simpática e deixou-me completamente à vontade.

Gabriel Oliveira (irmão de Francisca Henriques)

Data: 4 de março de 2014

Local: Coimbra – casa da irmã do entrevistado.

Dados Pessoais: 69 anos, casado, reformado (Bancário), duas filhas.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Tríade, composta por dois irmãos e uma irmã.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais velho.

Duração da Entrevista: 52 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu na casa da irmã do Gabriel. Não teve qualquer interferência ao longo da entrevista. Ao longo da entrevista Gabriel tentou sempre frisar que eram uma família de respeito e que correu sempre tudo bem. Mostrou-se uma pessoa muito “atenta” à política tentando, várias vezes, levar a conversa para essas questões. O entrevistado nunca aprofundou muito as questões, tendo um discurso muito ligeiro ao longo da nossa conversa. A questão dos sentimentos e da ligação emocional à família foi sempre exposta de forma muito geral.

No início da entrevista, conheci a mãe da/o entrevistada/o. Disse-me, a brincar, que se precisasse de uma senhora de noventa anos que estava disposta a dar-me uma entrevista. Expliquei-lhe, juntamente com a filha, que a dissertação só abordava irmã/os e, portanto, que infelizmente não era possível.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Apesar de João ser muito superficial nas questões mostrou-se uma pessoa muito agradável. No final, disse-me que esperava que tivesse ajudado.

Pedro Carvalho (irmão de Ângela Carvalho)

Data: 6 de março de 2014

Local: Coimbra – Local de trabalho do entrevistado.

Dados Pessoais: 49 anos, casado, Professor Universitário, dois filhos.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por duas irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 52 minutos.

Situação de entrevista: Iniciei a entrevista à hora marcada por Pedro, às 9h da manhã. O dia e o local foram escolhidos pelo entrevistado. Pedro falou sempre abertamente, mesmo quando partilhou momentos mais particulares e difíceis da sua história familiar. A sua história e a da/os irmã/os é muito marcada pela liberdade, pela autonomia e pela exigência escolar/profissional. Relativamente à maioria das fratrias mais velhas, tem contornos completamente distintos das restantes. Pedro também referiu uma questão importante relativamente às suas irmãs e aos seus irmãos, que se prende com a proximidade propiciada pela idade. Ao longo da entrevista refere que a sua relação é muito mais próxima com a irmã e o irmão mais novo, do que com os restantes.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Foi muito fácil conversar com Pedro, pois revelou-se uma pessoa bastante reflexiva e partilhou comigo histórias muito pessoais e íntimas.

Ângela Carvalho (irmã de Pedro Carvalho)

Data: 17 de março de 2014

Local: Coimbra – Café.

Dados Pessoais: 52 anos, solteira, Médica.

Local de Residência: Coimbra.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por duas irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Quarta irmã da fratria.

Duração da Entrevista: 1 hora e 5 minutos.

Situação de entrevista: Ângela escolheu o local e a hora da entrevista. Embora, eu tivesse compromissos para a mesma hora, optei por faltar e conversar com Ângela, porque a sua agenda era extremamente ocupada, e tive receio que não conseguíssemos encontrar outro dia. Ao início foi difícil conversar com Ângela, porque estava um pouco reticente, devido às perguntas serem um pouco pessoais. Com o decorrer da entrevista, foi-se abrindo e acabou por ir respondendo mais detalhadamente. Quando se falou, se sentia, que o nascimento do seu irmão tivesse mudado alguma coisa, respondeu, exatamente, o mesmo que o seu irmão. Que numa família tão grande, a/os mais nova/os já tinham pouco espaço para estar, portanto, que não houve grandes alterações. Quando se falou nas atividades que desenvolviam em conjunto referiu que, as suas brincadeiras e a sua proximidade sempre foi com os dois irmãos mais novos.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi agradável falar com Ângela. Embora seja uma pessoa bastante reservada, foi muito acessível. Quando terminei a entrevista ainda ficámos cerca de uma hora à conversa, a falar sobre a minha dissertação. Perguntou-me se eu já tinha alguns resultados, através das entrevistas que já tinha efetuado, e perguntou-me quais eram eles. Conversámos também sobre os novos tempos, sobre as mudanças na família, acabando por acrescentar mais algumas coisas sobre a sua família.

Benedita Andrade (irmã de Carolina Amaro)

Data: 30 de março de 2013

Local: Portalegre – casa da entrevistada.

Dados Pessoais: 38 anos, solteira, Enfermeira.

Local de Residência: Portalegre

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmã mais nova.

Duração da Entrevista: 1 hora e 16 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora marcada e no local sugerido pela entrevistada. Benedita esteve fora da amostra estabelecida (por ter menos de 45 anos) mas, decidi fazer igualmente a entrevista, porque seria a única irmã disponível para conversar comigo. Inicialmente estava previsto para a entrevista, o seu irmão, mas por motivos profissionais ausentou-se, e daí a minha opção para Benedita. Não me arrependi, em momento algum. A entrevista com Benedita foi muito rica e muito gratificante. Ao longo do seu discurso identificou várias problemáticas das fratrias e da sua família. Não teve rodeios nas coisas que disse, e não teve reticências em dizer o que realmente pensava ou sentia – coisas boas e menos boas. Apontou aquilo que, provavelmente, muitas pessoas teriam receio de dizer, pelo menos, tão diretamente.

Relação entre entrevistadora e entrevistado: Criou-se uma grande empatia entre mim e Benedita. Assim que cheguei à sua casa fez-me uma série de questões relativamente à dissertação, à temática e aos meus objetivos. Referiu que era muito interessante aquilo que eu estava a fazer, e que no fim, queria, inclusivamente, ver os resultados da minha investigação.

Carolina Amaro (irmã de Benedita Andrade)

Data: 29 de março de 2014

Local: Portalegre – casa da entrevistada

Dados Pessoais: 57 anos, casada, Professora do Ensino Básico, um filho.

Local de Residência: Portalegre

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e três irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Terceira irmã.

Duração da Entrevista: 1 hora e 30 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista foi agendada inicialmente para as 18 horas. Mas Carolina por motivos profissionais atrasou-se e, por isso, só esteve disponível às 20 horas. Considerei que a melhor opção era voltar mais tarde, porque não tínhamos as condições necessárias para a realização da entrevista.

Carolina foi muito expressiva nas suas considerações, nunca pretendeu dar respostas curtas, muito pelo contrário, esteve sucessivamente a dar explicações, pois os seus primeiros anos de vida foram passados em África e, daí, a sua necessidade de esclarecer determinadas questões. Claramente, o facto de ter vivido em África com a sua família produziu resultados, completamente, distintos das restantes entrevistas. Especialmente, pela igualdade entre irmãs e irmãos, mesmo pertencendo a uma geração mais velha.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi fácil falar com Carolina. O reagendamento da entrevista facultou, com toda a certeza, uma entrevista muito mais estruturada e focada.

Matilde Sá (irmã de Salvador Sá)

Data: 12 de abril de 2014

Local: Portalegre – casa de campo.

Dados Pessoais: 24 anos, solteira, trabalhadora-estudante.

Local de Residência: Lisboa

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e dois irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Terceira irmã.

Duração da Entrevista: 42 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora sugerida e no local indicado por Matilde. Esta entrevista, especialmente, chamou-me a atenção para as relações entre irmã/os baseadas na obrigação e nos laços de consanguinidade. Em vários momentos da entrevista Matilde aponta conflitos internos da fratria mas, refere sempre que, com base na ligação familiar, são questões que se tentam contornar, de uma forma, ou de outra. No final disse-me que a entrevista tinha sido bastante elucidativa, para ela, e que a tinha feito pensar, em várias questões.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi muito fácil falar com Matilde. Embora seja uma pessoa extremamente ponderada, teve cuidado em fazer-se explicar, e em manifestar a sua opinião e os seus sentimentos.

Salvador Sá (irmão de Matilde Sá)

Data: 7 de maio de 2014

Local: Lisboa – casa do entrevistado.

Dados Pessoais: 20 anos, solteiro, estudante do ensino superior.

Local de Residência: Lisboa.

Tipo de fratria: Fratria Mista.

Dimensão da Fratria: Alargada, composta por três irmãs e dois irmãos.

Ordem de nascimento na fratria: Irmão mais novo.

Duração da Entrevista: 40 minutos.

Situação de entrevista: A entrevista decorreu à hora mais conveniente para o Salvador e em sua casa. Antes de iniciarmos a entrevista estivemos um pouco à conversa, para que ele se sentisse um pouco mais à vontade. Foi uma entrevista muito reveladora, ou seja, Salvador não teve qualquer reticência em contar as coisas mais positivas, e as menos positivas, relativamente à sua família.

Relação entre entrevistadora e entrevistada: Foi muito fácil conversar com Salvador, em todas as suas intervenções mostrou ser uma pessoa extremamente sincera.